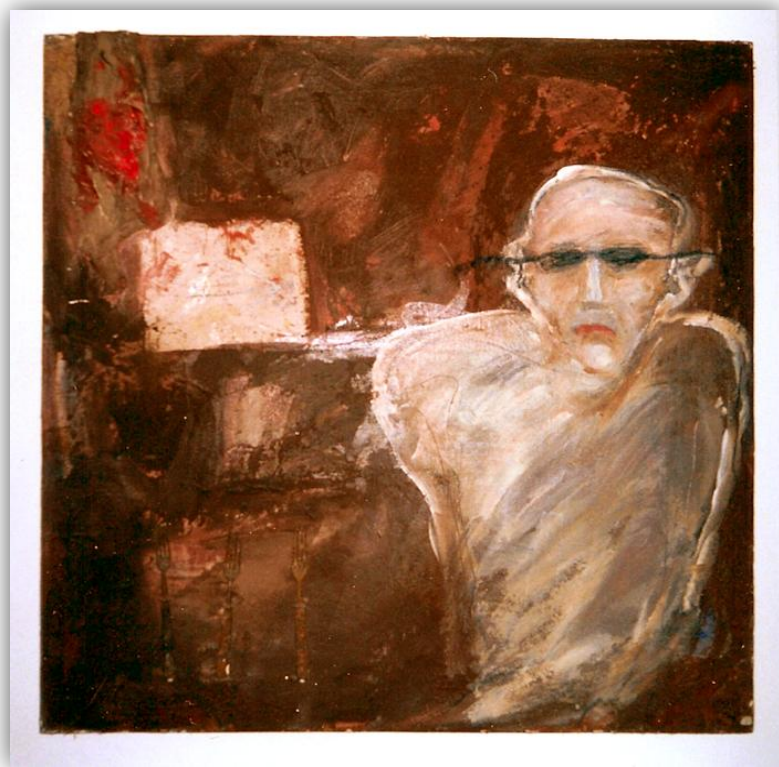


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

Percorrendo a Trajetória de Wilson Cavalcanti



Renata Peil Marques Vaz

Porto Alegre-RS

2010

Renata Peil Marques Vaz

Percorrendo a Trajetória de Wilson Cavalcanti

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Artes Visuais com ênfase em História, Teoria e Crítica da Arte na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Comissão Examinadora

Prof^ª. Dra. Blanca Brites (Orientadora)

Prof^ª. Dra. Paula Ramos

Prof. Dr. Paulo Gomes

Porto Alegre-RS

2010

Para Cava

AGRADECIMENTOS

Aos Artistas, professores

Alfredo Nicolaiewsky

Anico Herscovits

Blanca Brites

Gustavo Nakle

Maia Mena Barreto

Paula Ramos

Paulo Chimendes

Paulo Gomes

Wilson Cavalcanti

Gracias *

*Do latim *gratie*, Deusas da beleza, do encanto, da natureza, da fertilidade e da criatividade humana.

RESUMO

Este trabalho propõe apresentar um olhar sobre a trajetória artística de Wilson Cavalcanti buscando desvendar o que cerca seu fazer artístico. A pesquisa foi realizada em duas etapas, na primeira realizando um levantamento biográfico e historiográfico do artista, considerando a compilação de materiais como reportagens de jornais e revistas, fotografias, catálogos de exposições e entrevistas com artistas, fundamentado em apoio bibliográfico referente à arte no Rio Grande do Sul. Na segunda foram escolhidas algumas imagens das obras do artista que, conjuntamente ao levantamento efetuado na primeira fase, brevemente comentadas. Ambas as etapas são conjuntamente apresentadas num texto organizado e dividido numa linha cronológica subdividida em cinco décadas, permitindo ilustrar um pouco do trabalho artístico de Cavalcanti.

Palavras-Chave: Wilson Cavalcanti, arte no Rio Grande do Sul, gravura, desenho, pintura.

SUMÁRIO

Introdução	09
1 Década de 60	11
1.1 Primeiros passos num imaginário familiar	11
1.2 Descobrindo o Atelier Livre	15
2 Década de 70	18
2.1 O Convívio na Santa Isabel	18
2.2 Arte na Rua	23
2.3 Influências de Artistas	36
3 Década de 80	40
3.1 Influência Política	40
3.2 A Primeira Exposição Individual	48
3.3 A Fuga do Artista	50
4 Década de 90	61
4.1 O Artista Escritor	61
4.2 Oficina 11	75
4.3 Professor no Atelier	88
5 Última Década	92
5.1 Correndo o Risco	92
5.2 “Iluminurações”	107
5.3 “30 Anos de Mim Mesmo”	112
Considerações Finais	120
Referências	122
Anexos	126

LISTA DE FIGURAS

(*) imagem cedida pelo artista

(**) imagem digitalizada de foto cedida pelo artista

FIGURA 1: ESTAÇÃO FÉRREA DE POVO NOVO, IMAGEM CAPTURADA NA INTERNET.....	13
FIGURA 2: S/T, DESENHO, 1969(**)	16
FIGURA 3: S/T, DESENHO, 1970(**)	17
FIGURA 4: XILOGRAVURA, 1981(*).....	19
FIGURA 5: CAVALCANTI NOS ANOS 70(**).....	21
FIGURA 6: CAVALCANTI EM EXERCÍCIO DE OBSERVAÇÃO, KARIN LAMBRECHT À SUA DIREITA(**).....	23
FIGURA 7: RECORTE DE JORNAL, CORREIO DO POVO, 1974.....	24
FIGURA 8: CAVA TRABALHANDO NO MURAL, 1974(**).....	25
FIGURA 9: S/T, DESENHO, 1975(**)	26
FIGURA 10: : TIRA DE HQ EM ZH, 1975	27
FIGURA 11: TIRA DE HQ, 1975.....	28
FIGURA 12: CAVA NO ATELIER LIVRE, COM SUZANA SOMMER E PAULO PERES AO FUNDO(**)	29
FIGURA 13: "SÃO MATEUS 13,31", DESENHO, 1975.....	30
FIGURA 14: DESENHO EM HQ, "14 BIS", 1976.....	31
FIGURA 15: S/T, DESENHO, 1977(*)	32
FIGURA 16: S/T, DESENHO, 1978(*)	33
FIGURA 17: S/T, AQUARELA E NANQUIM, 27,5x22, 5, 1978 - ACERVO MARGS CAPTURADO NA INTERNET	34
FIGURA 18: S/T, DESENHO, 1978(*)	35
FIGURA 19: S/T, DESENHO, 1979(**)	36
FIGURA 20: "O JULGAMENTO FINAL DE LÚCULUS", XILO DE ARMANDO ALMEIDA, 1979, PINACOTECA UFRGS.....	37
FIGURA 21: "DONA GAUDINA E SEU OLEGÁRIO", XILO DE CAVALCANTI, 1981(*).....	38
FIGURA 22: "EIS O HOMEM VII", GRAVURA EM METAL DE ARMANDO ALMEIDA, 1979, SCARINCI P.156.....	38
FIGURA 23: S/T, DESENHO, 1980. (**)	41
FIGURA 24: : S/T, DESENHO, 1978(*)	42
FIGURA 25: CONVITE EXPOSIÇÃO NO DOCE VIDA. 1980(*)	43
FIGURA 26: FOTO DOS ARTISTAS PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO "VERDE E AMARELO" (*).....	44
FIGURA 27: ARTISTAS DA "VERDE E AMARELO, REVISTA VISÃO, 1982	45
FIGURA 28: S/T, DESENHO, 1982(**)	46
FIGURA 29: S/T, DESENHO, 80CMX110CM, 1982(**).....	47
FIGURA 30: S/T, DESENHO, 80CMX110CM, 1982(**).....	49
FIGURA 31: IMAGEM DA PRAIA DA ONÇA 44, CAPTURADA NA INTERNET.....	50
FIGURA 32: FOLDER EXPOSIÇÃO "GRAVURA NO RIO GRANDE DO SUL: ATUALIDADE", 1986/87, P.22, (*).	52
FIGURA 33: CONVITE DA EXPOSIÇÃO "CALENDÁRIO DO MAM – 1987" (*).....	53
FIGURA 34: "DONA GAUDINA E SEUS BICHOS", XILO, 1987(*)	54
FIGURA 35: NÚCLEO DE GRAVURA NA FEIRA DO LIVRO: CAVALCANTI E OCTÁCILIO(**)	55
FIGURA 36: FOTOMONTAGEM DO GRUPO "4 NA PRENSA", 1987(**).....	56
FIGURA 37: CATÁLOGO, "SÉRIE TÉCNICAS 4 – XILOGRAVURA", GALERIA DA CEE, P.22, 1988(*).....	57
FIGURA 38: "SEU TEMPO AQUI É TECER A ETERNIDADE", XILOGRAVURA, S/D(*)	58
FIGURA 39: "A ORELHA DE VAN GOGH", XILOGRAVURA, 1988(*).....	59
FIGURA 40: CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO "VOCÊ TEM UM ENCONTRO - ENART", 1989(*)	60
FIGURA 41: FOTO DE CAVALCANTI NO JORNAL MULTIARTE, 1990.....	63
FIGURA 42: FOTO DE CAVA MINISTRANDO OFICINAS DE GRAVURA(*)	64
FIGURA 43: CONVITE DA EXPOSIÇÃO "ARTE SOBRE PAPEL", 1990(*).....	64

FIGURA 44: CONVITE DA EXPOSIÇÃO “PROTOSCOLOS”, 1990. (*).....	65
FIGURA 45: FOTO DE PENINHA E CAVA EM ENTREVISTA PARA O JORNAL ZERO HORA(**).....	66
FIGURA 46: “TANTOS QUANTOS VIVEM EM MIM”, TÉCNICA MISTA, 280x120CM, 1990(*).....	67
FIGURA 47: CONVITE DA EXPOSIÇÃO, “WILSON CAVALCANTI”, 1990. (*).....	68
FIGURA 48: FOTO DE CAVA COM OUTROS ARTISTAS, 1990(**).....	68
FIGURA 49: IMAGEM DA CARTA DE TARÔ “O CARRO”, 1991, CAPTURADA NA INTERNET.....	69
FIGURA 50: S/T, TÉCNICA MISTA, 40CMX25CM, 1991(*).....	71
FIGURA 51: CAPA DA REVISTA O CONTINENTE DESENHO DE CAVA A NANQUIM.....	73
FIGURA 52: CAPA DA REVISTA PONTO&VÍRGULA Nº 4, XILO DE CAVA, 1991.....	74
FIGURA 53: FOTO COM CLAUDIO ELI, CAVA E A PERFORMÁTICA ZOÉ, FRENTE À OLAVO BILAC Nº 243(**).....	75
FIGURA 54: FOTO DO JORNAL ZH, “SE ESSA RUA FOSSE MINHA”, 1992(*).....	76
FIGURA 55: CAVA NAS OFICINAS DO MARGS, 1993(**).....	77
FIGURA 56: PAINÉIS DE MARILICE CORONA E WILSON CAVALCANTI NA PRAÇA DA ALFÂNDEGA(*).....	77
FIGURA 57: “QUEM ME HABITA”, PINTURA-COLAGEM, 1990, MARGS.....	78
FIGURA 58: FOTO NO JORNAL ZH - DESENHO, TÉCNICA MISTA, 1994(*).....	80
FIGURA 59: PÁSCOA DE 95, CAVA COM ANA CARVALHO, CELINA CABRALES, ONDINA POZOCO E SUZANA GASTAL(**).....	81
FIGURA 60: FOTO SALA LITOGRAVURA NO ATELIER LIVRE DURANTE A HOMENAGEM A DANÚBIO GONÇALVES EM 1995(**).....	82
FIGURA 61: S/T, TÉCNICA MISTA, 80CMX110CM, 1995(**).....	83
FIGURA 62: CAPA DO CONVITE DA EXPOSIÇÃO(*).....	86
FIGURA 63: TEXTO NO JORNAL PONTO&VÍRGULA, Nº06, 1996.....	87
FIGURA 64: FRAGMENTO DO CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO EVENTO, 1996(*).....	88
FIGURA 65: FOTO DE DESENHO DE CAVA NO JORNAL O NACIONAL DE PASSO FUNDO(*).....	89
FIGURA 66: CONVITE DA EXPOSIÇÃO “CORRENDO RISCO”, 2001(*).....	92
FIGURA 67: FOTO DE OBRA DE CAVALCANTI NO JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ DE PASSO FUNDO, 2001.....	93
FIGURA 68: S/T, DESENHO, 80CMX60CM, 1998(**).....	94
FIGURA 69: S/T, TÉCNICA MISTA, 90CMX60CM, 2001(**).....	95
FIGURA 70: CONVITE DA EXPOSIÇÃO(*).....	96
FIGURA 71: CONVITE DA EXPOSIÇÃO COM TEXTO DE JANE CRAVO(*).....	97
FIGURA 72: “RES-PIRAR I”, GRAVURA EM METAL, 1994(*).....	98
FIGURA 73: "QUASE", GRAVURA EM METAL, 2002(*).....	99
FIGURA 74: CONVITE DA EXPOSIÇÃO “DE OLHOS FECHADOS, VEJO MELHOR! (*).....	100
FIGURA 75: S/T, TÉCNICA MISTA, 90CMX110CM, 2001(*).....	101
FIGURA 76: CAPA DO LIVRO “O BOI DAS ASPAS DE OURO”, ILUSTRADO POR CAVA, CAPTURADA NA INTERNET.....	102
FIGURA 77: “O QUE VEJO É MINHA CRIAÇÃO”, TÉCNICA MISTA, 1M X 1M, 2002.....	104
FIGURA 78: CONVITE DA EXPOSIÇÃO “A ARCA DO ARROIO DILÚVIO”, CAPTURADA NA INTERNET.....	106
FIGURA 79: : CONVITE DA EXPOSIÇÃO “ILUMINURAÇÕES”, 2007(*).....	107
FIGURA 80: FOTO DE CAVALCANTI COM ARTISTAS, GALERIA ARTE&FATO, CAPTURADA NA INTERNET.....	108
FIGURA 81: SÉRIE DE MINI XILOS PINTADAS À TEMPERA OVO, 2007(*).....	109
FIGURA 82: CONVITE DA EXPOSIÇÃO “REVER”, 2007(*).....	110
FIGURA 83: “GAIOLA NO PENSAMENTO EM TRÊS ESPÍRITOS LIVRES”, PINTURA SOBRE TELA, 2009(*).....	111
FIGURA 84: CONVITE DA EXPOSIÇÃO “30 ANOS DE MIM MESMO” (*).....	112
FIGURA 85: “AMÉM!”, GRAVURA EM METAL, 1992(*).....	113
FIGURA 86: "RES-PIRAR II", GRAVURA EM METAL, 2002(*).....	114
FIGURA 87: “RABO”, GRAVURA EM METAL, 2002(*).....	115
FIGURA 88: FOTO DOS ARTISTAS PREMIADOS NO IV PRÊMIO AÇORIANOS DE ARTES PLÁSTICAS, CAPTURADA NA INTERNET.....	116
FIGURA 89: S/T, XILOGRAVURA, 30CMX20CM, 2010, FOTO DE MINHA AUTORIA.....	117
FIGURA 90: "SÉRIE CAIXAS", OBJETO EM TÉCNICA MISTA, 2010,FOTO DE MINHA AUTORIA.....	118
FIGURA 91: DETALHE DO OBJETO, FOTO DE MINHA AUTORIA.....	118
FIGURA 92: OBJETO EM CONSTRUÇÃO, 2010(*).....	119

INTRODUÇÃO

Por que decidi investigar o artista Wilson Cavalcanti?

Meu interesse emergiu no ano de 2006 quando visitei a exposição “Consolidação MAC A6”, no Cais do Porto. A partir de então, surgiu meu primeiro questionamento em relação a esse artista. Observei seus trabalhos expostos na ocasião, entre eles *O que vejo é minha criação* (capa), pintura sobre tela em técnica mista (1mx1m), realizada em 2002. Considerei essa obra instigante e diversa dos demais trabalhos que conhecia em xilogravuras e gravuras em metal. Percebi a diferença, além das diversidades das técnicas e materiais, pois suas xilos e metal referenciavam uma temática realista do cotidiano popular, enquanto que essa *pintura* revelava outra face do fazer artístico de Cava, que eu não conhecia. Levantei inúmeros questionamentos acerca de seu trabalho, pois já havia freqüentado o Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, fui sua aluna na oficina de metal, sendo assim conversei muitas vezes com ele acerca da arte da gravura; também conversamos com maior ênfase sobre questões relativas à função e o fim da arte, porém não havia refletido sobre seu trabalho artístico sob o ponto de vista do seu discurso. Decidi lançar-me nesse desafio, estava ciente da reduzida referência bibliográfica¹, pois já havia buscado em bibliotecas e na internet informações a respeito de seu trabalho, assim como estava cônica do reduzido interesse local pelo trabalho artístico político no Rio Grande do Sul.

A disposição de Cavalcanti em receber-me nesta pesquisa certamente foi fundamental para a realização da mesma, oportunizando muitos momentos de longas conversas nos quais o artista recordou passagens de sua trajetória, aliados à rememoração de inúmeros debates que tivemos no decorrer dos últimos anos. Desta forma, ao decidir investigar o seu trabalho e a sua trajetória, deparei-me com a proposta de mergulhar num universo de informações, guardadas pelo artista, com o apoio de pesquisa bibliográfica reduzida, e compilado material oriundo de reportagens jornalísticas, revistas, folders, catálogos e até cartazes, obtendo também algumas entrevistas com outros artistas que conviveram ou convivem, com o Cava em seu fazer artístico. Cabe destacar que o interesse, por ele em específico, adveio da admiração que nutro pelo seu fazer, seja como professor, sempre tão dedicado para com seus alunos, seja como amigo, mas principalmente pela poética de seu trabalho sem deixar de lado sua poética.

¹ Alguns exemplos de literatura específica sobre arte no Rio Grande do Sul são: *Artes plásticas no Rio Grande do Sul : uma panorâmica* (Org. Paulo Gomes); *Arte&Política: algumas possibilidades de leitura* (Annateresa Fabris); *A Modernidade a Pintura do Rio Grande do Sul* (Marilene Pieta); *A Gravura no Rio Grande do Sul: 1900-1980* (Carlos Scarinci); *Porto Arte: revista de artes visuais*.

E ao falar em poiética, refiro-me a refletir acerca da conduta criadora² do artista, àquilo que envolve o processo criativo, considerando sua trajetória pessoal e profissional, observando o seu fazer criador em andamento, até a instauração da obra em si, assim como o discurso do artista sobre o seu fazer. A linha de direcionamento da minha análise foi de apresentar um olhar sobre a trajetória artística de Wilson Cavalcanti, tentando desvendar o que cerca seu fazer artístico, a partir de uma linha cronológica, abordando a sua biografia, coletando material historiográfico e perfazendo entrevistas com outros artistas que estiveram presentes em sua carreira, bem como realizando uma breve análise de alguns de seus trabalhos.

Assim sendo, o trabalho foi estruturado a partir de uma linha cronológica biográfica do artista, dividido em cinco capítulos, cada um deles correspondendo a uma década, apresentando o material iconográfico levantado, levando em consideração as relações interpessoais do artista, sua formação no meio das artes, exposições individuais e coletivas, mostrando uma retrospectiva biográfica vista sob meu olhar como escritora, bem como algumas imagens de suas obras que são comentadas brevemente, tentando aproximar o leitor à obra e ao fazer artístico deste artista, e quem sabe, mediante a sua reflexão com o observado revelar um pouco mais acerca da poética e da poiésis de Cavalcanti.

² Passeron, Rene. *A Poiética em Questão*, p.10.

1. Década de 60

1.1 Primeiros passos num imaginário familiar

Para explorar a poética de Cavalcanti, é necessário esclarecer como se encontrava o ambiente cultural, político e econômico no estado, lembrando que a década de 50 caracterizou-se por uma gama de transformações que tinham por objetivo fazer o país ingressar numa “era de modernidade” criando a expectativa da saída do subdesenvolvimento, e gerando em parte da população um espírito nacionalista. O golpe militar de 1964 interrompeu esse processo e impôs uma série de reformas que repercutiram social e economicamente na estrutura do país, tais como a autonomia às empresas estatais, a rígida política salarial e a forte repressão aos sindicatos de classes, sem falar no controle por parte do estado de qualquer manifestação que viesse contra as pretensões dos militares, tudo ratificado pelo AI5³. Os militares comandavam uma política determinada a exterminar os grupos de esquerda, criando um sistema de repressão vinculado ao Exército, que executava prisão, tortura e até assassinato dos ativistas que se insurgissem aos interesses do Regime.

No âmbito da cultura e mais especificamente, das artes, a década anterior presenciou o antagonismo entre os defensores da arte figurativa e da arte abstrata, sendo que no Rio Grande do Sul “o poder da imagem figurativa com forte apego ao realismo continuava dominando a produção de desenho, pintura e gravura”⁴. Na década seguinte, sob a repressão militar, os artistas foram obrigados a criar formas alternativas de trabalho, estratégias simbólicas e metafóricas, que lhes permitiram expressar-se sem serem reprimidos, presos ou até mortos. Quanto à preocupação com as tendências modernas, como *conceitualismo*, *body-art*, *land-art*, *arte povera* e *performance*, que ocorriam nos Estados Unidos e na Europa, repercutiram no Brasil no início dos anos 60, e somente “a partir da década de 70 que Porto Alegre começou a abrigar manifestações artísticas que estavam em sintonia com tendências que questionavam a concepção tradicional do objeto artístico”⁵. Referente aos espaços de exposição, o estado só veio a ter seu primeiro Museu de Artes, o MARGS, em 1954, com sede definitiva somente em 1978. O estabelecimento do mercado de artes moderno somente se efetivou a partir da década de 60, “com as primeiras galerias especializadas em artistas vivos e atuantes, e não em

³ AI 5: instrumento que concedeu ao Regime Militar, a partir de 1968, poderes absolutos, iniciando-se com o fechamento do Congresso Nacional por quase um ano, sendo extinto somente em outubro de 1978. Entre seus preceitos estavam a proibição de manifestações políticas, censura à imprensa, limitação dos direitos civis, pleno poder ao Presidente da República sobre os demais poderes, entre outros.

⁴ BOHNS, Neiva Maria Fonseca. p.108.

⁵ ARAÚJO, Ana Lúcia. p.34.

antiguidades e obras acadêmicas”⁶. Essa década propiciou a recente instauração de espaços institucionais e de exposição, tendo por consequência a configuração de um grupo crescente de espectadores e o reconhecimento público. No que trata das questões ligadas às tendências de estilos ainda predominava a essência ditada pela cultura local e pelo IBA, Instituto de Belas Artes, pautada numa arte acadêmica marcadamente presente na década anterior, com uma “tendência aristocratizante de um segmento artístico da sociedade rio-grandense”⁷, de orientação figurativa que refutava as tendências modernistas, como a Pop Art e a Nova Figuração.

O Atelier Livre, criado extra oficialmente em 1961, propiciou o ingresso de novas tendências, e foi:

*... uma proposta de arte com aspirações à atualidade internacional, de livre exercício rebelde, isto é, sem obediência ou catividades acadêmicas e de posicionamento estético crítico em face do sistema artístico vigente, fosse o Instituto de Belas Artes, fosse a ortodoxia do realismo social dos gravadores da década anterior*⁸.

Sem esquecer que possibilitou o surgimento de muitos artistas locais, dentre eles o Cavalcanti. Também no decorrer desta década foram criados vários locais para exposição e comercialização de arte como a Galeria do IAB, a Galeria Scarinci, e Galeria Sete Povos, entre outras, as quais possibilitaram a formação de um mercado de arte local “com padrões de consumo modernos”⁹. Devendo ser lembrado o papel fundamental que tiveram os Salões de Artes Visuais da UFRGS, introduzindo novas tendências artísticas e permitindo o reconhecimento de jovens artistas gaúchos.

⁶ BULHÕES, Maria Amélia. p.117.

⁷ SCARINCI, Carlos. p.108.

⁸ Ibidem, p.130.

⁹ BULHÕES, Maria Amélia. p. 121.

Wilson Furtado Cavalcanti nasceu em 2 de março de 1950, na cidade de Povo Novo no município de Rio Grande, local no qual permaneceu por pouco tempo devido a problemas de saúde, mobilidade restrita das pernas, levando à família optar por mudar-se para Pelotas, onde seria possível tratamento médico especializado.



Figura 1: Estação Férrea de Povo Novo

No início de sua infância, embora ainda não soubesse ler, Cava pegava os livros dos irmãos e fazia de conta que estava lendo, num imaginário infantil, contando histórias que faziam os demais crer que ele realmente lia.

No início da adolescência, ainda não alfabetizado por questões de saúde, decidi que quando ficasse grande seria um contador de história. Fingia que lia inventando histórias para minhas duas irmãs menores. O que me atrapalhava, era que para descrever as imagens oníricas que me visitavam era preciso escrever. Para escrever tinha que usar palavras escrita que não sabia. Até o dia em que aprendi a rascunhar as primeiras palavras, foi um longo tempo. Tive que passar um bom tempo treinando a escrita nos cadernos de caligrafia onde desenhava letras e palavras. Desde o início minha caligrafia situava-se em um território nebuloso que oscilava entre códigos visuais e os códigos verbais, na maior parte das vezes ilegíveis, deixando um rastro gráfico. Nesta época comecei a colecionar e a tentar copiar desenhos que achei em revistas e jornais. Na escola morria de inveja da Jussara que tinha um desenho diferente e era a melhor desenhista da classe. Dos muitos garranchos desta época sempre surgia uma surpresa, uma luz e muitas histórias. Aquelas linhas: retas, curvas, pontilhados, redes e tramas, mesmo as rasuras ilegíveis, quanto muito semi decifráveis ou mesmo ilegíveis em meu caderno escolar, independente do que estava escrito, me encantaram e trouxeram-me um novo significado e direcionamento. Não seria mais um contador de histórias de agora em diante eu queria ser um desenhante, um desenhador ou quem sabe um desenhista.¹⁰

¹⁰ CAVALCANTI, Wilson. *Agora sou um desenhante*. Crônica do artista.

Curioso, observava a mãe bordar, e às escondidas pegava os bordados observando com atenção, tentando coser e reproduzir a temática materna. Mas, a mãe adoeceu, e com seu falecimento a família mudou-se de Pelotas para Viamão, na Vila Santa Isabel. Foi uma época de poucos recursos, numa residência de poucos cômodos e com mínimas condições, pouquíssima mobília, sem água, sem luz: “foi uma mudança radical”¹¹

Impedido de caminhar e correr como uma criança qualquer, assistia as cenas do cotidiano externo pela janela de sua casa, desenhava livremente o que lhe vinha à mente, empregando o que tivesse à mão: lápis, carvão, papel de embrulho. Sua relação com o pai, um boêmio, que não aceitava as inclinações artísticas do filho, desgastou-se cada vez mais, fazendo com que aos 14 anos ficasse a esmo pela rua, vagando, morando em albergues, na casa de vizinhos e até na rua. Quanto aos estudos, ante a dificuldade de locomoção, aliada às mudanças de residência e da própria pobreza, foram sempre postergados, mas, com determinação, ele decidiu estudar para a prova supletiva de ensino básico, e conseguiu sua aprovação na Escola Adventista de Viamão. Na escola o Pastor da congregação, a par de sua trajetória, ofereceu-lhe bolsa para estudar; assim, em um ano cursou três séries de uma vez só. Esta nova fase possibilitou-lhe um dinâmico envolvimento estudantil, participou como orador da Juventude Adventista, e fez constantes leituras da Bíblia, “mesmo tendo gagueira”, que veio a perder com o tempo.

¹¹ Entrevista com Wilson Cavalcanti em maio de 2010.

1.2 Descobrindo o Atelier Livre

Aos 16 anos emancipou-se, e para sobreviver fez pequenos “bicos”, na construção civil, como ajudante de pedreiro, trabalhou na feitura das escadarias do Edifício Coliseu, no centro de Porto Alegre. Neste período Cava, que sempre carregava consigo um pequeno caderno de desenhos que utilizava nas horas de intervalo, foi observado pelo mestre de obras, que o orientou a ir até os Altos do Mercado, onde então estava sediado o Atelier Livre, para fazer aulas de desenho.

Como seu trabalho ficava a poucas quadras do Mercado, decidiu aventurar-se, e após vários dias à olhar pelas janelas do Atelier, curioso e tímido, foi percebido pelo professor e artista plástico, Paulo Peres¹², que o convidou a participar das aulas.

Mesmo num período de pouquíssimos recursos, vivendo numa pequena pensão na Santa Isabel, limitado a um quatinho, recebendo por dia, ocupava suas horas vagas com desenho e a contar histórias. Suas façanhas como contista e desenhista não passaram despercebidas, pois um Barbeiro, da sua vizinhança, ao vê-lo desenhar e escrever poemas solicitou-lhe que colorisse um quadro que estava pendurado na barbearia: a “obra” consistia numa cena onde uma jovem donzela era raptada por um cavaleiro, “Xeique de Agadir”. Cava não deixou por menos, executou a tarefa à tempera.

O envolvimento com o Atelier Livre, a curiosidade e vontade de aperfeiçoar-se, fez com que Cava buscasse qualquer recurso para treinar a linha: imagens das pinturas de Reynolds¹³, observadas de um livro, ou ilustração da obra *Ciprestes ao Vento*, de Van Gogh, retirada da revista Manchete, as quais lhe serviam como referência para desenhar inúmeras cópias e melhorar seu trabalho. A habilidade foi se desenvolvendo, e seus desenhos tornaram-se objetos de troca na sua comunidade, seja no barbeiro, no armazém do bairro, ou na congregação da Igreja. Também recorreu de forma contumaz à leitura, lendo, entre outros, *A República*, de Platão, mesmo sem compreender muito bem o sentido da obra.

Ante a constante procura de referências para desenvolver sua arte, ele observou detalhadamente a figura humana e realizou inúmeros exercícios, tentando dominar a linha, a proporção e conhecer um pouco mais sobre as cores. Isto é observável nos seus desenhos, como no que segue, de 1969, no qual empregou nanquim, aguada e tempera.

¹² Desenhista e gravador, cursou artes plásticas-pintura no IBA-UFRGS, foi professor no Instituto de Belas Artes de Cachoeira do Sul, na UFSM e na UFRGS, e ministrou aulas de desenho e gravura no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre.

¹³ Joshua Reynolds, pintor inglês do século XVIII.



Figura 2: s/t, desenho, 1969

Outro trabalho seu interessante é o desenho à nanquim, de 1970, o qual mostra a experimentação de Cava numa tendência “surrealista”, o que foi lembrado por Paulo Chimendes, recordando esses primeiros desenhos bem característicos.



Figura 3: s/t, desenho, 1970

Interessante observar que no primeiro trabalho o artista assina como Cavalcanti, e neste segundo como Will.

2. Década de 70

2.1 O Convívio na Santa Isabel

A constante frequência às aulas do Atelier Livre e o convívio com outros artistas lhe possibilitaram uma formação única, aliado ao convívio cada vez mais íntimo com a comunidade da Santa Isabel, onde estabeleceu o convívio com muitas pessoas permitindo-lhe fazer parte de uma grande família, e criando a partir destas relações um imaginário extremamente rico para seus trabalhos:

No início de 1970, na vila Florença que fica na grande Santa Isabel em Viamão, alugo uma peça para atelier e moradia, na rua Das Flores esquina com a Vitor Hugo. A proprietária dona Gaudina tem uma irmã doente, que segundo ela “ficou louca quando fez quinze anos, menstruou pela primeira vez e alguém colocou uma galinha choca em cima de sua cabeça”. Foi esta irmã “louca” que um dia pintou as galinhas e os gatos de azul.¹⁴

Nesse cotidiano local, uma personagem que foi rememorada em muitos trabalhos do artista, Dona Olegária, uma mulher negra, casada com um “alemão” extremamente radical, seu Arcênio. Na casa deles era um corre-corre peculiar, haviam muitos bichos correndo soltos pelo pátio e até no interior dos cômodos, patos, gatos, cachorros, galinhas. Dona Olegária além de cuidar da família, tinha quatro filhos, também “jogava cartas e búzios”, o que era de desagrado do seu Arcênio. Este casal era padrinho de Bia, encanto dos olhos de Cavalcanti, e filha do Seu Waldemar, um integralista, que morava na mesma rua na casa das “Três Meninas”.

¹⁴ Relato de Cavalcanti em novembro de 2010.

Esse cenário foi tema para muitos desenhos e histórias, que se iniciaram quando Cava tinha apenas 20 anos, mas que prosseguiram em grande parte de sua carreira, como aquela passagem citada acima pelo artista, quando a irmã “louca” de Dona Gaudina decidiu pintar as galinhas de azul, surgiram as histórias de *Dona Gaudina e Seus Bichos* e *Dona Gaudina e Outras Histórias*:



Figura 4: Xilogravura, 1981

O convívio social de Cavalcanti com a comunidade da Vila Santa Isabel não ficou restrito às peculiaridades do convívio familiar, sua participação com outros grupos sociais, como a igreja local, a rádio comunitária (e clandestina), também contribuíram na sua formação. Na época a localidade tinha um reduto de militantes de esquerda, e a comunidade especulava acerca dos acontecimentos regionais e nacionais, que em meio ao jugo do regime ditatorial, assistiu aos ditames preconizados pelo governo que anunciava o chamado "milagre

brasileiro”, mas do qual grande parte da população ficou excluída¹⁵. No âmbito político, o país continuou a viver em meio a um ambiente de intolerância, com censura à imprensa e atos violentos contra a oposição. Tudo regado pela euforia “verde-amarela” do aclamado “Brasil Grande”, transmitido à todos pelas rádios ou pelo novo meio de comunicação, a televisão, moderno instrumento de controle do governo totalitário de Emílio Médici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979), propagando a ideologia do Regime Militar, como se constata no versinho do hino “Este é um País que vai pra frente”¹⁶, altamente difundido na época:

*Este é um país que vai pra frente
 Rô Rô Rô Rô Rô
 De uma gente amiga e tão contente
 Rô Rô Rô Rô Rô
 Este é um país que vai pra frente
 De um povo unido, de grande valor
 É um país que canta, trabalha e se
 agiganta
 É o Brasil de nosso amor!*

Nessa década, Cava era “um cabeludo”, muitos o consideravam meio hippie, alguém diferente, aquele rapaz alto e magro, o qual chamava a atenção. A tal ponto que de sua amizade com Bia surgiu algo mais forte, criando uma relação em vias de transformar-se em casamento, e ele, irrequieto, sem saber ao certo o que fazer, decidiu viajar, trabalhando em uma transportadora, auxiliando o motorista do caminhão. Viajou pelo interior do estado, ao chegar a Panambi, decidido a conhecer a cidade, sentou-se no banco da praça principal a desenhar o seu redor, e numa época em que hippie era sinônimo de revolucionário, foi preso mesmo portando documentos. Foram poucos dias, mas os suficientes para constatar a opressão do regime militar.

¹⁵ Denominação dada ao período da ditadura militar durante o Governo Emílio Garrastazú Médici (1969-1974), durante o qual foi instaurado um conjunto de mudanças, obtidas por intermédio de empréstimos e investimentos estrangeiros, fazendo com que o Brasil ingressasse num período de crescimento surpreendente, com a criação de empregos em massa (de baixos salários) e a manutenção da inflação sob controle, criando os “Dois Brasis” o da riqueza e o da miséria.

¹⁶ Hino popularizado pelo grupo de rock brasileiro “Os Incríveis”, o qual surgiu no início dos anos 60 e aderiram ao repertório de músicas identificadas com o regime militar no início dos anos 70.

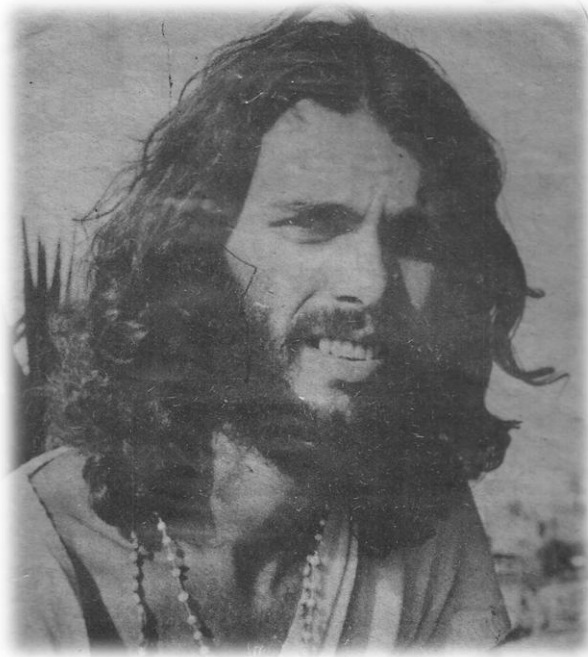


Figura 5: Cavalcanti nos anos 70

Retornando à Viamão, foi morar num quartinho da casa de Dona Gaudina, ficando por lá uns tempos, até que seu Waldemar o “encaminha para a vida”, orientando-o para trabalhar com venda de móveis. Afinal vigorava na época um crescimento econômico, e o meio cultural não ficou excluído do mesmo, o consumo nas suas mais diversas formas assumiu a dianteira, como nos novos produtos divulgados diariamente pelos meios de comunicação, dos jeans aos automóveis, que ditavam novas regras de comportamento e consumo, e que atingiu os meios da música e das artes visuais.

Dentro desse contexto, o sistema de artes no Rio Grande do Sul, que também acompanhou a expansão abrupta do mercado de arte de São Paulo e Rio de Janeiro, foi impulsionado, no início dos anos 70, pela criação da Galeria Sphera em 1971, à qual se sucederam outras como a Eucatexpo, Oficina de Arte, Guignard, Galeria do Centro Comercial, Galeria Delphus, a Cambona e a Galeria do hegemônico Clube do Comércio, fomentando a integração do Rio Grande do Sul com o centro do país, bem como “os métodos de atuação de algumas delas introduziram alterações nos padrões locais de produção e de consumo de artes plásticas”¹⁷. O aumento de espaços expositivos acarretou um maior interesse, por parte do público, ampliando-se também a divulgação jornalística com a participação de escritores, que cobriram vernissages e exposições. Dentre os quais foram destaque Aldo Obino do Correio do Povo, Luiz Carlos Lisboa da Zero Hora e Décio Presser

¹⁷BULHÕES, Maria Amélia. p. 129.

da Folha da Tarde. No entanto, os critérios das galerias de arte não apresentavam orientações estéticas específicas, denotando um caráter exclusivamente comercial preferiam expor os artistas que fossem garantia de rendimentos. O circuito de arte se apresentava cada vez mais fechado ao ingresso dos jovens artistas, como também “às vanguardas ou quaisquer outras propostas inovadoras (riscos comerciais) tornando *malditos* artistas, limitados pelo gosto, geralmente, duvidoso do *marchand*, e o pouco conhecimento e insegurança da clientela”¹⁸.

Dessa forma, o mercado de artes neste período simplificou as funções do sistema, buscando apenas estabelecer a passagem da obra partindo do artista e chegando ao consumidor pela intermediação do *marchand*, excluindo as instâncias de formação (ensino), legitimação (diplomas, premiações, salões), consagração e conservação (a crítica, o museu). No estado, e quase na totalidade do país, verificou-se a tendência de “transferir o poder de legitimação e consagração artística da complexa esfera do círculo dos artistas e especialistas, para a dos patrocinadores artísticos”¹⁹. No âmbito público os Salões de Arte Visuais da UFRGS, nas suas quatro edições que foram de 1970 a 1977, possibilitaram a articulação da produção local com as tendências estéticas do centro do Brasil, mas tiveram problemas relacionados à escolha de artistas locais ou às tendências supostamente políticas de alguns trabalhos, ou até pela falta de recursos físicos e financeiros. O MARGS não foi exceção, embora tenha conquistado sua sede definitiva em 1978, num prédio tradicional no centro de Porto Alegre, perdeu sua autonomia cultural e funcional e passou a ser regido pelos “interesses práticos governamentais”²⁰.

¹⁸ SCARINCI, Carlos. p. 188.

¹⁹ Ibidem, p. 190.

²⁰ Ibidem, p. 193.

2.2 Arte na Rua

No meio a esse contexto, Cavalcanti dedicou-se ao trabalho vendendo móveis, para sua sobrevivência, aos poucos se organizou comprando um terreno no bairro Ipanema em Porto Alegre, e casou-se com Bia em 1973. Continuou a frequentar o Atelier Livre, que na época ficava na Rua Lobo da Costa, sempre que podia, estava lá, reunido com outros artistas como Paulo Chimendes, Gustavo Nakle, Karin Lambrecht, e o professor Paulo Peres. Numa parceria de Cavalcanti com Gustavo Nakle, Beth Nunes e Maria Tomaselli foi fundado em 1974 o Mercado de Artes²¹, espaço que propiciou a divulgação das artes plásticas e o convívio com artistas.



Figura 6: Cavalcanti em exercício de observação, Karin Lambrecht à sua direita.

Foi em meio a esse envolvimento com a arte e o grupo de artistas que em 1974 participou do “Manifesto de Rua”, o qual foi publicado no Jornal da Tarde, no Caderno de Sábado do Correio do Povo. O Manifesto declara que a Arte na Rua significa tomar posse da

²¹ <http://www.nakleescultor.com.br>

cidade como ambiente total²², discorrendo sobre a interferência da arte na cidade, fazendo referencia a artistas pintores de São Francisco da Califórnia (USA) que realizavam arte urbana e discutindo o papel da arte na cidade nos espaços públicos.

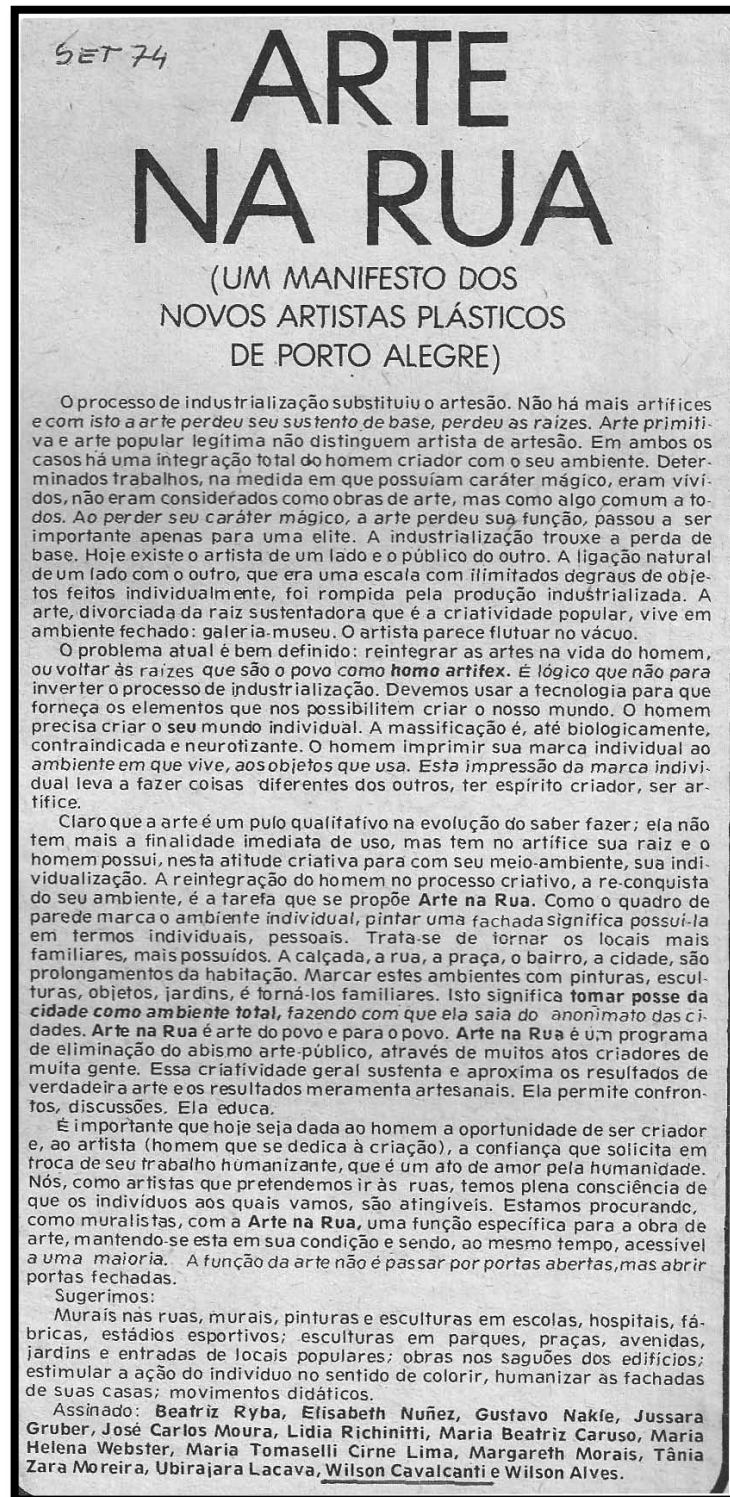


Figura 7: recorte de Jornal, Correio do Povo, 1974.

²²Correio do Povo, p. 08 e 09, em 05/10/74.

No período de 11/09/1974 à 17/02/1975, participou junto com outros onze artistas do Mural “Manifesto sobre Arte na Rua”, junto ao Mercado Público, com a representação de figuras pintadas em homenagem ao operário brasileiro, baseado na poesia de Vinicius de Moraes "Operário em construção". O Muro foi dividido geometricamente em 12 espaços, e embora a obra tenha sido avariada por pichações e apedrejamento, foi novamente recuperada. A escolha dos artistas foi efetuada pela Galeria Ponto de Arte²³.



Figura 8: Cava trabalhando no Mural, 1974

²³ Zero Hora, setembro, 1974.

Nesse período, visando sua participação na Semana de Arte Sacra de Rio Pardo no interior do Rio Grande do Sul, ele realizou uma série de desenhos, e embora a temática fosse de cunho religioso e preponderantemente cristão, Cavalcanti criou trabalhos num tom contestatório e irreverente, trazendo à tona as práticas comuns da ditadura, como a submissão e a tortura.



Figura 9: s/t, desenho, 1975

Ainda nesse ano, Cava trabalhou na Folha da Manhã²⁴, criou vários HQ para sobreviver. Destaque para sua participação com desenhos na Exposição Mundial de Cartuns em Berlim Ocidental, enviando obras suas, que denotavam sua preocupação com o meio ambiente, os índices de poluição sonora, atmosférica e a depredação da natureza.

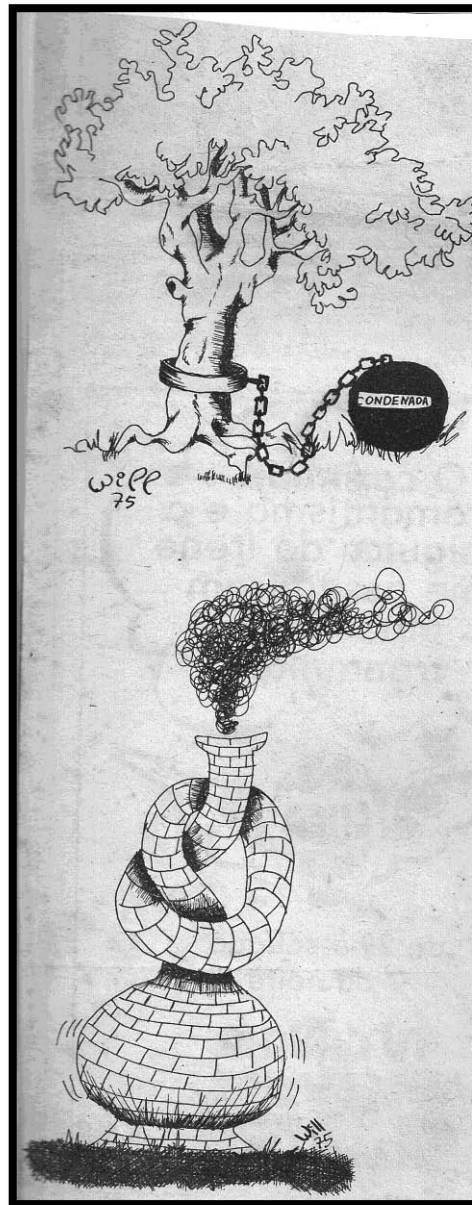


Figura 10: tira de HQ em ZH, 1975

²⁴ Zero Hora, Folha da Manhã, 1975.

Em reportagem para o Jornal Zero Hora, Cavalcanti foi descrito como desenhista, gravador em metal e escultor, discorrendo sobre seu trabalho como contador de histórias em HQ, acerca de sua temática nos cartuns que envolvia a ecologia e as pessoas:

Meu desenho é mais em forma de um grito, uma alerta. Tenho muita vontade de dizer que algumas coisas vão acontecer. Então, desenho, quando não desenho, adoço. O problema todo é financeiro. Infelizmente o esforço da gente não é valorizado, de forma alguma. Só quando serve aos interesses de outras pessoas.

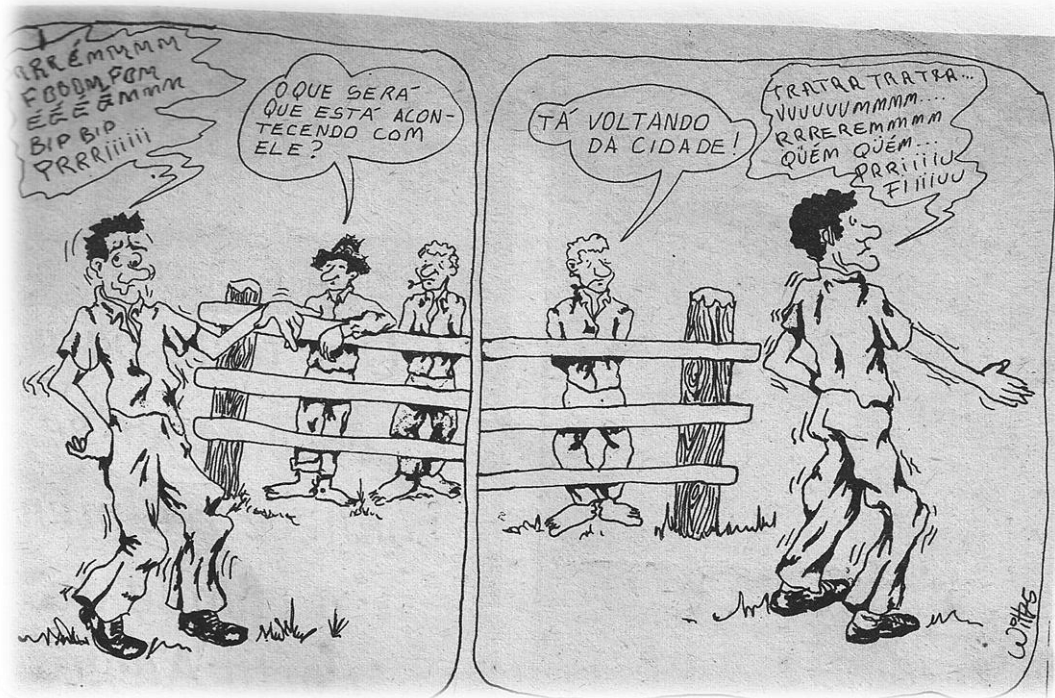


Figura 11: tira de HQ, 1975

Sua relação com o Atelier Livre, que se iniciou com as aulas de desenho, tendo como professor o Paulo Peres, foi constante, e lhe oportunizou um convívio com outros artistas que participavam das exposições em Galerias.



Figura 12: Cava no Atelier Livre, com Suzana Sommer e Paulo Peres ao fundo

Dessa forma, Cava manteve muitos contatos com artistas e espaços de arte, como o Ponto de Arte²⁵, onde era conhecido como Will, trabalhando com outros artistas como Gustavo Nakle, Maria Tomaselli, Mara Alves, Beth Nuñez, Blanca Brites, Margareth de Moraes, entre outros. Este foi um espaço mais vanguardista, permitindo a Cava criar seus desenhos, HQ e participar de *happenings*. Na época, os críticos (Gasparotto, Tatata Pimentel, Renato Rosa) não gostaram do manifesto, pois acreditavam que arte era um produto de mercado, onde há demanda. Referindo-se a este assunto, Cava destaca que desde aquele tempo as Galerias têm a mesma postura, preocupam-se apenas com a comercialização do produto, fazendo do artista um “*biscateiro da estética*”, o qual precisa pagar para poder expor seus trabalhos. Ele afirma que é necessário que ocorra a profissionalização do artista, e mesmo ante a globalização é fundamental que o artista conheça seu próprio local de pertencimento, trazendo a questão de identidade.

²⁵ Galeria e ateliê, liderada por Elizabeth Nuñez e grupo de ex-alunas do Instituto de Artes da UFRGS: Maria Helena Webster, Susana Mentz e Blanca Brites. Funcionou de 1972 a 1974 na Travessa do Carmo, e foi idealizado no sentido de levar a arte para a rua. Com o intuito de popularizá-la.

O Ponto de Arte fechou, pois não havia apoio, faltavam recursos, e os artistas participantes partiram desencadeando novas trajetórias de seus trabalhos. Gustavo Nakle passou a trabalhar com publicidade, Beth Nuñez, conjuntamente com Ubirajara Lacava, viajou e passou a experimentar com novas tendências, para posteriormente lecionar no Atelier Livre; Maria Helena Webster abriu mais tarde a Cambona Centro de Arte, Blanca Brites iniciou-se na carreira acadêmica no Instituto de Artes, e Margareth de Moraes entrou na Política.

Nesse período, Cava participou do 7º Salão de Arte Religiosa Brasileira, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Londrina, onde foi premiado pelas obras "São Mateus 13,31" e "Passará O céu e a terra..." (desenhos).

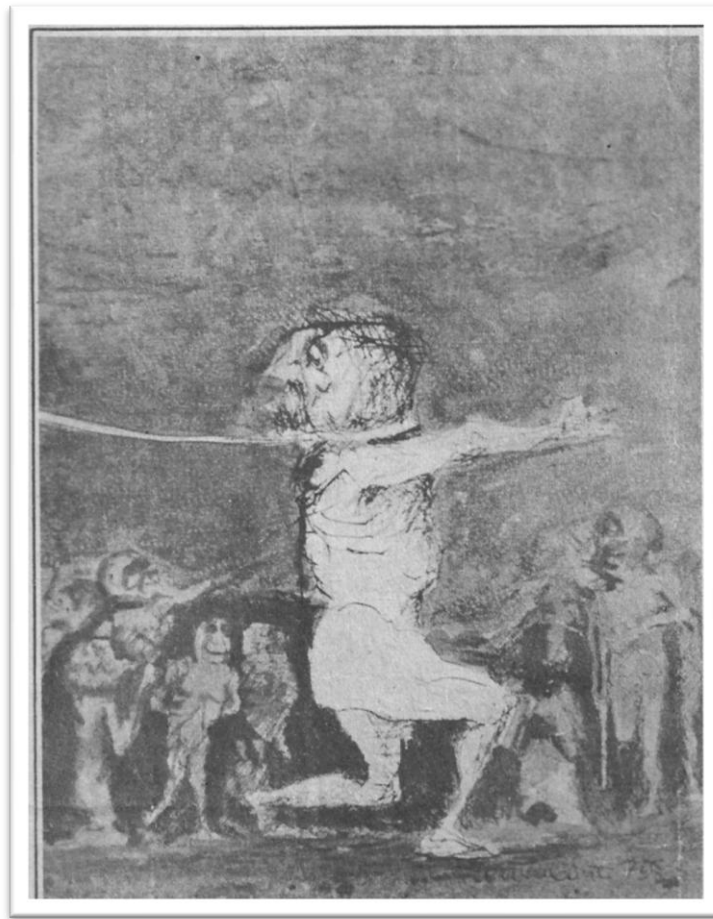


Figura 13: "São Mateus 13,31", desenho, 1975.

Também foi premiado como gravador no IV Salão Universitário de Artes, na Galeria Sete Povos (na ocasião orientada por Carlos Campana, Vera Rosa e Leda Suardi), em novembro, com a participação de 37 artistas, e tendo como Júri: Antonio Holfeldt, Paulo Porcella, Joyce Schleiniger, Carlos Tenius, Romanita Disconzi, Danúbio Gonçalves, Plínio Cesar e Luis Carlos Cunha.

Momento decisivo foi sua participação em 1975 no Festival de Inverno de Ouro Preto, Minas Gerais, onde estudou gravura em metal com Assunção Souza²⁶ e conviveu por cerca de quatro meses com estudantes, artistas e jornalistas. Foi quando ele percebeu o quão pouco era informado sobre a realidade brasileira, e principalmente, sobre sua ingênua consciência política. Seu companheiro de viagem, Paulo Chimendes (ambos foram convidados a participar do festival), relatou que “os Mineiros conhecem bem sua própria história e cultura”²⁷, e ao conversar com eles, sentiu-se acuado por não ter esse conhecimento, e, durante o período que passou lá, “toma um banho de história”. Ambos foram premiados e retornando a Porto Alegre percebem que não são mais os mesmos, algo havia mudado.

No próximo ano cursou gravura em metal com Carlos Martins, Marília Rodrigues e Romildo Paiva, e envolveu-se em vários projetos: a IV Feira Anual de Artes Plásticas de Rio Pardo/RS, a participação no Álbum de Litogravuras no Atelier Livre conjuntamente com Danúbio Gonçalves, Maria Tomaselli, Carlos Brito Velho, Armando Almeida, Anico Herscovits, Paulo Chimendes, José Moura, Paulo Porcella, Wilson Alves, Gustavo Nakle, Péricles Gomide. Também participou do 1º Panorama de Arte na Universidade de Caxias do Sul, do V Salão de Arte Universitário na Galeria Sete Povos e DEE, e do V Salão do Jovem Artista organizado pela Prefeitura de Porto Alegre e o Jornal Zero Hora. O ano foi encerrado com sua participação na Feira do Livro, com a exposição coletiva intitulada “14 bis”, em novembro; posteriormente a coletiva “13 dos nossos” na Quinta Galeria Berlitz.

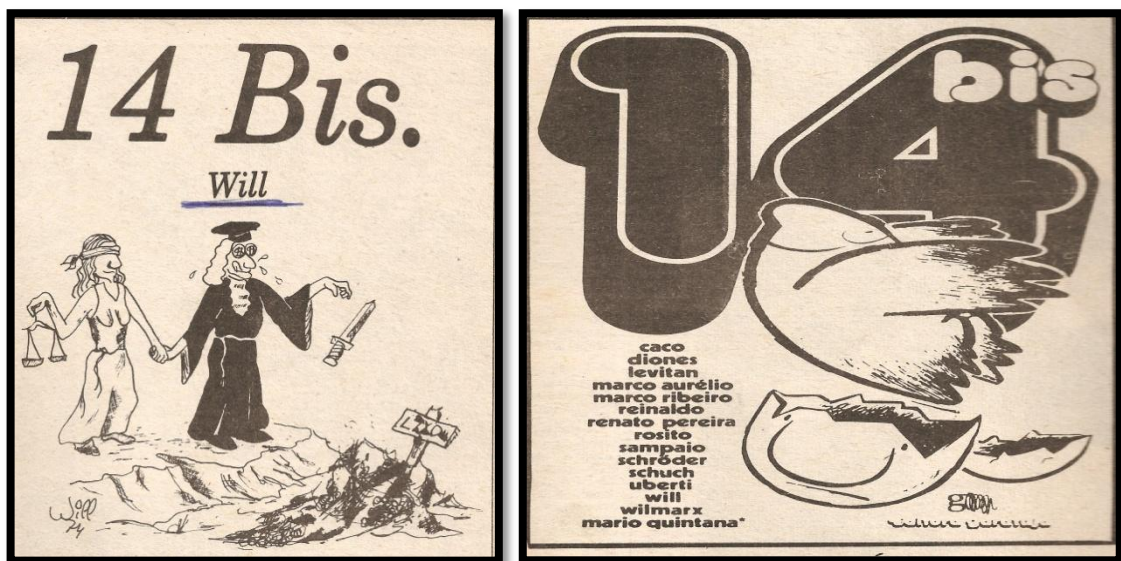


Figura 14: desenho em HQ, "14 Bis", 1976

²⁶ Fonte obtida no Arquivo do MARGS.

²⁷ Entrevista com Paulo Chimendes, em 02/10/2010.

Em 77 realizou curso de litografia com Danúbio Gonçalves, no Atelier Livre, e participou do 1º Salão de Artes Plásticas de São Leopoldo, com Gravura em Metal, e da Exposição Coletiva que inaugurava a Casa do Artista Plástico Rio Grandense, na Pinacoteca da Aplub. Foi um período de bastante reflexão, visitou exposições de outros artistas e buscou inspiração para seus trabalhos de distintas formas. Pode-se citar a influência de filmes, como “O Sétimo Selo”²⁸, drama do escritor e diretor de cinema Ingmar Bergman criado em 1956, remetendo às questões da Idade Média da miséria, fome e da peste, bem como o eterno conflito entre o Bem e o Mal, e que impressionaram Cavalcanti levando-o a criar o trabalho abaixo:



Figura 15: s/t, desenho, 1977

²⁸ Tive a oportunidade de ver o filme, em preto e branco e, em poucas linhas, trata de um Cavaleiro e seu Escudeiro que voltam das Cruzadas após dez anos de luta. O país está assolado pela peste. O Cavaleiro se encontra com a Morte, e numa tentativa de ganhar tempo, para poder fazer alguma coisa positiva diante de tanta miséria e sofrimento; ele faz um trato com ela: enquanto conseguir contê-la numa partida de xadrez, sua vida será poupada. Na viagem de retorno ao lar, encontram artistas, fanáticos religiosos, ladrões, soldados, mas por toda parte a presença da Morte, empenhada em ganhar o jogo por meios lícitos e ilícitos. Ao final todos os personagens são levados pela Morte, à exceção dos artistas.

Nesse desenho foram empregados materiais como sebo, betume, parafina, grafite e palitos, e embora a obra possa indicar uma releitura de cena do filme, a anatomia peculiar do “Cavaleiro”, à direita, representado com a pele e a carne translúcidas, mostrando os ossos, assim como seu olhar dirigido ao espectador denotam características próprias do trabalho do artista.

No ano seguinte participou do “Arte Inverno” realizado na Galeria 7 Povos em Porto Alegre, expôs no Uruguai no Club de Grabado, na exposição intitulada “17 Grabadores Gauchos”. Nesse período estudou gravura em metal com Romildo Paiva e Marília Rodrigues, e lançou-se numa proposta de realizar “100 cabeças” no decorrer do ano:



Figura 16: s/t, desenho, 1978

Merece destaque que nesse ano uma de suas pinturas foi escolhida para fazer parte do Acervo do MARGS:

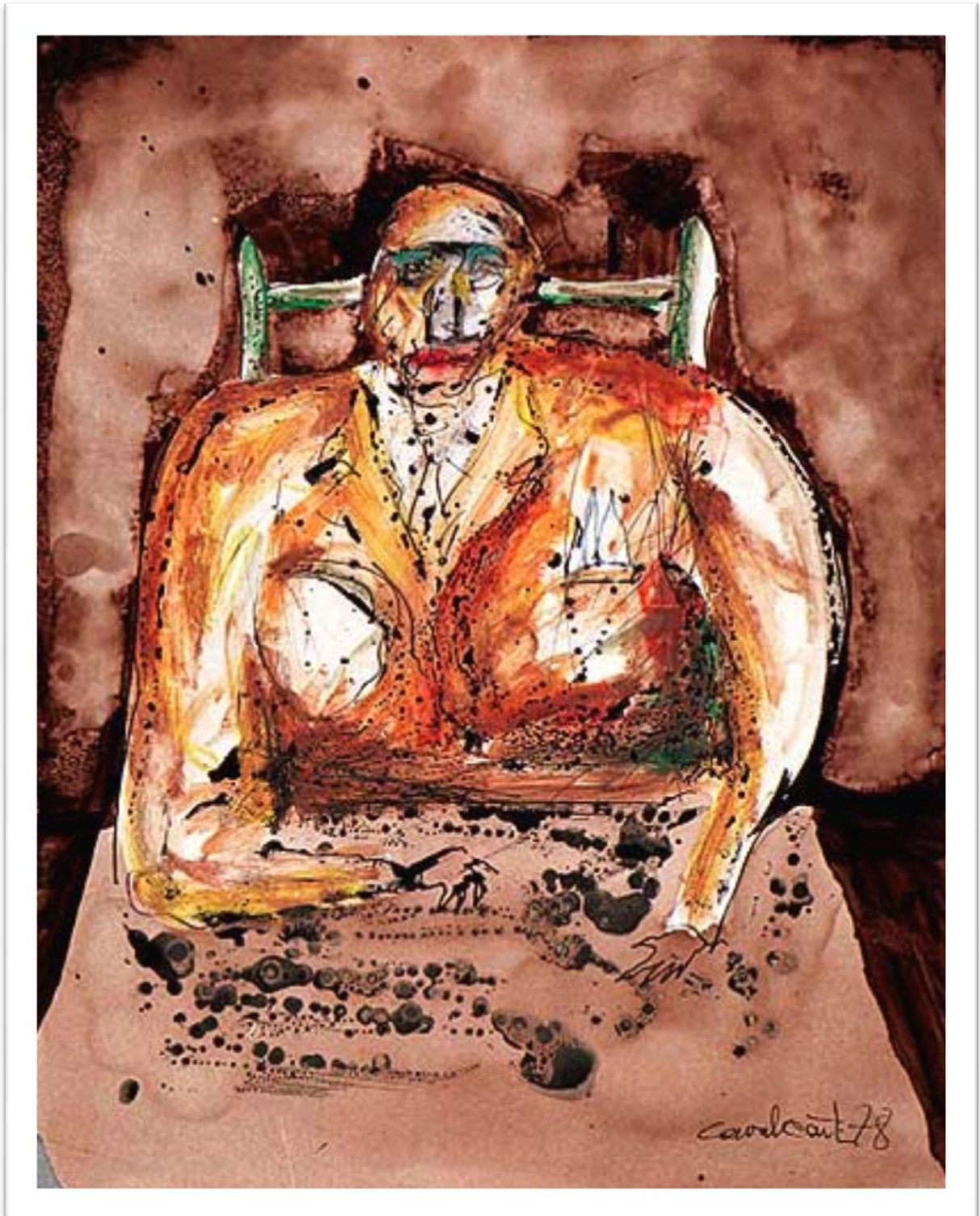


Figura 17: s/t, aquarela e nanquim, 27,5x22,5, 1978 - Acervo MARGS

Enfrentando dificuldades para sobreviver, já separado de Bia, sem filhos, surgiu o convite para trabalhar como tutor do filho do Ministro de Indústria e Comércio do Uruguai. Sem melhor proposta, mesmo sabendo que a ilustríssima autoridade pertencia à extrema direita, em tempos de ditadura feroz, Cava passou a residir em Piriápolis, balneário uruguaio, ministrando aulas de arte, lá permanecendo por cerca de seis meses. Ficou incomodado pela reclusão, angustiado com a presença dos antagonismos políticos: milicos x Tupamaros.



Figura 18: s/t, desenho, 1978

Vira e mexe “escapava” às escondidas da casa em que estava hospedado para dar “uma volta”, espairer. Mas ao saber, pelo rádio, que a partir de janeiro de 1979 vigoraria a extinção do AI5 no Brasil, diante de um quadro de possíveis mudanças para o País, ele decidiu voltar à Porto Alegre.

2.3 Influências de Artistas

Já de regresso à cidade seu trabalho foi retomado, sendo convidado a participar na coletiva da 1ª Semana do MARGS, cuja temática foi a peça teatral “O Julgamento de Lúculus”²⁹; o espetáculo foi apresentado dentro do Cofre da Receita Federal, no centro de Porto Alegre, onde atualmente se encontra a Reserva Técnica do Museu, e a exposição deu-se no hall que dava acesso ao Cofre e dentro do próprio. Cavalcanti apresentou um desenho no qual empregou ponta seca sobre papel duplex, gravando uma linha na superfície sobre a qual foi aplicada nanquim, e posteriormente agregando grafite, pastel seco e oleoso.

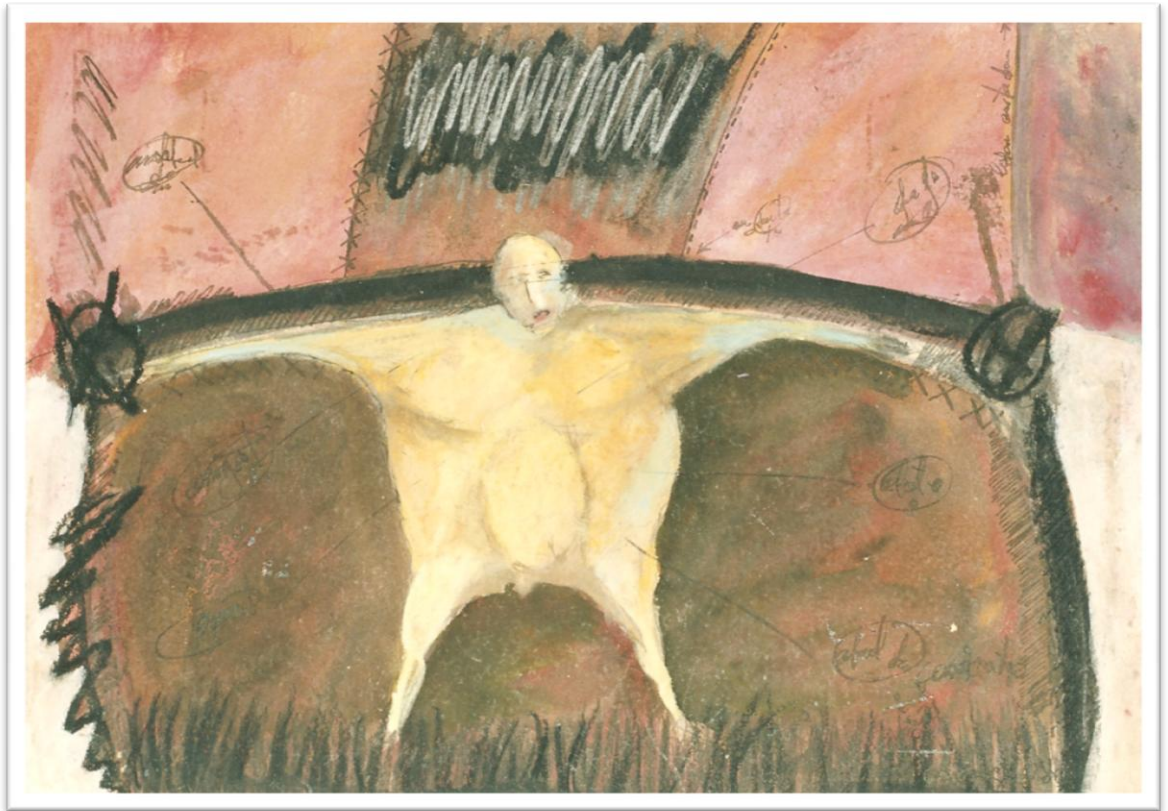


Figura 19: s/t, desenho, 1979

²⁹ Peça do dramaturgo alemão, Bertolt Brecht, na qual Lúculus, o personagem principal, é um general romano que é chamado a justificar seus atos perante o Supremo Tribunal, onde as testemunhas são as suas vítimas mortas. A peça é um drama alusivo ao conflito gerado pela 2ª Guerra Mundial.

Entre outros artistas que participaram dessa exposição estava Armando Almeida³⁰, que foi professor no Atelier Livre e com quem Cava teve muito contato, marcando presença com uma xilogravura:

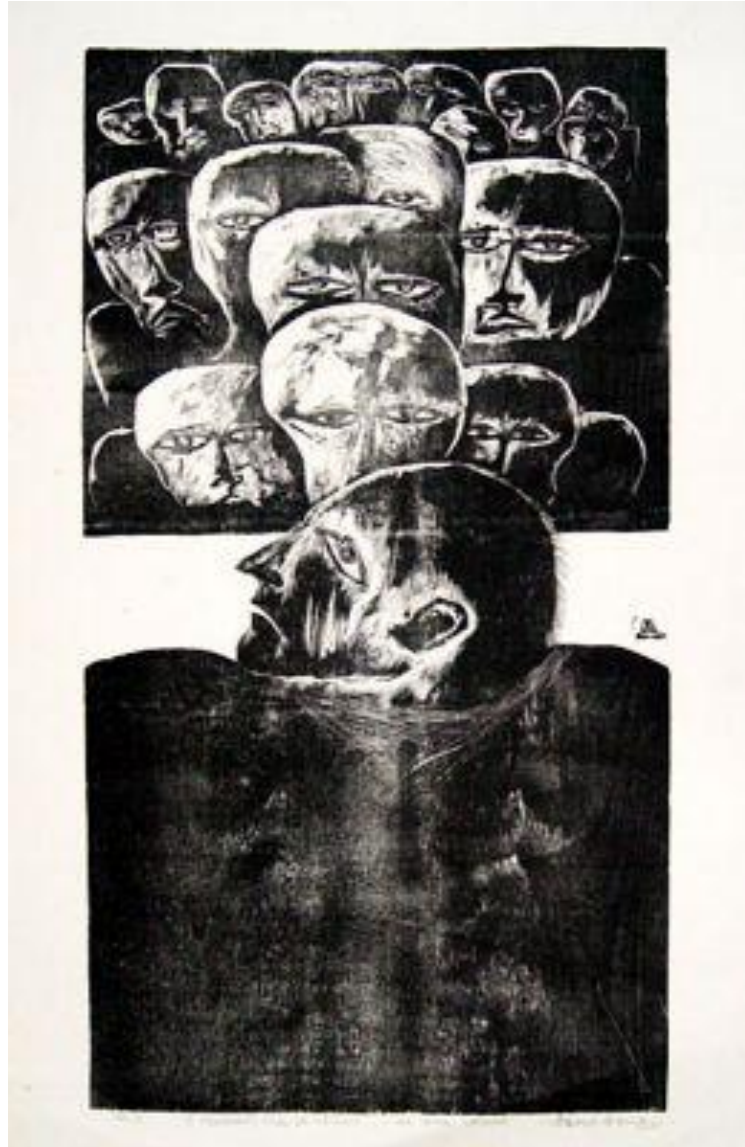


Figura 20: “O Julgamento Final de Lúculus”, Xilo, 88,7x48,2, 1979

É muito provável que o trabalho de Armando Almeida tenha influenciado Cavalcanti, pois conviveram por muitos anos no Atelier Livre, e em suas trocas de idéias e

³⁰ Gravador e escultor. Professor do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, do Instituto de Artes da UFRGS e diretor do MARGS de 1972 a 1973.

inseridos no mesmo contexto sócio-político da época originaram algumas semelhanças nas suas figurações, que podem ser observadas nas seguintes obras:



Figura 21: "Dona Gaudina e Seu Olegário", Xilo de Cavalcanti, 1981



Figura 22: "Eis o Homem VII", Gravura em metal de Armando Almeida, 1979

Na trajetória biográfica do artista pode-se observar seu constante convívio com outros artistas, sejam eles professores, colegas ou amigos, com os quais trabalhou, participou de oficinas e exposições, discorrendo continuamente sobre o fazer artístico, seu e de outros, questionando o papel da arte do artista, sua autonomia e profissionalização. Casos específicos como Gustavo Nakle, amigo de longa data, com o qual debatia constantemente e ainda debate, sobre questões sociais e políticas, “trocando figurinhas”³¹, foi Cava quem o aproximou ao mundo dos Cartuns, das histórias em quadrinhos, com o qual ficou encantado, sem falar nas diversas oportunidades em que a crítica contribuiu no seu fazer artístico. Anico Herscovits também conviveu com o artista em várias oportunidades, em diversos locais como o Atelier Livre e o MAM Atelier de Litografia, onde Cava criou e produziu muitos trabalhos; também participou de inúmeras associações, como no Núcleo de Gravura, sendo muito combativo, “sempre foi um questionador”³².

Assim, nessas “trocas de figurinhas”, em meio a esse convívio, a trajetória do artista vai modificando-se, e é possível observar, ao analisar alguns de seus trabalhos a influência do fazer artístico alheio na sua obra, seja na temática, seja nos elementos da composição.

³¹ Entrevista com Gustavo Nakle.

³² Entrevista com Anico Herscovits.

3. Década de 80

3.1 Influência Política

Nos anos 80 a influência da abertura política, principalmente com o movimento das *Diretas Já*³³, possibilitou a participação e o engajamento da população, principalmente dos jovens, nos movimentos reivindicatórios de transformações nos âmbitos social, econômico e cultural no país. No meio artístico ocorreu uma alteração de comportamento, na postura dos artistas “Tidos tradicionalmente como individualistas, por exercício da profissão, os artistas uniram-se, fazendo trabalhos em grupo, motivados pelo desejo de mudança”³⁴. Eles organizavam acontecimentos que ocorriam na rua, em espaços públicos, como caminhadas artísticas, comícios relâmpagos, performances no Bric da Redenção, os quais tinham por intuito atingir o maior número de espectadores possível.

*Historicamente, as manifestações artísticas de cunho político sempre buscaram espaços de maior visibilidade para suas demonstrações. Naquele momento, a inovação foi à conjunção de outros interesses, tais como a valorização do espaço público urbano enquanto espaço material de arte, o que estava na ordem do dia nas artes visuais*³⁵.

A situação dos artistas modificou-se, e embora o movimento político reunisse um coletivo que reivindicava seus direitos, na sua individualidade eles iam à procura de sua profissionalização, participando da estrutura mercadológica, com a preocupação na confecção dos portfólios, dos currículos, muitos deles indo à procura de profissionais da área da comunicação para melhor apresentar seu “produto”. Suas relações com as galerias também sofreram modificações, o *marchand*, antes um comercializador da obra, passou a denominar-se de galerista assumindo também o papel de agente cultural, promovendo e assessorando o artista, seja no meio local, seja por intercâmbio com outras galerias do país ou do exterior. Quanto às obras, a busca pela autonomia do artista refletiu a diversidade das linguagens, o intercâmbio com outros locais, a velocidade dos meios de comunicação, a multiplicidade de exposições, acentuaram esse caráter. Verificou-se um retorno à pintura, com o desenho ainda

³³ “Diretas Já”: movimento de ordem civil, iniciado em 1983, que reivindicava por eleições presidenciais diretas no Brasil, por intermédio da Emenda Constitucional Dante de Oliveira, oriunda da classe política e intelectual brasileira. Foi votada e rejeitada pelo Congresso em 1984; no entanto, no ano seguinte, na eleição indireta para Presidente, dois civis disputaram o cargo: Tancredo Neves (PMDB) e Paulo Maluf (PDS), o primeiro, com o apoio das lideranças das “Diretas Já”, venceu a disputa.

³⁴ BRITES, Blanca. p.138.

³⁵ Ibidem.

em destaque, sendo que “muitos dos que se haviam iniciado como gravadores nos anos setenta, encaminharam-se na década seguinte, paralelamente à pintura e ao desenho, como é o caso de Maria Tomaselli, Wilson Cavalcanti, Ana Alegria, Regina Ohlweiller e Diana Rodrigues”³⁶.

Assim, com a chegada da nova década, Cavalcanti trabalhou muito no Atelier Livre, trocando idéias com Paulo Peres, Paulo Chimendes, Hélio Ferverza, Octacílio Camilo, entre outros. Criou contos por intermédio da gravura, invertendo o sentido entre o real e o imaginário: aquilo que parecia ser irreal era o fato existente, e o que parecia real não passava de criação fictícia. Participou com desenhos da Exposição “3 artistas, 3 linguagens”, conjuntamente às gravuras de Regina Ohlweiller, e aquarelas de Paulo Amaral, na Galeria Clube do Comércio³⁷:

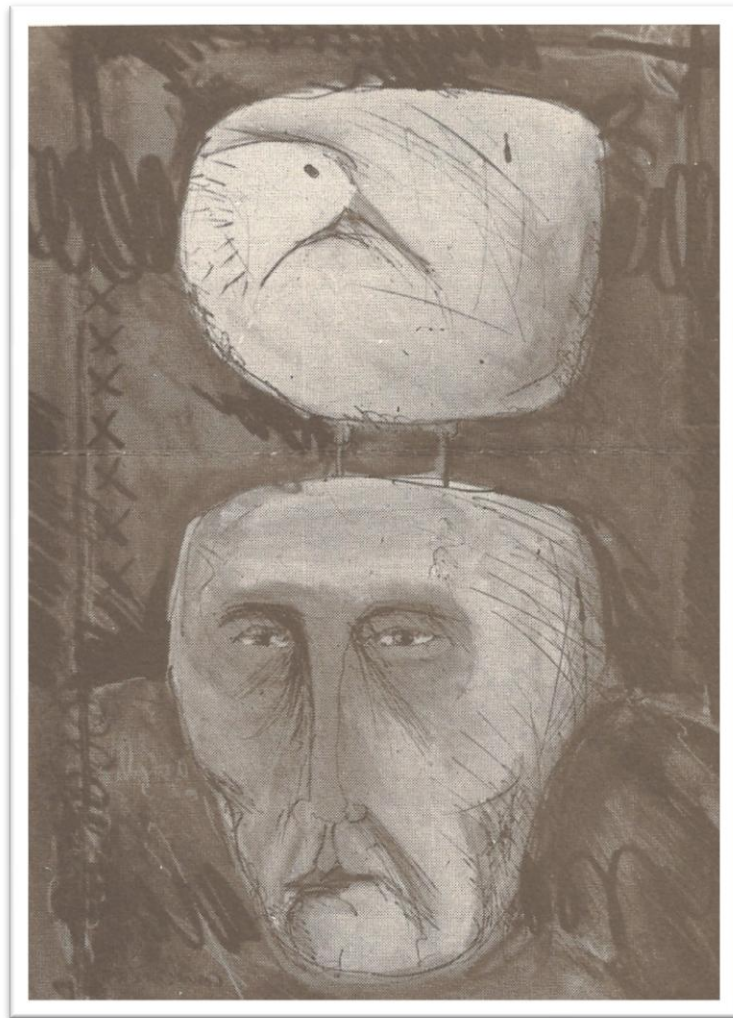


Figura 23: s/t, desenho, 1980.

³⁶ BRITES, Blanca. p.142.

³⁷ MAIA, Carlos, Coluna de ZH, 2º caderno, 09/07/80.

Outro trabalho também apresentado nessa exposição foi um desenho, criado em 1978, no qual o artista experimenta com diversos materiais: sobre papel couchê foi aberta uma linha com ponta seca, sobre a linha inscrita aplicou-se tinta nanquim cujo excesso foi retirado rapidamente utilizando estopa. Posteriormente foram aplicados pasteis secos e oleosos coloridos, e um betume aguado sobre a superfície de fundo:



Figura 24: s/t, desenho, 1978

O resultado estético desse trabalho deixa o observador relutante em concebê-lo apenas como desenho, visto que a linha bem acentuada do nanquim e o fundo manchado com betume sugerem uma gravura em metal. Certamente que a experiência de Cavalcanti com a gravura lhe possibilitou incursionar no desenho de forma distinta, recriando a técnica e obtendo novos resultados.

E sem dar trégua, expôs no III Salão de Arte de Pelotas com desenhos, momento em que também estabeleceu alguns encontros com artistas de vários países latinos americanos. Ainda, foi premiado no IX Salão do Jovem Artista, promovido pela RBS e com a colaboração da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, com Menção Honrosa em Desenho em técnica mista. Finalmente, com os artistas e amigos Paulo Chimendes, Marta Schilling, Leopoldo Plenz e Ivone (sic), montou a Exposição no Restaurante Doce Vida (Rua da Republica 163), com desenhos e litos.

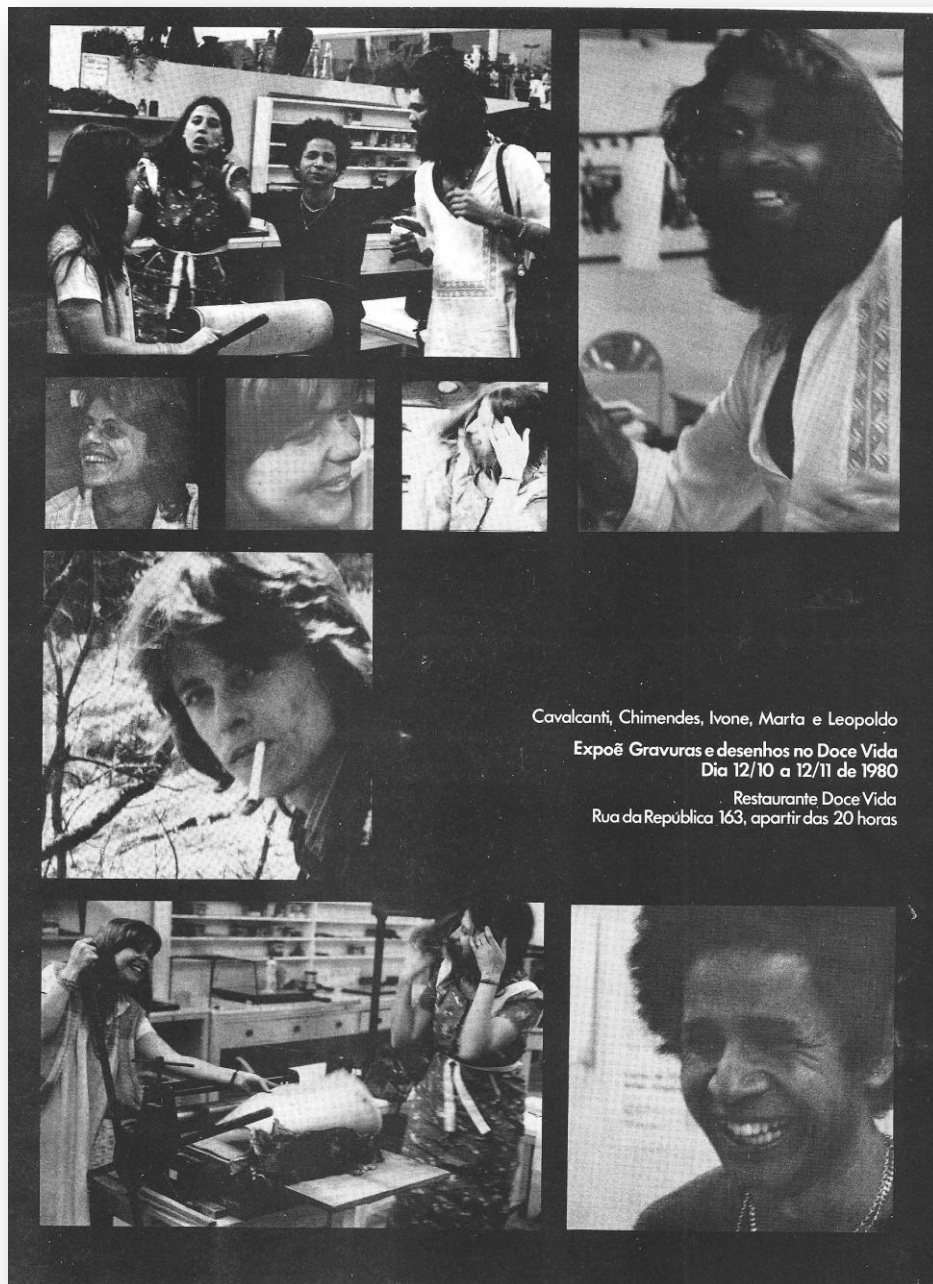


Figura 25: Convite Exposição no Doce Vida. 1980

Para Cavalcanti essa década propiciou várias exposições e também participou em diversos eventos, promovendo seu trabalho em Porto Alegre, Novo Hamburgo, Gramado e Pelotas, e transcendendo o estado, passando por Florianópolis, Curitiba, São Paulo e Montevideo. Momento de destaque, quando de sua participação na Exposição "Verde e Amarelo", no MARGS, organizada pela Arte & Fato Galeria de Arte, dentro das comemorações de 25 anos de aniversário do museu. A organização teve o intuito de realçar a participação do Brasil na Copa do Mundo de 82, e para destacar a idéia dos doze participantes do "jogo", foram reunidos 11 desenhistas³⁸, mais um convidado especial: Renato Heuser.



Figura 26: foto dos artistas participantes da exposição "Verde e Amarelo"

Alfredo Nocolaiewsky, Milton Kurtz, Mário Rohnelt, Júlio Viega, Carlos Wladimirsky, Cavalcanti (de pé), Elcio Rossini, Rogério Nazari, Paulo Chimendes, Eduardo Vieira da Cunha e Jailton Moreira (agachados).

³⁸ Foto do Folder da exposição Seleção Verde e Amarelo, Arte&Fato Galeria, 1982.

Em texto de Décio Presser³⁹:

Considerados como craques do desenho, a maioria dos 11 artistas participantes desfruta de prestígio, principalmente junto ao público que acompanha a evolução da arte no Rio Grande do Sul. Wilson Cavalcanti e Paulo Chimendes são os que há mais tempo desenvolvem carreira. Ambos têm formação no Atelier Livre da Prefeitura Municipal e se dividem entre a gravura e o desenho.

Para melhor ilustrar a temática da exposição, a imagem extraída da reportagem da Revista Visão:



Figura 27: Artistas da “Verde e Amarelo, Revista Visão, 1982

“Os 22 trabalhos (cada artista fez dois) abordam o futebol, embora esse tema não tenha sido exigido; o requisito era apenas das cores que dão nome à mostra”⁴⁰.

³⁹ Folha da Tarde, *Entra em Campo no MARGS a “Seleção Verde e Amarelo”*, em 16/06/82.

⁴⁰ Visão, nº 22, 31/05/82.

Nessa época Cavalcanti continuou a experimentar com materiais distintos, mas principalmente saiu à procura dos não convencionais à pintura, agregando às obras areia, café em pó, pigmentos de origem diversa, como também começou a adotar uma linguagem considerada por muitos “radical”⁴¹ para a época, e de grande impacto no meio artístico.



Figura 28: s/t, desenho, 1982

⁴¹ Entrevista com Alfredo Nicolaiewsky.



Figura 29: s/t, desenho, 80cmx110cm, 1982

3.2 A Primeira Exposição Individual

Em 17 de setembro desse ano, Cava inaugurou sua primeira exposição individual, intitulada *Ex-posição*, na Salamandra Galeria de Arte, localizada na Rua Luciana de Abreu, em Porto Alegre, na qual apresentou uma série de desenhos criados com o emprego de materiais reaproveitados, como eucatex, carvão, e pigmentos não convencionais. Nesses trabalhos a temática denotava os conflitos sociais e políticos da época, e para Cavalcanti, seu “trabalho busca refletir a relação entre arte e vida, fugindo aos conceitos burgueses da arte estética e complacente”⁴². Na reportagem para a Folha da Tarde⁴³, Décio Presser, diretor da Arte & Fato, no texto *Desvinculado do Tradicional*, afirma:

Nesta época em que a maioria dos artistas estão comprometidos com o belo, buscando receptividade junto ao grande público, Wilson Cavalcanti foge aos padrões estabelecidos. Além de utilizar material tradicional de desenho, reaproveita café, fitas adesivas, asfalto, dando ao seu trabalho uma concepção bastante original.

Para Alfredo Nicolaiewsky⁴⁴ essa exposição foi um marco de referência no trabalho de Cava, bem como algo de vanguarda na época, rompendo com o figurativo convencional, e empregando uma linguagem e materiais próprios.⁴⁵

⁴² Depoimento com Cavalcanti.

⁴³ Folha da Tarde, Coluna Opinião, setembro/82.

⁴⁴ Depoimento do artista, entrevista realizada no IA em 05/11/2010, que é desenhista e pintor, Doutor em Artes Visuais. cursou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS e o Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre. Atualmente é diretor e Professor Adjunto no Instituto de Artes da UFRGS .

⁴⁵ Ibidem.



Figura 30: s/t, desenho, 80cmx110cm, 1982

3.3 A Fuga do Artista

E embora o ano de 1982 tenha sido um ano expressivo para a divulgação de seu trabalho, Cavalcanti sentiu-se desanimado diante das dificuldades que o artista enfrentava para sobreviver com seu labor e obter autonomia, assim, arrebatado por um gesto impulsivo se lançou num empreendimento aventureiro, vendeu sua casa na Santa Isabel, por um salário mínimo, com barraca de baixo do braço e um mínimo de utensílios necessários, decidiu deixar de ser artista e mudou-se para a Praia da Onça, em Viamão, a 70 km de Porto Alegre, acampando à beira da lagoa dos Patos.⁴⁶

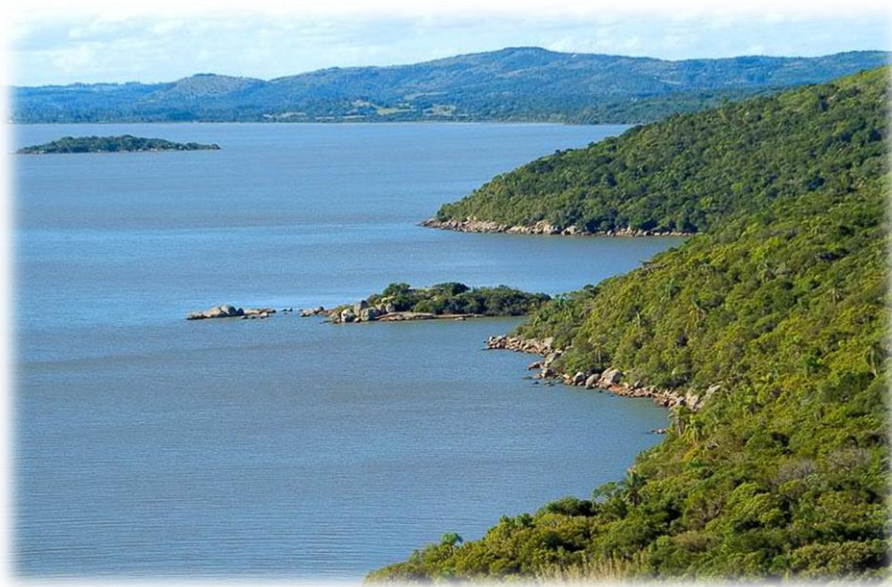


Figura 31: Imagem da Praia da Onça ⁴⁶

Lá ele construiu um refúgio entre pedras, canalizou água com bambus, e conseguiu sobreviver por intermédio de trocas com a vizinhança, um escambo contínuo de víveres por pequenos trabalhos, ou até por alguns desenhos que fez. Ele permaneceu nesse local por cerca de oito meses, e chegou a receber a visita de parentes e amigos, que consideraram seu empreendimento descabido, tentando convencê-lo a retornar à cidade.

Mas, o espírito aventureiro foi minguando, as idéias modificaram-se e, no início de 1983, abandonou o “exílio” decidindo retornar para a Santa Isabel. Logo em seguida à sua chegada recebeu o convite para ir trabalhar em Fortaleza com educação social. Sem outras expectativas mais sólidas ou convidativas, ele partiu para o novo empreendimento, dedicando-

⁴⁶ <http://www.skyscrapercity.com>

se à ação social com crianças e jovens, indo também para Belém do Pará. Nessas cidades, Cava vivenciou as mazelas da população local, que viviam em choupanas e palafitas rudimentares, analfabetos em sua maioria, com o mínimo de recursos para a sobrevivência – ele bem sabe como a limitação financeira cerceia a emancipação do sujeito. A experiência nesse trabalho educativo e social reafirmou as evidentes diferenças entre as regiões Sul e Nordeste do país, mostrando que a unificação da educação apregoada pelo Governo brasileiro não atendia às diferenças regionais, empobrecendo o sistema de ensino como um todo.

Perante essa realidade e ciente da dificuldade de poder alterar o quadro social que experimentou, decidiu retornar ao sul. Aqui chegando recebeu convite para trabalhar com educação popular, no Governo da Prefeitura de Viamão, durante o mandato de Tapir Rocha. Com o aprendizado recém adquirido, diante das ações sociais tentadas no nordeste do país, com ampla bagagem de conhecimentos e habilidades, sem falar no processo criativo próprio, na área artística, e, principalmente, com muita vontade de contribuir para modificar o quadro de desamparo e descaso para com as comunidades carentes da região, passou a residir novamente na Santa Isabel, trabalhando para a Prefeitura de Viamão, ministrando aulas na Escola Alberto Pasqualini, na época com 2000 alunos, com a incumbência de ser o responsável pela disciplina dos alunos, e desenvolvendo projetos educativos na área social e artística, ministrando oficinas de teatro e gravura. Para Cavalcanti “a arte tem relação com a vida, senão não é arte; os artistas no Rio Grande do Sul são burgueses”. Ele enfatiza que a arte tem um sentido político, e deve relacionar-se com a realidade social, volver-se para o homem.

Embora envolvido e dedicado à sua atividade docente, seu trabalho como artista não foi esquecido pelo meio artístico, Décio Presser escreveu na coluna de Artes da Folha da Tarde o artigo “Revendo a Obra de Nomes Consagrados”⁴⁷, comentando a *Ex-posição*, individual de Cava: “outro gaúcho dono de uma linguagem que foge aos preceitos estéticos, mas extremamente viva, realizou sua exposição mais homogênea”.

Sempre que possível frequentou o Atelier Livre, e em 1984 trabalhou num álbum de gravura, o qual foi apresentado durante a Feira do Livro de Porto Alegre, em parceria com a artista plástica Miriam Tolpolar. Na sua atividade docente a sua relação com a Direção da Escola Alberto Pasqualini se deteriorou, dada a diretriz disciplinar e discriminatória, conseqüência do regime militar, adotada na educação municipal, forçando Cava a sair da mesma. Diante da incerteza de subsistência, agora casado com Rô, prestes a ser pai pela primeira vez, percebeu-se acuado, e verificando que em qualquer ocupação o rendimento

⁴⁷ *Destaques 82*. IN: Folha da Tarde, ARTES, 03/01/83, p. 28.

financeiro não ultrapassaria o salário mínimo, decidiu retomar à arte como meio de sobrevivência. Buscou seu retorno ao meio tentando ingressar na publicidade com criação e desenho, passou a confeccionar, entre outros fazeres, bonecos de argila, caixinhas de fósforos com mini xilogravuras, entre outros, os quais foram comercializados no Bric da Redenção aos domingos.

Foi naquele espaço de convívio da cidade, durante o aniversário do Bric da Redenção, que em 1985 a Folha de São Paulo publicou uma reportagem sobre uma Xilo de Cava; na mesma época o Pasquim lançou um HQ seu. Neste período seu trabalho foi intenso, aos sábados no Atelier Livre, expondo na 1ª Feria de Gravura no Centro Municipal de Cultura⁴⁸, e durante a semana nas oficinas do MARGS sendo que participou da exposição *Gravura no Rio Grande do Sul: atualidade*. Essa última surgiu como proposta de mostrar o trabalho de artistas de um estado do Brasil para outros estados da federação, o MARGS⁴⁹ e o MAC-USP levaram obras de gravadores do Rio Grande do Sul para as cidades de São Paulo (08/08/85 a 08/09/85), Porto Alegre (19/12/85 a 15/01/86) e Rio de Janeiro (13/03/86 a 12/04/86).

No catálogo da exposição foram apresentados os artistas participantes: “Wilson Cavalcanti, auto marginalizado consciente do mundo das promoções artísticas, desenvolve um trabalho de acentuado conteúdo crítico em suas recentes xilogravuras”⁵⁰.



Figura 32: folder exposição “Gravura no Rio Grande do Sul: atualidade”, 1986/87, p.22.

⁴⁸ Feira da Gravura, Centro Municipal de Cultura, em 22/11/85.

⁴⁹ Esta exposição faz parte do projeto do MARGS intitulado “Museu Extramuros”.

⁵⁰ Texto de Vera Chaves Barcellos, folder da exposição “Gravura no Rio Grande do Sul: atualidade”, 1986/87.

Ao final de ano participou na confecção do Calendário de Litografias que foi lançado para o ano de 87, no Atelier MAM de litografia⁵¹.



Figura 33: Convite da exposição “Calendário do MAM – 1987”.

“22 artistas assinaram um calendário de 1987, impresso em litografia. As imagens correspondentes aos meses do ano foram, cada uma delas, produzidas em conjunto por dois ou mais artistas”⁵².

Junto a outros 12 artistas, Cavalcanti foi escolhido para participar da Exposição "Le Jeune Gravure Contemporaine", cujas obras foram expostas no Grand Palais Des Champs-Elysées, em Paris. A escolha dos artistas ficou a cargo das instituições do MARGS e do MAC/USP.

Com a chegada dos *novos ventos*⁵³, tempos de abertura política, às vésperas de uma nova Constituição, em março de 1987 foi feita a Exposição, na Chico Lisboa, "Das Diretas à Constituinte", com uma mostra de artistas gráficos e fotógrafos, em exibição no Centro Municipal de Cultura, com Cavalcanti criando *desenhos irreverentes*, nas palavras de Luis

⁵¹ Diário do Sul, Artes Plásticas, *Litogravuras no Calendário para 87*, p.7, em 15/12/86.

⁵² Sem autor. Correio do Povo, *Calendário de litos e duas individuais*. p.23, 11/12/86.

⁵³ BRITES, Blanca, p.138.

Carlos Barbosa⁵⁴. Esse mesmo colunista, no mesmo ano, comentou sobre o trabalho de Cava, *Dona Gaudina e seus Bichos*, na Exposição do Atelier Livre (série de 17 gravuras em edição de dez exemplares):

*... o trabalho atual, figurativo no gênero literário, onde o risco percorre sucessivas vezes, a uma personagem de face ora ameaçadora, em outras, molestada. Estes elementos compõem cenas ambientais, à maneira do teatro, influência de sua atuação nessa área como ilustrador.*⁵⁵



Figura 34: “Dona Gaudina e Seus Bichos”, xilo, 1987

⁵⁴ BARBOSA, Luis Carlos. Diário do Sul, Página da Cultura, 22/03/1987.

⁵⁵ Diário do Sul, Página da Cultura, *Xilos Artesanais na Volta de Cavalcanti à Figuração*, em 09/06/1987.

Já ao final do ano, durante a 33ª Feira do Livro, de 30/10 a 15/11/87, após uma árdua batalha para poder montar uma banca para Feira da Gravura, que não era do agrado da Câmara Rio-Grandense do Livro, foram apresentados os trabalhos de 32 gravadores membros do Núcleo de Gravura⁵⁶, nas técnicas de serigrafia, lito, metal e xilo. Em reportagem ao Diário do Sul, Cava declarou "pela capacidade de ser copiada, a gravura é um meio de socializar a arte"⁵⁷.



Figura 35: Núcleo de Gravura na Feira do Livro: Cavalcanti e Octacílio

Nesta mesma feira do livro, Cavalcanti, Renato Motta, Miriam Tolpolar e Paulo Chimendes formaram o grupo “4 Na Prensa”, apresentando seus livros artesanais. Cavalcanti contou sobre a temática de suas xilos, *Dona Gaudina e seus Bichos*: "é uma história

⁵⁶ Fundado em 8/10/84 no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre. É uma Associação de Artistas Gravadores que atuam de forma independente, desenvolvendo as técnicas gráficas como a xilogravura, linóleogravura, gravura em metal, litografia, serigrafia, gravura digital e eletrografia. Ocupou vários locais: no antigo Hotel Magestic (hoje Casa de Cultura Mário Quintana), MAM Atelier de Litografia, Museu do Trabalho onde permaneceu até maio de 2004, instalando-se posteriormente no Solar Cívico Cultural Anes Dias, na Avenida João Pessoa nº 567.

⁵⁷ Diário do Sul, Coluna de Rosina Duarte, *Gravura vai para a praça com desconto*, em 03/11/87.

estranhíssima, inspirada numa personagem que conheci,..., essa mulher dizia que a irmã era *doente dos nervos* porque a mãe tinha posto uma galinha choca na cabeça dela”⁵⁸.



Figura 36: Fotomontagem do Grupo “4 Na Prensa”, 1987.

Ao final dos anos 80 o trabalho de Cava foi exibido em exposições pelo interior do estado (Gramado, Novo Hamburgo, Viamão) e estendeu-se por Florianópolis e Montevideu. Cabe destacar a exposição *Série Técnicas 4 - Xilogravura*, na qual participaram seis artistas gravadores (Anico Herskovits, Armando Almeida, José Carlos Moura, Lurdi Blauth, Nelson Ellwanger e Wilson Cavalcanti), na Galeria de Arte da Caixa Econômica Estadual, ocorrida entre 13 a 30 de setembro de 1988. Essa exposição foi acompanhada de um catálogo ilustrado de 23 páginas, muito bem elaborado, no qual foram apresentados além de um breve histórico da gravura, materiais e técnicas de xilo, e imagens de obras dos artistas. Também foram ministradas oficinas de demonstração de impressão, tornando o evento lúdico e didático.

⁵⁸ Diário do Sul, *Quatro Volumes Artesanais Reconciliam Gravura e Livro*, Luiz Carlos Barbosa, em 07/11/87.

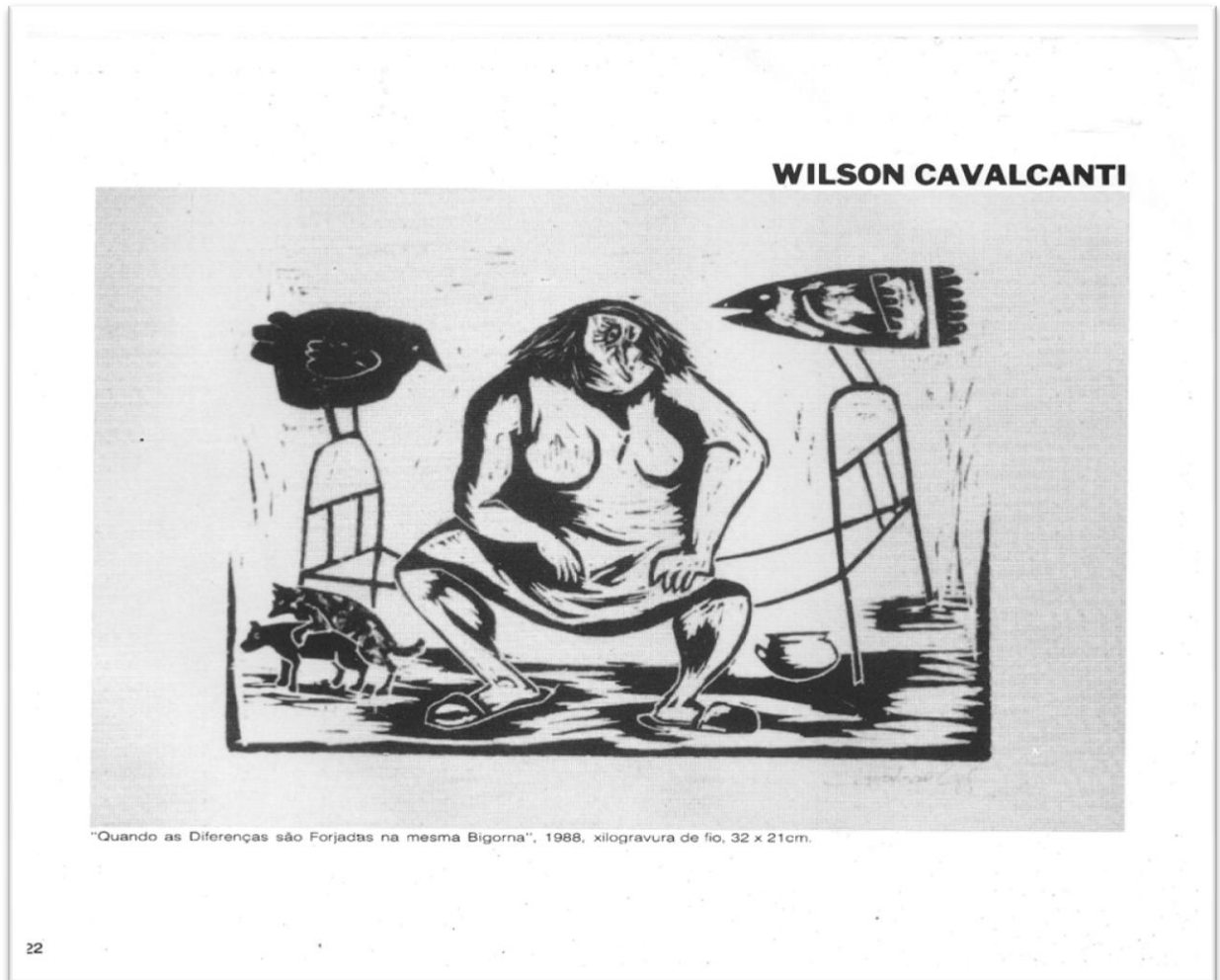


Figura 37: catálogo, “Série Técnicas 4 – Xilogravura”, Galeria da CEE, p.22, 1988.

Ainda nessa década, Cavalcanti desenvolveu vários trabalhos em xilogravura, retomando uma arte de temática figurativa, muitas delas numa alusão ao “realismo fantástico”⁵⁹. A artista plástica e professora Maia Mena Barreto, que conhece Cava há muitos anos e já trabalhou com ele em vários projetos e oficinas de arte e educação, admira o trabalho sócio-educativo que Cavalcanti desenvolveu e ainda desenvolve, muitos dos quais abrangem uma população constituída por crianças e jovens com risco social; ela afirma que parte do fazer artístico deste artista, como as xilos da série “Dona Gaudina”, reflete o seu convívio com a população local da Santa Isabel e sua preocupação com comunidade.

Nessa abordagem de cunho social, a obra de Cavalcanti representa a preocupação do artista com as questões políticas também, embora não apresente uma carga de denúncia explícita, é portadora de elementos visuais que denunciam a situação do indivíduo excluído e

⁵⁹ Depoimento de Maia Mena Barreto.

abandonado pelo sistema: corpos magérrimos, nus sem direito a gênero, pele e carne translúcidas expondo a ossatura humana, cabeças hiper-dimensionadas, bocas abertas, famílias em constante migração, a presença do peixe, do cachorro magro, enfim, uma diversidade de indicadores da exclusão social, sem falar no próprio emprego de uma variedade de materiais não convencionais, principalmente na época, reaproveitando café em pó, fitas adesivas, asfalto, que pode apontar muitas leituras: a falta de recursos para aquisição de “materiais nobres”, a tendência de empregar “matérias vanguardistas”, ou empregar “os restos” para denunciar a miséria dos outros (ou a sua mesma)?



Figura 38: Seu tempo aqui é tecer a eternidade, xilogravura, s/d



Figura 39: A Orelha de Van Gogh, xilogravura, 1988

Em 1988, numa virada ideológica, Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores, foi eleito como prefeito na cidade de Porto Alegre, iniciando seu mandato em 89 com uma proposta renovadora, principalmente na área da educação e da cultura. Na área artística iniciou-se uma série de projetos de arte de Rua⁶⁰, organizada por Margareth de Moraes, ligada a Secretaria de Cultura do Município. Neste período Cavalcanti foi convidado para ir a Santos-SP, como um dos representantes do município na área de educação e cultura, trabalhando com uma equipe de formação de professores de arte. Logo em seguida foi fundada em Porto Alegre a EPA - Escola de Professores de Porto Alegre, na qual ele desenvolveu atividades que concentravam interesses na arte e educação, principalmente voltadas para as comunidades fragilizadas pela miséria. Também nesse ano participou com gravura da ENART, Encontro de Arte, na Galeria do Centro Comercial Campinas em Florianópolis-SC, com artistas Catarinenses e Gaúchos, interessante fazer a leitura do catálogo da exposição que denota o caráter comercial do objeto de arte:

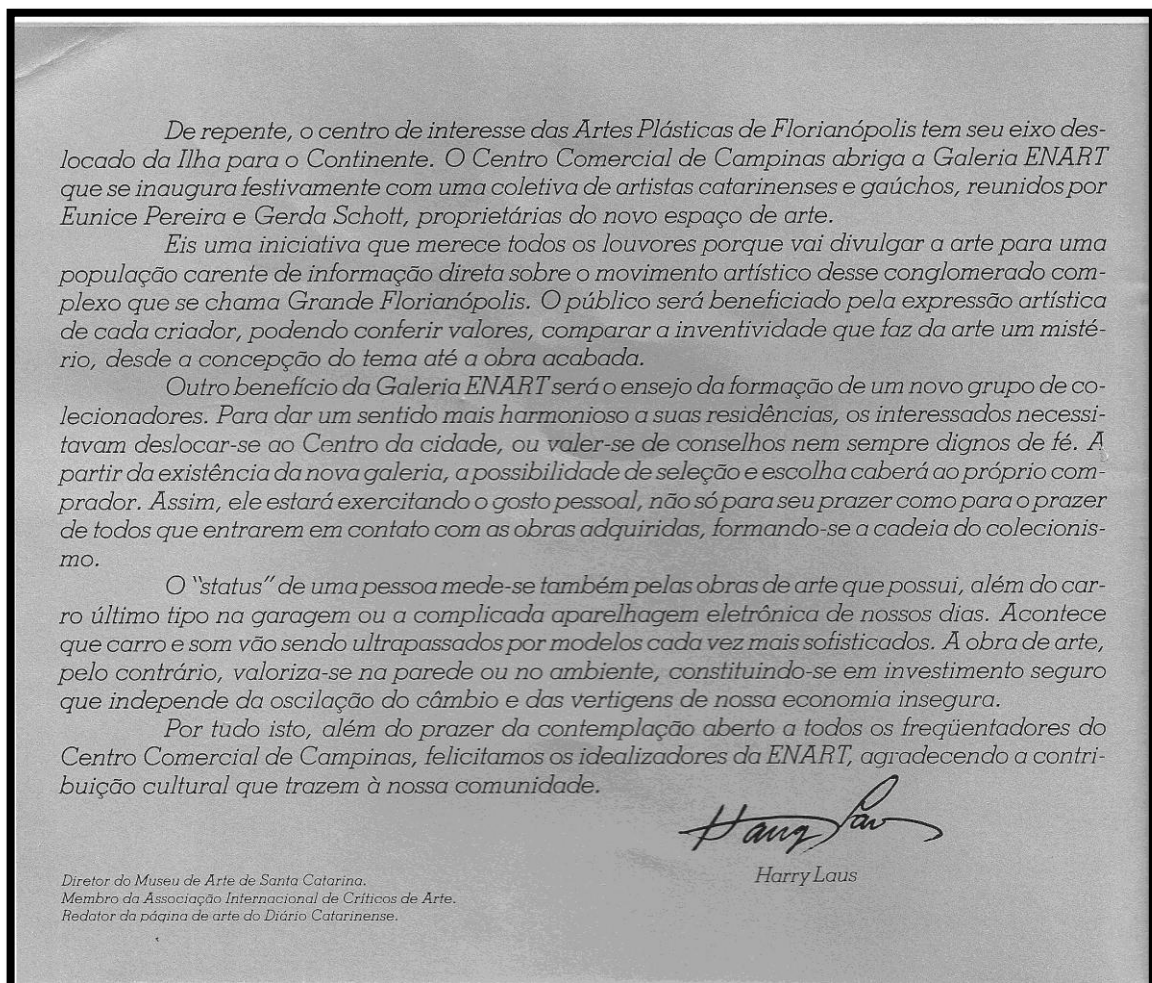


Figura 40: catálogo da exposição “Você tem um Encontro - ENART”, 1989

⁶⁰ Zero Hora, *A arte chega à campanha, nos Muros*, em 1990.

4. Década de 90

4.1 O Artista Escritor

Sempre engajado politicamente, na entrada da década de noventa, Cavalcanti participou do projeto de apoio à campanha de Lula, onde 20 artistas plásticos, como Vasco Prado, Xico Stonckinger, entre outros, pintaram painéis em muros pela cidade, os artistas foram divididos em grupos e trabalharam à luz do dia, sendo observados pela população que passava. Ao mesmo tempo em que estes artistas apoiavam a frente popular e faziam propaganda política da mesma, embelezavam a cidade. A imagem, sobre o muro de frente à Epatur, ficou por conta do Cava, Nestor Del Pino, Jovita Peña Sommer, Karin Lambrecht e Gisela Waetge.

Cavalcanti nessa década teve grande envolvimento com a popularização da arte, dedicando-se às oficinas de gravura, sempre buscando novas formas de linguagem para sua pintura. Foi realizada uma reportagem sobre Cava e seu trabalho, no Jornal Multiarte, *Artes Plásticas Só para as elites?* no qual o artista discorreu sobre arte e o funcionamento do mercado de artes.

Também foi colaborador do Jornal Então⁶¹, criado em 1990 por Maria Tomaselli e Gustavo Nakle, divulgando temáticas referentes às artes no Rio Grande do Sul. Na edição de agosto de 90⁶² Cava escreveu a coluna *Dodecágolo para o Sucesso*, onde apresentou os “12 segredos para se dar bem no mundo artístico”:

- I. *Elimine todo o seu senso crítico. Baseie-se somente no “gosto”, ou “não gosto”.*
- II. *Faça estágios em Nova Iorque e na Alemanha. Passe rapidamente por Paris, Barcelona, Florença, Londres e Amsterdã. Se você tiver dificuldades para chegar a estes lugares dê uma olhada, aliás, uma boa olhada, nas revistas de arte européias ou americanas. Não se envergonhe, pois copiar de um é plágio, mas copiar de muitos é pesquisa. Isto: pesquise.*
- III. *Faça gênero; seja temperamental, sensível, impulsivo, sonhador. Mas não exagere.*
- IV. *Nunca dê sua opinião sincera e clara. Fale qualquer besteira, mas com a convicção de um especialista.*

⁶¹ <http://www.nakleescultor.com.br>

⁶² Jornal Então, *Dodecágolo para o sucesso*. Ano I, nº 02, p.03, agosto de 1990.

- V. *Curta uma de outsider, miséria mais ou menos, sem nunca dispensar o bom uísque e roupas de boa grife, sempre com um pouco de displicência, é claro.*
- VI. *Trabalhe pouco. Trabalhando muito a produção cresce e o mercado pode inflacionar, deflacionando os preços. Além de tudo, não é sempre que o artista está inspirado.*
- VII. *Acredite. É preciso acreditar que é preciso acreditar em alguma coisa. Então acredite que é um gênio, uma espécie de Rei Midas que tudo que toca vira obra-prima. Em função disso, não ponha nada fora, guarde tudo. Se não tiver espaço, doe para museus.*
- VIII. *Qualquer coisa que você fizer ou lhe acontecer comunique aos meios de comunicação - sem um bom trabalho de mídia não há gênio que se agüente.*
- IX. *Monte no mínimo uma exposição por ano, com direito a cartazes, convites, catálogos, etc.. Com muita mídia, tendo o cuidado de ter vendido antecipadamente alguns dos trabalhos para os amigos ou parentes. Não comece a mostra sem nenhum trabalho vendido, nem que você mesmo tenha que comprá-lo.*
- X. *Faça fichários, fotografe, grave em vídeo, documente toda a sua obra. Mantenha-a sob controle, tal como seu paradeiro e o endereço dos compradores. Você não pode cair no esquecimento, nada pode se perder. Algum dia organizarão uma grande retrospectiva (póstuma?) com belos catálogos e você não vai querer dar muito trabalho para a curadoria.*
- XI. *Proporcione em seu atelier coquetéis, jantares, encontros com nomes criativos, para pessoas especiais como jornalistas, colunistas sociais, críticos de arte, galeristas. Seja sempre muito discreto, não deixando transparecer que é algo de puxa-saco ou de pessoa interesseira, sem classe.*
- XII. *Se nada disso der certo, se você não vender nada ou ninguém gostar do que você faz –nem você mesmo- ou pior, não conseguir sequer satisfazer suas fantasias sexuais de acordo com sua aparência, proclame-se então Van Gogh, gênio incompreendido. E se ainda isto não funcionar, vire galerista, marchand, ou se você for do tipo intelectual, crítico de arte.*

Em constante criação textual, também apresentou no *Jornal Multiarte*⁶³ o texto *Artes Plásticas só para as elites?* no qual discorreu sobre o mercado de arte, fazendo uma analogia com a plantação de uma horta.

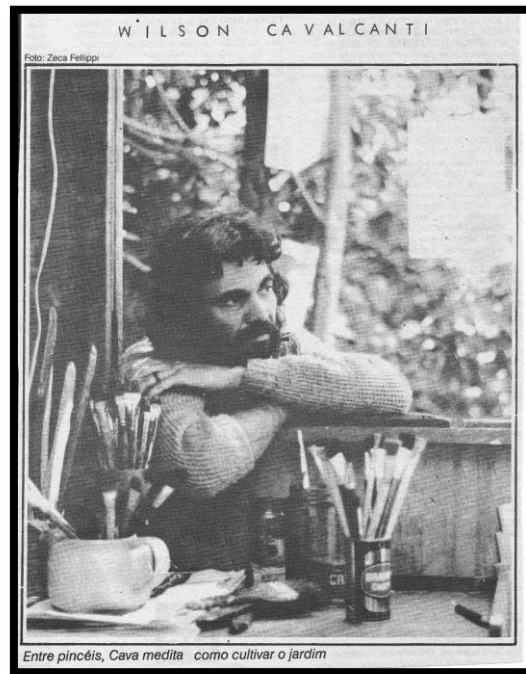


Figura 41: Foto de Cavalcanti no *Jornal Multiarte*, 1990

Comparando a produção hortigranjeira à produção artística, Cavalcanti apresentou as relações existentes no mercado das artes, caracterizou a diversidade de “produtores” artistas, desde aqueles que, como ele, foram obrigados a diversificar sua produção para conseguir uma “colheita que dá para ir vivendo”, enquanto aos produtores vizinhos ele escreveu: “além de trazer, na maioria dos casos já de família, as condições ideais para agricultura, como máquinas importadas, grandes extensões de terra fértil e quando não, é abundantemente adubada artificialmente, foi incentivada desde a mais tenra idade a desenvolver esta atividade”. Também discorreu sobre o mercado “distribuidor” que privilegiava uns produtores em detrimento de outros, e mesmo assim, conseguiu estabelecer uma relação de convívio, “... nós, produtores, consumidores e distribuidores, apesar de nossas máscaras, conseguimos ter um relacionamento relativamente cordial. Principalmente quando nos damos conta que o Sol está aí para iluminar a todos, e para todos tem lugar”.

⁶³ Jornal que circulou no RGS no início dos anos 90.

Pelo interior do Estado, participou de muitos projetos e exposições coletivas, uma delas, foi levada pelo CDE, para a Sala Carlos Barone em Passo Fundo, “Arte sobre Papel” a qual explorou diversos recursos sobre papel, e onde Cavalcanti apresentou algumas de suas obras ministrando paralelamente palestra e curso sobre gravura.

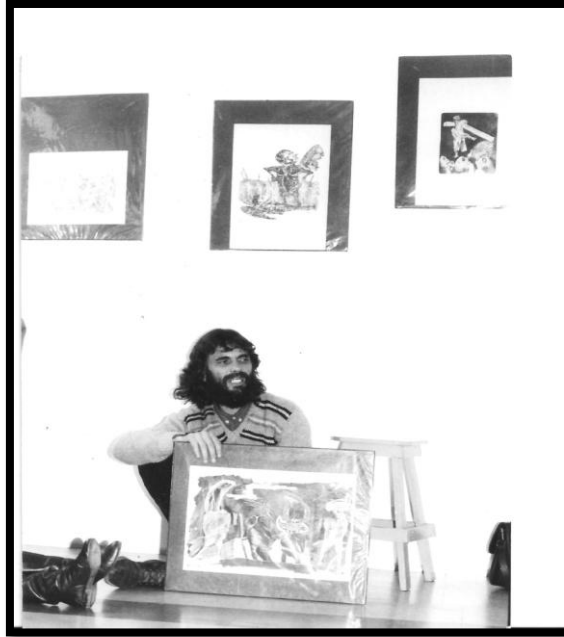


Figura 42: Foto de Cava ministrando oficinas de Gravura



Figura 43: convite da exposição “Arte sobre Papel”, 1990

Seu fazer artístico foi além da própria obra, ele fez questão de participar das oficinas de arte e de mostrar a todos aqueles que tivessem interesse um pouco acerca da técnica da gravura, bem como do contexto social de sua temática. Seu papel como educador de arte foi sempre uma constante, sempre engajado politicamente, tentando aproximar o público para a realidade daqueles que são excluídos pelo sistema, como ele mesmo o foi. Tanto a temática quanto a técnica e os materiais que empregou foram indicadores do seu papel como contestador social. Enfim, o artista teve livre arbítrio para definir o seu fazer artístico, mas ficou limitado por várias condições, sejam as econômicas, sociais, culturais, entre outras, intrínsecas ao sistema, às quais ele reagiu buscando sua autonomia.

“O artista comporta-se de diversas maneiras diante do poder político. Pode acreditar na liberdade que lhe é concedida e idealizar sua prática, antepondo ou considerando mais reais as questões propriamente artísticas. Pode ter opiniões políticas claramente manifestas, ser consciente dos mecanismos de mercado, perceber as relações de sua prática com o universo de trabalho. Pode, mesmo não fazendo política, fazer justamente a política que o poder espera dele: aceitar e perpetuar o sistema. Pode escolher a militância do engajamento e da revolução. Pode separar a militância política de sua prática artística, não querendo submeter a criação a leis exteriores”⁶⁴.

E transitando nas questões sociais, mas agora com um viés psicológico, montou em parceria com Lordsir, o Peninha, a exposição “Protocolos”, na Galeria do CDE.

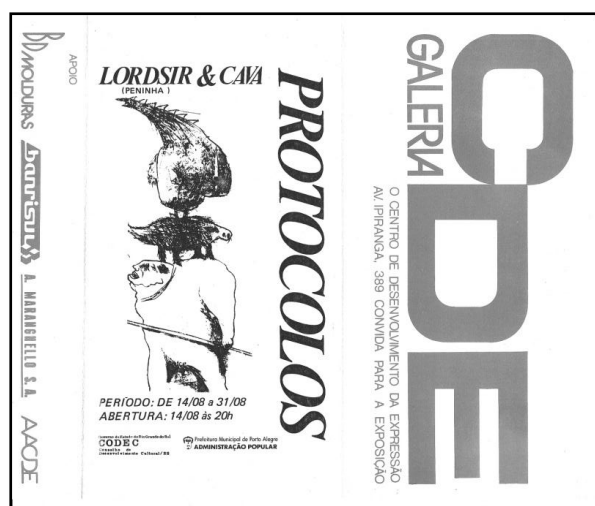


Figura 44: Convite da Exposição “Protocolos”, 1990.

⁶⁴ FABRIS, Annateresa. p.12.

Nela Cava apresentou cinco trabalhos nos quais empregou como suporte eucatex, e materiais como tinta, pigmentos e muita criatividade.

Os dois artistas viram suas produções envolvidas pelo mesmo tema, após a leitura de um livro de teoria e prática da psiquiatria, onde as pessoas e seus tratamentos eram vistos como meros números, protocolos. Esta chamada burocracia da neurose fez brotar os personagens retratados nos trabalhos da mostra⁶⁵.

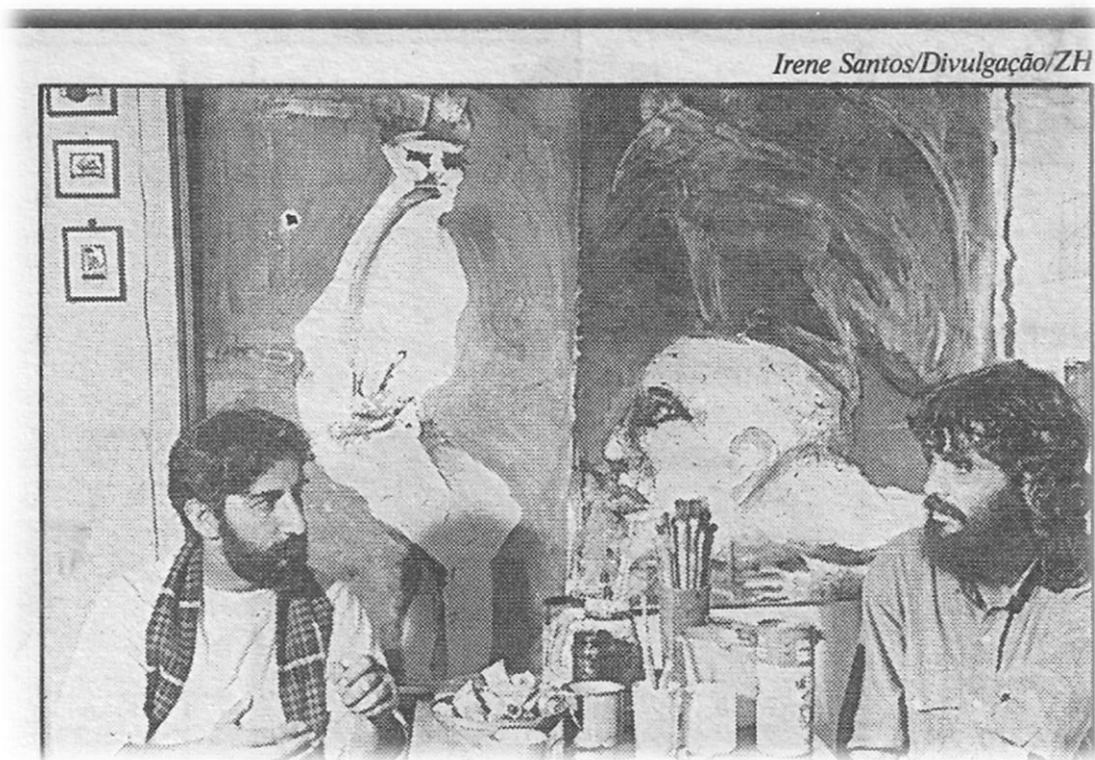


Figura 45: foto de Peninha e Cava em entrevista para o Jornal Zero Hora

Poucos meses depois, o grupo Quase (Peninha, Cava, Maia Mena Barreto, Jorge Braga, Monica Kabregu e Marga Magarinos) apresentou um trabalho coletivo no encontro de "Arte en La Calle", ocorrido na Plaza Fabini em Montevideu. O tema foi um grande mapa da América Latina, construído com materiais alternativos, com uma proposta da participação do espectador com a obra.

⁶⁵ Zero Hora, *A Psiquiatria como Tema*, em 14/08/90.

Em setembro recebeu a premiação de *Incentivo à Criatividade*, pela obra "Tantos quantos vivem em mim", no 9ª Salão de Artes Plásticas Câmara Municipal de Porto Alegre, organizado pela Associação Francisco Lisboa, sob a direção de Blanca Brites.



Figura 46: "Tantos Quantos Vivem em Mim", Técnica mista, 280x120cm, 1990

Em novembro ocorreu a exposição dos premiados no 9º Salão de Artes Plásticas na Galeria de Arte da Associação Badesul mostrando os trabalhos dos artistas. Logo em seguida Cavalcanti apresentou *Wilson Cavalcanti*, com várias pinturas:

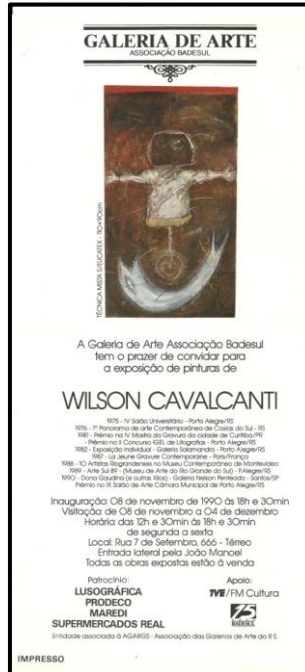


Figura 47: Convite da exposição, “Wilson Cavalcanti”, 1990.

No ano seguinte ocorreu o Encontro Latino Americano de Artes, durante o qual participou com outros artistas do projeto *Pintura no Muro*, ficando sob sua coordenação a pintura realizada no Muro da Mauá, próximo ao Gasômetro.



Figura 48: Foto de Cava com outros artistas, como Peninha, Monica Kabregu, Bira, Gustavito, Maria da Paz, Gustavo Nakle, entre outros, 1990

Ainda nesse ano, Cavalcanti participou de um ensaio fotográfico a convite da fotógrafa Irene Santos, cuja Instalação, *Arcanos Imaginários*⁶⁴, foi inaugurada na Casa de Cultura Mario Quintana:

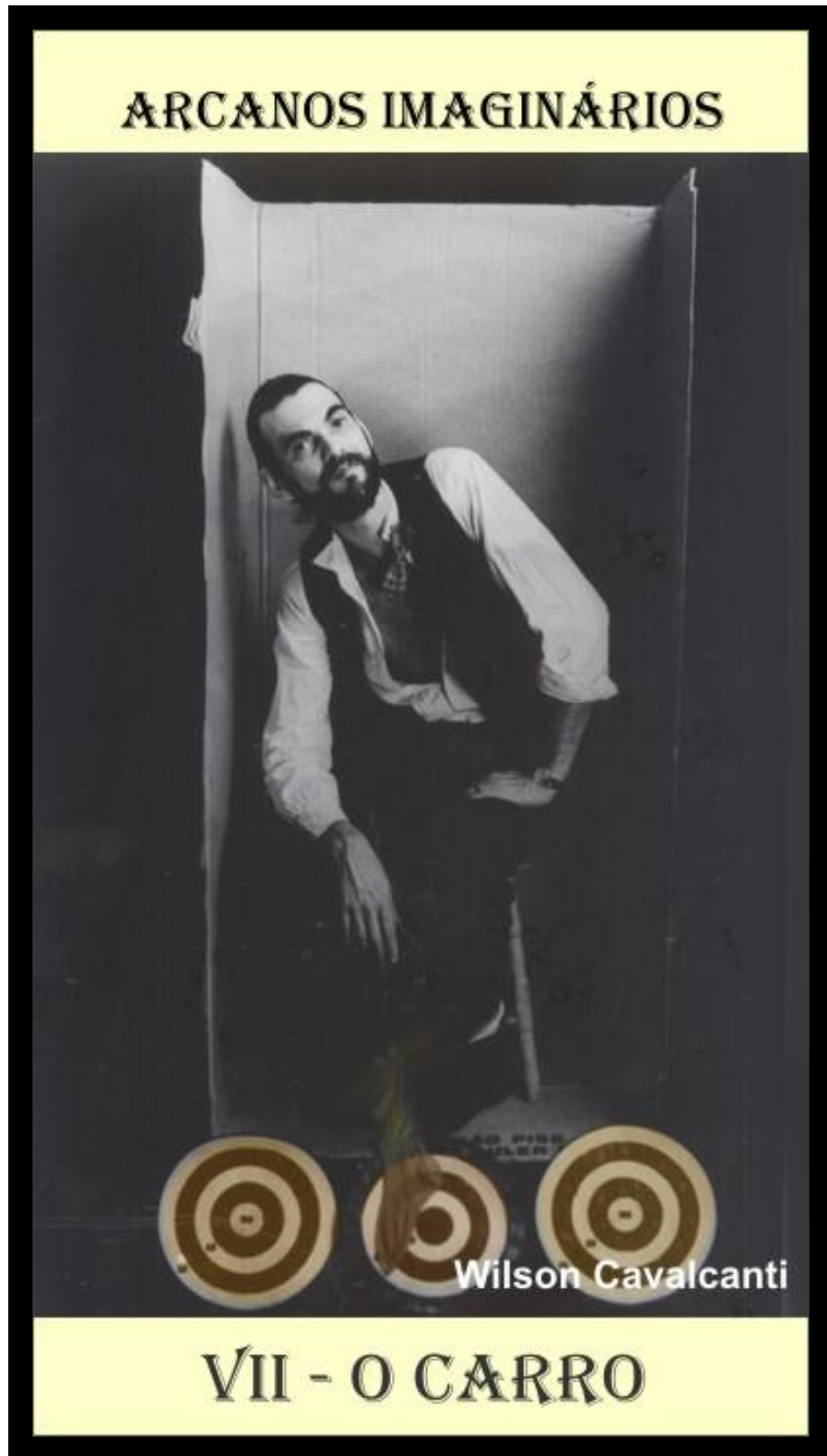


Figura 49: Imagem da Carta de Tarô “O Carro”, 1991

Foram fotografados 22 homens, cada um incorporou seu arcano, absorvendo suas características, medos, crenças, sonhos e fantasias. Cavalcanti foi o personagem *O Carro*⁶⁶.

*A fotógrafa gaúcha buscou um tema místico e antigo: materializou as figuras das cartas de tarô, através da representação cênica e visual de cada um de seus personagens. Irene isolou os arcanos maiores (as 22 primeiras laminas do tarô), que se constituem em representações simbólicas de idéias universais. Arquétipos inscritos no inconsciente coletivo*⁶⁷

⁶⁶ <http://www.irenesantos.fot.br/arcanexpo.html>

⁶⁷ Zero Hora, Coluna de Artes, em 28/04/91.

Nessa década, observando seu trabalho artístico, Cavalcanti além de transitar na experimentação com materiais, também jogou com a intercalação de técnicas, surgiram muitos trabalhos com colagens e sobreposições, assemblagens, como também construiu um vocabulário simbólico bem peculiar: sinais gráficos, elementos repetidos, cores específicas, entre outros. Um exemplo:



Figura 50: s/t, técnica mista, 40cmx25cm, 1991

Esse trabalho foi originalmente uma gravura em metal, para posteriormente, num segundo momento, ser retomado e aplicando sobre ele distintos materiais, como pastel seco e oleoso, nanquim e betume. Muitos de seus trabalhos foram criados por intermédio da desconstrução de várias imagens, muitas vezes rasgadas, para serem aderidas ou super postas umas às outras sucedaneamente.

Nas comemorações do “Atelier 30 anos”, ocorreu exposição no MARGS organizada e dividida em três blocos: Ex-alunos do Atelier Livre, professores da 1ª década e professores da 2ª e 3ª décadas:

*... as três exposições estabelecem uma retrospectiva ampla, permitindo ao público porto-alegrense um panorama das atividades desenvolvidas em toda a história do atelier: desde os tempos em que ocupava um espaço improvisado nos Altos do Abrigo da Praça XV, passando pela sede da Lobo da Costa, até a construção do Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues*⁶⁸.

No mês seguinte, Cava escreveu no Jornal Então o texto *Uma proposta de arte na rua*, retomando a temática da popularização da arte, refletindo acerca da relação da arte-sociedade, arte e espaço público:

*Arte na Rua é o nome que dou a este processo que leva à socialização do ato criativo e à reconquista, pelo homem, de seu ambiente. Calçadas, ruas, avenidas, bairros, cidades inteiras são prolongamentos do homem. A criação artística nesses espaços integra e humaniza o ambiente. A arte assume uma marca individual e outra grupal que se harmonizam para a reestruturação do grupo social*⁶⁹.

Além da questão de pretender popularizar a arte, torná-la acessível a todos, inserindo-a no espaço público, o discurso de Cavalcanti abordou a questão da marca individual e grupal da arte, e levantou questões sobre o papel social da arte. Sua reflexão sobre a socialização do ato criativo foi além dessa ocupação do espaço que poderia ser ocupado e visto por todos, e transitou no conceito da arte ser “fundadora da socialidade”⁷⁰ uma vez que ela prevê e invoca pelo público, estabelecendo uma comunicação para com ele, mesmo que se pense que o artista não visa o público, seu fazer artístico estabelece uma relação entre a arte e seu próprio papel de observador, e essa relação propicia a educação de seu próprio gosto e a transformação de seu fazer artístico. Assim a relação entre a obra artística e o público estabelece uma sociabilização da arte, a qual “fala a todos, mas a cada um de seu modo, e assim assegura uma universalidade através da individualidade e institui uma comunidade através da singularidade”⁷¹.

⁶⁸ Zero Hora, 2º Caderno, Artes, p.3 em 12/07/91.

⁶⁹ Jornal Então, nº 06, p.4, em 08/91.

⁷⁰ PAREYSON, Luigi. p.123.

⁷¹ PAREYSON, Luigi. p.123.

O trabalho artístico de Cava não passou despercebido pela produtora cultural argentina Maria Benites Moreno, que comentou sobre seu fazer artístico no *O Continente*⁷², jornal de publicação bimestral e que circulou no estado durante os anos 90, cuja capa na ocasião foi ilustrada pelo artista, dizendo:

Os desenhos de Cavalcanti me remetem a um tempo de círculos em volta do fogo, quando o frio e a chuva eram temidos e as nuvens escondiam aquelas luas que prenunciavam tempos de colheitas ou de partos. É como se nas obras de Cava o tempo se juntasse ao olhar, e o olhar ao tocar, e o tocar ao ouvir, e o ouvir ao cheirar, e o cheirar ao gostar.



Figura 51: Capa da Revista O Continente desenho de Cava a nanquim

⁷² *O Continente*, ano II, nº 15, p.2, *Wilson Cavalcanti*, em abril de 1991.

Ele também ilustrou a revista nº 4 da Ponto&Vírgula, sendo que na mesma edição foi sujeito da reportagem de Suzana Gastal, intitulada “CAVA”⁷³, a qual escreveu que o artista afirmou não gostar da palavra arte, “quero arte além da palavra” e que se considerava um “biscateiro da estética”⁷⁴, discorrendo sobre sua infância:

*Foi uma infância reclusa, que me levou a viajar pelos caminhos da imaginação. Como não podia ir à escola, ainda não aprendera a ler: ficava inventando histórias para minhas irmãs. Tudo o que eu sonhava era ser um contador de histórias*⁷⁵.



Figura 52: Capa da Revista Ponto&Vírgula nº 4, xilo de Cava, 1991

⁷³ Ponto e Vírgula, O Biscateiro da Estética, p.24, setembro/outubro de 1991.

⁷⁴ Este remo, “biscateiro da estética”, foi e é emprego do por Cavalcanti no seu discurso, citado várias vezes na literatura pesquisada.

⁷⁵ Ponto e Vírgula, O Biscateiro da Estética, p.24, setembro/outubro de 1991.

4.2 Oficina 11

Fez parte do grupo Oficina 11, fundado em 1992, conjuntamente aos artistas Maria Tomaselli, Beatriz Levy, Nilza Haertel, Benno Pferscher, Paulo Chimendes, Cris Rocha, Miriam Tolpolar, Neusa Amoretti, Tânia Couto e Paulo Olszewski⁷⁶, o qual foi originado do extinto MAM Atelier de Litografia (Maria Tomaselli, Anico Herscovits, Marta Loguércio). Localizado na Rua Olavo Bilac, nº 243, esquina com Lima e Silva, “lançou dois clubes de gravura”⁷⁷, possibilitando a circulação e comercialização de gravuras a valores mais acessíveis à população.



Figura 53: foto com Claudio Eli, Cava e a performática Zoé, frente à Olavo Bilac nº 243

⁷⁶ Correio do Povo, *O Atelier Coletivo como opção*, p.2, em 7/03/93.

⁷⁷ *Ibidem.*

O Grupo da Oficina 11 expôs em diversas oportunidades pela cidade e interior do estado, mas cabe destacar o projeto intitulado “Se essa rua fosse minha” na qual foram apresentadas em plena rua, com a participação dos moradores, performances de rua, demonstrações de teatro, dança, capoeira, coral, acordeão, pintura e gravura. “O Grupo de 11 gravadores simplesmente resolveu fazer uma festa de fim de ano diferente” ⁷⁸, Cavalcanti afirmou que “Nossa festa vai além do Natal” ⁷⁹.

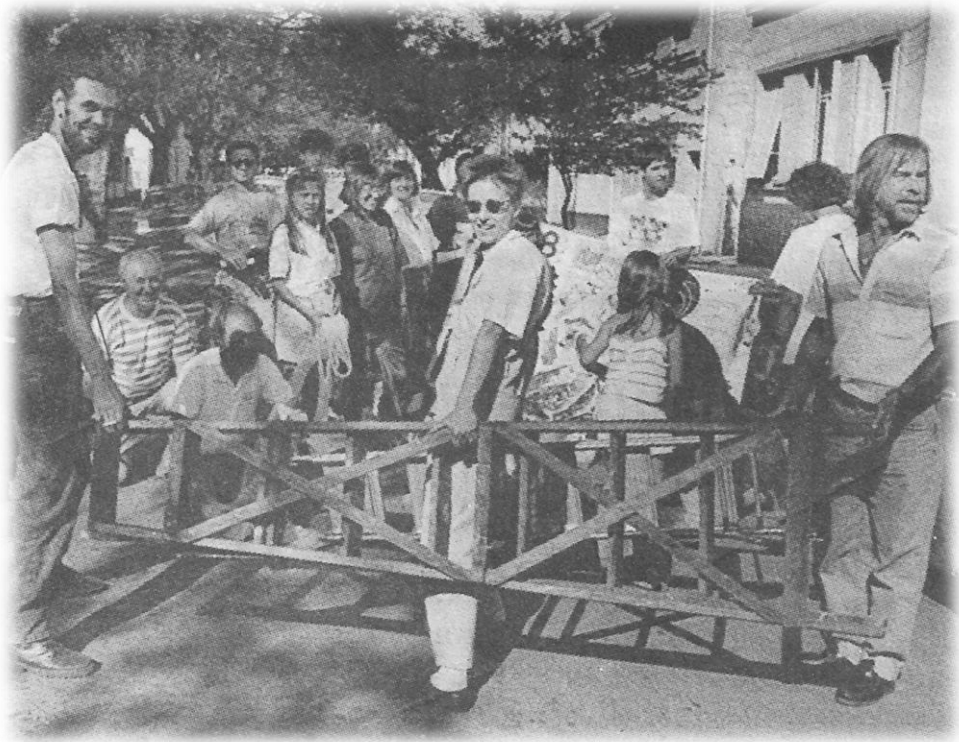


Figura 54: foto do Jornal ZH, “Se Essa Rua Fosse Minha”, 1992

Em 93 o MARGS foi um espaço de revelação do trabalho de Cavalcanti. Iniciou com sua participação na confecção do Calendário anual da AAMARGS com uma litogravura, logo em seguida ministrou Oficina de Gravura em Metal, e apresentou com outros artistas que fazem parte do recente Acervo do Museu, numa coletiva “Presença de Paulo Peres”, nas Salas Negras, na qual ex-alunos do renomado artista e professor apresentaram trabalhos em sua homenagem.

⁷⁸ Zero Hora, *Moradores vão fazer arte na rua Olavo Bilac*, p. 34, em 12/12/92.

⁷⁹ *Ibidem*.

Ainda participou da exposição *Arte sobre papel: contemporâneos*, na Pinacoteca II, que propunha experimentar as várias possibilidades de uso do papel e outros materiais na arte.



Figura 55: Cava nas Oficinas do MARGS, 1993

As oficinas não pararam por aí, no final do ano, durante a 39ª Feira do Livro de Porto Alegre, ministrou com a parceria de Circe Saldanha, oficina de gravura durante a 13ª Feira da Gravura, o evento ocorria desde 1958 no MARGS. Na mesma Feira, expôs um painel, de 160x220cm, localizado na Praça da Alfândega ao ar livre⁸⁰.



Figura 56: Painéis de Marilice Corona e Wilson Cavalcanti na Praça da Alfândega

⁸⁰ Zero Hora, Segundo Caderno, *Artes Plástica tem painéis na Praça*, p.5, em 01/11/93.

Novamente, no ano seguinte, participou do Calendário da AAMARGS com Gravuras, cuja temática fazia referência ao Museu na Praça da Alfândega, com tiragem de 100 exemplares. Em março⁸¹ o MARGS adquiriu para seu acervo uma pintura-colagem de Cavalcanti, de 1,07 x 0,90m, criada em 1990, intitulada “Quem me habita”. A escolha foi realizada no ano anterior pela AAMARGS, por intermédio do Projeto Aquisição, cuja comissão organizadora foi composta por Mônica Zielinsky, Plínio Bernhardt e Paulo Gomes.

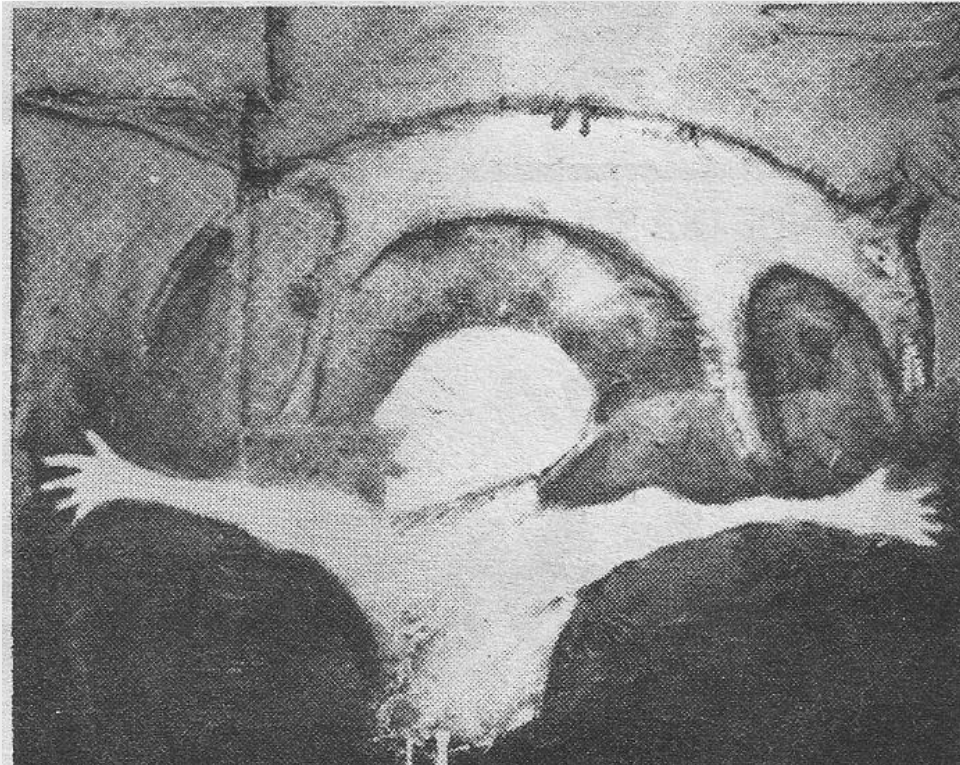


Figura 57: “Quem me habita”, pintura-colagem, 1990

A arte nos muros também teve prosseguimento, o que ficou evidenciado na reportagem do jornal Zero Hora, “Artistas maquilam o paredão Mauá”⁸², o qual apresentou o trabalho realizado por 70 artistas que pintam o muro da Av. Mauá, numa ação organizada pela FESC (Fundação de Educação Social e Comunitária) e com auxílio de patrocinadores (Casa do Desenho, Kresil Tintas, Colormat, e rádio da Ulbra). No trabalho foram empregados mais de 300 litros de tinta, 300 sprays, cem pinceis e 30 tubos de pigmentos. O tema gerador foi a “relação da cidade com o rio”, e “O artista Wilson Cavalcanti, o Cava, imprimiu formas humanas flando no ar”⁸³.

⁸¹ Jornal da AAMARGS, nº 12, p.2, março de 94.

⁸² Zero Hora, p. 46, em 30/03/94.

⁸³ Ibidem.

Nesse mesmo ano, sempre em constante convívio com outros artistas engajados na problemática das artes visuais no Rio Grande do Sul e da América Latina, à procura de sua autonomia e profissionalismo, participou do grupo que seria a “semente” que originaria a Bienal do Mercosul:

As primeiras ações em direção ao que hoje se constitui na Bienal do Mercosul foram iniciadas em maio de 1994, pela produtora cultural Maria Benites Moreno, que elaborou um anteprojeto para uma Bienal do Cone Sul. Sua intenção era dar visibilidade à produção latino-americana. Ao mesmo tempo, um grupo de artistas formado por Caé Braga, Gustavo Nakle, Maia Menna Barreto, Nelson Jungbluth, Maria Tomaselli, Paulo Olszewski, Paulo Chimendes, Manolo Doyle e Wilson Cavalcanti discutia novas possibilidades de intercâmbio entre a América Latina. Embora os dois movimentos não estivessem ligados, o projeto acabou ganhando uma dimensão pública. Em 1995 o grupo de artistas buscou o apoio do Governo do Estado através do IEAV da Secretaria de Estado da Cultura.⁸⁴

Segundo Cavalcanti, o grupo de artistas de longa data discutia a problemática da valorização da arte no estado e suas co-relações com os demais países do Mercosul, e Cava já conhecia Benites desde o início dos anos 90. Durante a trajetória de reuniões e encontros que se sucederam foi elaborada uma pasta denominada “Pasta Rosa”, a qual foi o primeiro instrumento que serviu para a posterior formalização da fundação da Bienal. A princípio, o grupo de artistas tentou articular a fundação da Bienal por intermédio do Governo do Estado, na gestão de Antonio Brito, mas diante do vulto que o processo tomou, o grupo foi deixado de lado, sendo que passou às mãos das autoridades políticas, e de grupo empresarial, colecionadores e de apenas alguns poucos artistas. Ficou evidenciado o caráter comercial e empresarial do evento, contrapondo-se aos anseios do grupo originário.

Paralelamente Cava, que já havia participado da Exposição *Verde e Amarelo*⁸⁵ alusiva à Copa do Mundo de Futebol, envolveu-se no projeto do Jornal Zero Hora, do seu caderno “Jornal da Copa”, o qual contava com a participação de 30 artistas plásticos e cartunistas, os quais produziram trabalhos gráficos que foram acompanhados por crônica diária de Luis Fernando Veríssimo. Cavalcanti criou um desenho, em técnica mista, que foi editada em 23 de maio⁸⁶, ilustrando a crônica intitulada “Los Noruegos”.

⁸⁴ <http://www.bienalmercosul.art.br>

⁸⁵ De 1982.

⁸⁶ Zero Hora, Jornal da Copa, p.16, em 23/06/94.

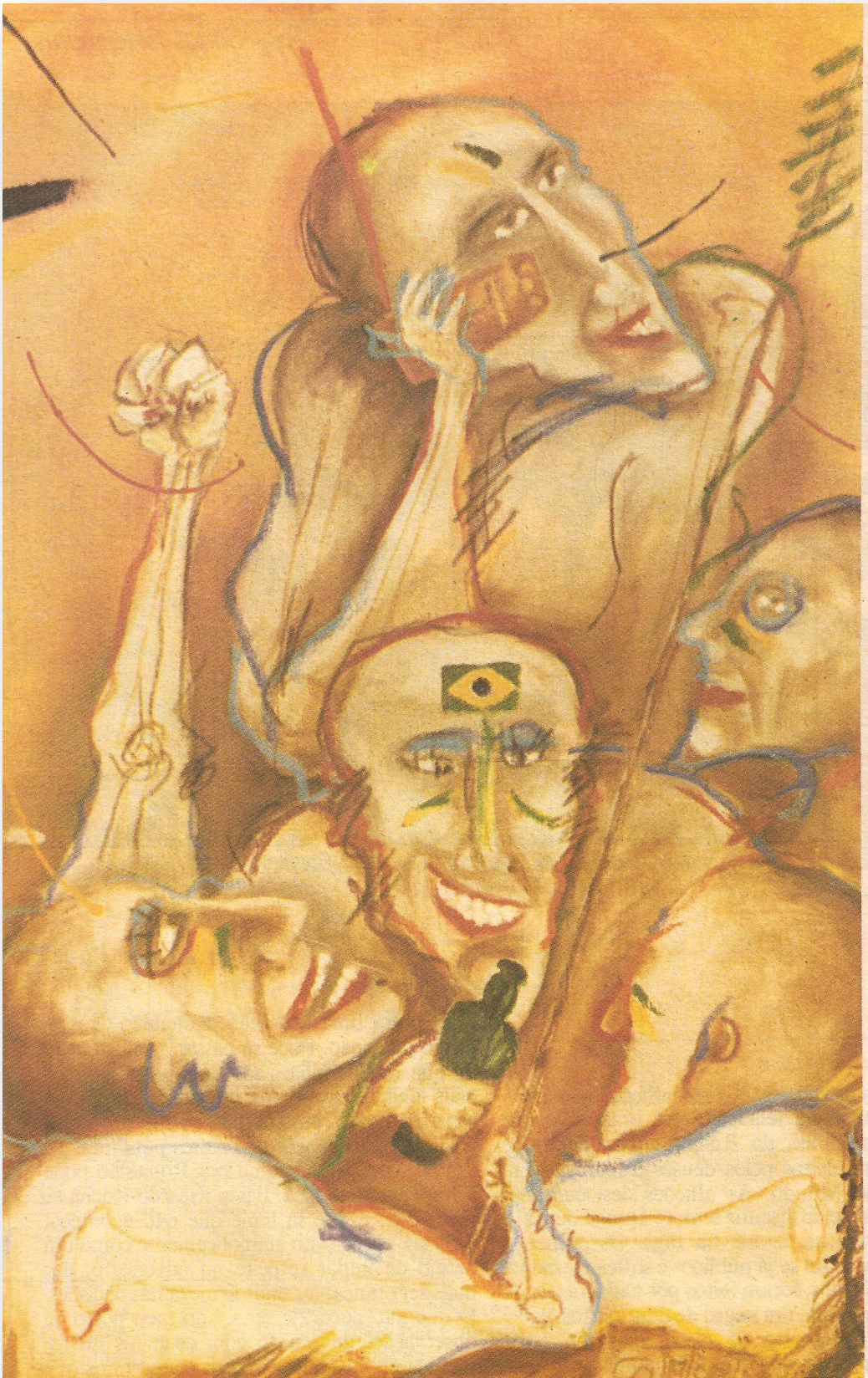


Figura 58: foto no Jornal ZH - Desenho, técnica mista, 1994

E sem perder o espírito de coleguismo, com muito humor, podemos observar Cavalcanti descontraidamente com colegas pousando caracterizados para foto⁸⁷, num passeio realizado por Nova Petrópolis:



Figura 59: Páscoa de 95, Cava com Ana Carvalho, Celina Cabrales, Ondina Pozoco e Suzana Gastal

No meio de amigos também ocorreu a exposição “Amigos Gravadores Homenageiam Danúbio”, no Saguão do Centro Municipal de Cultura em Porto Alegre, no qual participaram 22 artistas litógrafos, na foto podem ser vistos vários artistas que ainda estão presentes no cenário gaúcho.

A homenagem ocorreu pouco antes de Danúbio Gonçalves completar setenta anos, sendo reconhecido tanto no Brasil como no exterior pelas suas pinturas, desenhos e gravuras,

⁸⁷ Foto em Nova Petrópolis: “Velhos Tempos”, Retratos Germano Schuur, em 1995.

e fez parte de “um dos quatro de Bagé”, grupo difusor da gravura gaúcha no final dos anos 40, e fundador do Clube de Gravura e professor do Instituto de Artes da UFRGS e do Atelier Livre. Cavalcanti foi seu aluno neste último e tornou-se amigo do artista, participando da homenagem conjuntamente com outros colegas que partilham até hoje do espaço coletivo do Atelier Livre. Em reportagem ao Jornal do Comércio Paulina Eizerik, curadora e participante da referida exposição, declarou que Danúbio trabalhou por mais de três décadas em prol da formação de vários artistas, “tem ensinado suas técnicas com muita simplicidade, alegria e empenho”⁸⁸.



Figura 60: foto na sala de litogravura no Atelier Livre durante a Homenagem a Danúbio Gonçalves em 1995 – artistas como Helena Canaã, Nelsinho, Mabel, Paulina Eizerik, Clara Pechansky, Zoé Macalós, Paulo Peres, Miriam Tolpolar, Rogério, Paulo Chimendes, Cavalcanti, Marta Loguércio, entre outros.

Além da homenagem a Danúbio ocorreu, também em abril, a Exposição “A arte na Poesia de Miranda”, na qual 40 artistas plásticos homenagearam o poeta Luiz de Miranda, criando trabalhos artísticos inspirados em sua poesia, na Casa de Cultura Mario Quintana.⁸⁹

⁸⁸ Jornal do Comércio, Artes Plásticas, p.3, em 25/04/95.

⁸⁹ Sala Augusto Meyer, em 11/04/95.

Após essa exposição, em junho, Cava levou para Pelotas sua exposição individual “Retrospectiva 90-95”, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, dividida nos dois pisos do Museu, no 1º com as pinturas, todas em tamanho 80cmx110cm, da série “Sagrados, Místicos & Profanos” e, no 2º com “Impertinência do Belo”.



Figura 61: s/t, técnica mista, 80cmx110cm, 1995
Presente na Exposição “Sagrados, Místicos & Profanos”

Na ocasião ocorreu o “Encontro com o Artista”, que oportunizou um diálogo entre a comunidade artística, público em geral e a fala do artista sobre sua obra. Cavalcanti analisou os trabalhos de sua exposição, os quais revelavam o cotidiano geral, retratando no papel e na tela as dificuldades enfrentadas diariamente por pessoas de sua comunidade e por ele próprio: “A inspiração vem do quadro de dificuldades que vejo em minha vila”, referindo-se à Vila Santa Isabel, “vi uma mulher com a perna quebrada sendo carregada em carrinho de maçãs e a imagem inspirou um trabalho. Hoje não tenho mais pretensões de ser um artista, apenas brinco com o trabalho”.⁹⁰

E embora Cavalcanti tenha se mostrado humilde e sem grandes projeções artísticas, sua exposição foi amplamente divulgada e referenciada, o que é atestado pelas diversas reportagens do Diário da Manhã e do Diário Popular⁹¹.

No mês seguinte, em Rio Grande, ele realizou duas exposições, uma na *Galeria Espaço Oficina*, a outra no Espaço Cultural da sede do Partido dos Trabalhadores. Em reportagem para o Jornal Agora, Cavalcanti informou a respeito de seu papel como educador, desde a década de 80, vinculado à prefeitura de Porto Alegre desde 93, desenvolvendo um trabalho na área de educação social com crianças e adolescentes das ruas da capital:

*... salienta que a intenção não é simplesmente tirar essa clientela das ruas e sim, através do desenvolvimento do senso crítico e de uma visão de mundo mais abrangente, criar condições que permitam uma escolha de rumo e tipo de vida a seguir. É preciso fugir de um discurso de classe média burguesa e chegar até o mundo em que vivem*⁹².

⁹⁰ Diário da Manhã de Pelotas, 2º Caderno, *Cavalcanti analisa obra que retrata o cotidiano geral*, p. 2, em 24/06/95.

⁹¹ Datas: 20/06, 21/06, 22/06, 24/06 e 09/07/95.

⁹² Jornal Agora de Rio Grande, Coluna Cidade, “*Oportunizar escolhas*” *pode ser solução para menores de rua*, p.4, em 21/07/95.

O Ano de 1996 introduziu uma série de eventos, tanto na área artística quanto na de educação social. Ele participou da exposição Pintura no Muro como artista convidado, bem como dos Projetos “Fábrica de Brinquedos, Caixa de Luz”, no SESC de Porto Alegre, e ainda de “Interferência: Pinturas”, no Museu de Arte P.B. Medeiros em Alegrete-RS. Nesse ano Cavalcanti foi fundador, e vice-presidente, da Associação de Idéias e da Associação Independente de Artistas (AINDA), ambas em Porto Alegre.

Destaque à sua exposição individual “A impertinência do Belo”⁹³, no Museu do Trabalho, em Porto Alegre, na qual apresentou desenhos, pinturas e gravuras, acompanhada de folder com texto de Dois Santos dos Santos⁹⁴:

O Vôo parece natural. Quando o filhote da ave está no ponto, ele ensaia, prepara-se várias vezes antes da primeira tentativa. Mas voar é seu destino, a sua inscrição no mundo, percurso, e, „iniciado’, somente deixará de fazê-lo com a morte. Para o homem, suste-se no ar é um feito absolutamente insólito. Todos esses engenhos que transitam no espaço são produto do artifício, astúcia da inteligência, pássaros de mentira que dão a quem olha certo estranhamente, violentando-lhe o senso comum. A nave é a prova do absurdo. Entretanto, a ave voa, e ninguém se pergunta como, nem porquê.

Inventar, achar, descobrir, criar são privilégios do ser humano. Recebemos esse feixe de possibilidades – um milagre agarrado com as mãos. Cada pessoa conhece a sua „ave’. Chama-se devaneio, fantasia, alucinação, delírio, êxtase, assombro, arrebatamento, quimera, desatino, maravilha, alumbramento, desvario, imaginação ou que outro nome tenha. Através do sonho a humanidade grava a sua memória no tempo, impregna a matéria de poesia, desafiando a morte. A única coisa importante que fica da ruína de impérios e civilizações desaparecidas é a arte – alegoria e símbolo, Fênix de asas metafóricas. Por ela o homem voa, num exercício tão livre, natural e simples – nesta criatura metafísica por compulsão – que a ninguém ocorre perguntar como isso acontece, nem porquê.

Quem tem essa qualidade, no sentido mais amplo e exacerbado do termo, é o Artista. Ele sonha e cria, pois sente desejo de infinitude e vontade de permanência. Eis uma vocação totalitária e verdadeira. E poucos artistas se tornaram tão obcecados e perseguidos – pode-se dizer possesso- pela idéia de liberdade na criação – quanto o insatisfeito, incomodado, incômodo e inquieto Wilson Cavalcante (sic), o Cava. Ele mastigou e engoliu a ave, com sal e fúria. Agora, qualquer palavra seria inútil.⁹⁵

⁹³ Museu do Trabalho, de 27/09 a 27/10/96.

⁹⁴ Datada de 06/08/96.

⁹⁵ SANTOS, Dois Santos dos. *Cava*. Folder da exposição, em 06/08/96.

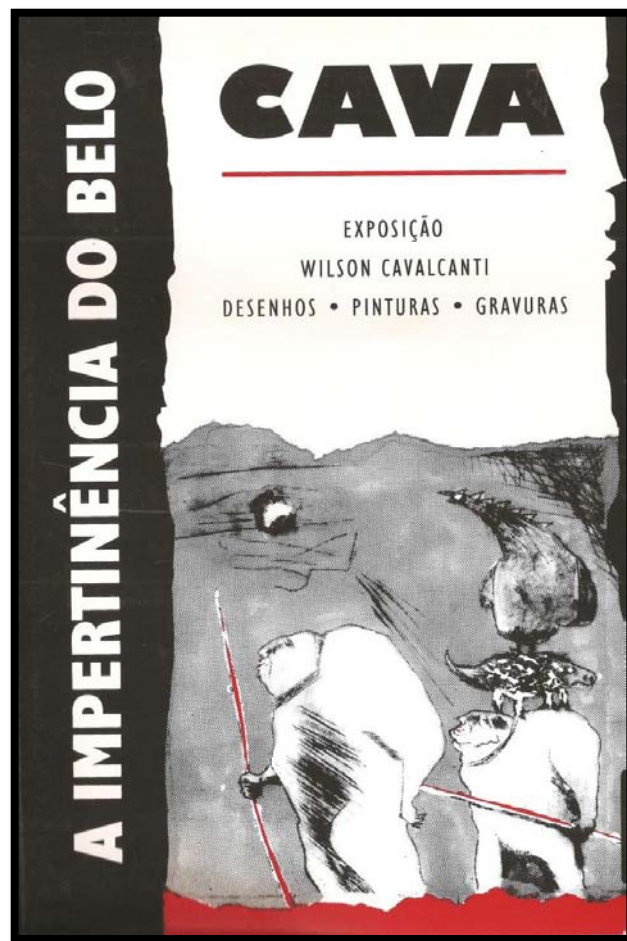


Figura 62: Capa do Convite da Exposição

Sendo comentado pela imprensa local:

“O artista plástico Wilson Furtado Cavalcanti, o Cava, expõe suas pinturas a partir de amanhã no Museu do Trabalho. Cavalcanti utiliza como suporte os mais variados elementos: terra, plástico roupas usadas, pigmentos fabricados por ele mesmo, refletindo em sua arte um tratamento especial, conferindo ao seu trabalho um toque lírico sem deixar de lado o aspecto rude e marginal, que marcam esta fase do artista”⁹⁶.

⁹⁶ CONILL, Eduardo. *Impertinência do Belo*, Coluna de Arte, Correio do Povo, p.29, em 25/09/96.

Com a chegada da Feira do Livro, Cavalcanti escreveu o texto “A Primeira Vez”⁹⁷, percorrendo acerca da sua primeira visita à feira:

PRIMEIRA VEZ

A Primeira Vez

Cavalcanti (Cava)*

Acho que era domingo. Ri e saí andando pela cidade que só conhecia pela janela do ônibus, ou pela mão de meu pai. Meu pai que tinha uma propriedade: bastava a sua presença e o menor movimento de um pensamento meu, que tudo ficava encolhido. Mas eu tinha uma vontade enorme de andar que não me importei com o medo.

Fui andando pela Rua da Praia que não tinha praia e nem calçadão naquela época, mas tinha pedras verdes e rosas e as pessoas andavam devagar pelo meio da rua. Misturei-me com elas e andei sobre as pedras coloridas. A rua acabou em uma praça cheia de árvores com flores roxas e algumas bancas repletas de livros. Ali as pessoas andavam mais lentamente, tinham um ar solene e uma certa classe. Andavam parando, ora em uma banca, ora noutra.

Súbito, veio-me a lembrança que deveria voltar. Mas era a primeira vez que eu via tanta coisa bonita junta que pensei: - A primeira vez é uma só na vida -, então fiquei. Apesar da minha descendência plebéia, andando ali junto àquelas pessoas, olhando os livros, sentia uma certa dignidade.

Até que um homem gordo de uma das bancas de livros, com um olhar sólido e uma expressão trágica de quem tem uma missão impossível, acho que era banqueiro, deu-me um sorriso e, com um gesto amplo e generoso, falou: - Qualquer livro tem 20% de desconto... - Como descoberto em algo proibido, assustado, enfiei as mãos no bolso furado e saí capengando, mas com o prazer de quem tinha sido o escolhido entre tantos. Esse cara tem o coração de ouro, pensei.

Estava ficando escuro, uma chuva miúda como papel picado começou a cair, e eu tinha que ir embora. Eu já estava mesmo cansado e com fome.

Voltei pelo mesmo caminho.

Não me entendia muito bem comigo mesmo, eu havia tido um momento único, mas tinha a impressão de que aquela feira de livros me traria milhares de momentos únicos.

Quieto num canto, já em casa, fiquei a pensar em tudo que tinha visto e sabia que havia conquistado um bem indescartável e incomunicável.

* artista plástico

Figura 63: texto no Jornal Ponto&Vírgula, nº06, 1996

⁹⁷ Jornal Ponto & Vírgula, nº 6, p. central, em 31/10/96.

4.3 Professor no Atelier

Para Cavalcanti esse ano foi decisivo na sua vida, pois desde muito cedo, rememorando sua infância até a vida adulta, a situação econômica sempre apresentou-se como um entrave na sua trajetória pessoal e profissional, fazendo-o percorrer inúmeros momentos de incerteza.

Com o intuito de alcançar certa estabilidade financeira, inscreveu-se no concurso público para o cargo de Instrutor no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre e, após a passagem concorrida do processo seletivo, foi aprovado, o que lhe permitiu o ingresso numa atividade constantemente remunerada, dentro do meio artístico, desenvolvendo um trabalho docente nas oficinas de desenho e gravura.

E ao final do ano, com mais tranquilidade na sua vida pessoal, ele participou das comemorações do 1º Divertimento de Arte Livre, com exposição e oficinas, na Galeria do DMAE, onde “Durante nove dias, o público se integra em atividades divertidas, junto a artistas de renome internacional”⁹⁸:



Figura 64: Fragmento do Cartaz de divulgação do Evento, 1996

⁹⁸ Folder, em dezembro de 96.

Como professor no Atelier, os anos que se sucederam trouxeram um ritmo mais calmo às suas exposições, sejam coletivas ou individuais, e permitiu que Cava pudesse dedicar-se com mais afinco às atividades voltadas aos projetos sociais, principalmente junto à Prefeitura de Viamão como o “Arraial da Alegria” e a 1ª Conferência Municipal da Criança e do Adolescente de Viamão, tendo até uma passagem como Secretário Substituto da Secretaria de Cultura de Viamão em 1997.

Dois anos depois participou com sua exposição “Censura e Exclusão”⁹⁹, na VIIIª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo¹⁰⁰:

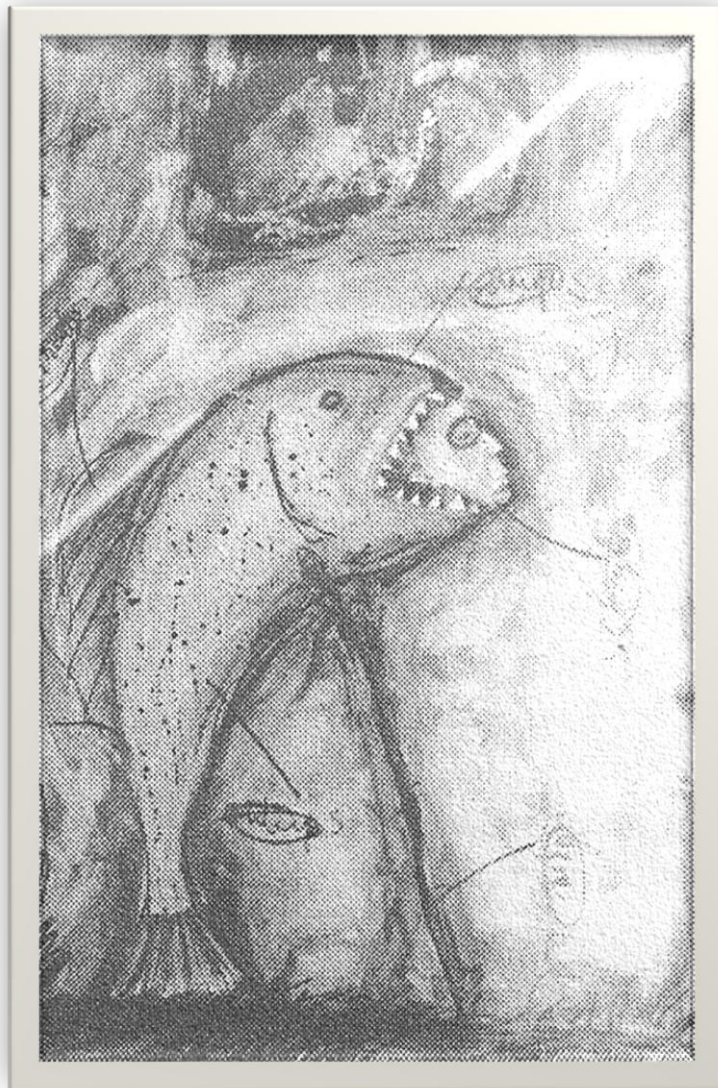


Figura 65: foto de desenho de Cava no Jornal O Nacional de Passo Fundo

⁹⁹ Jornal O Nacional, Passo Fundo p.11, em 21/09/99.

¹⁰⁰ Esta Jornada ocorreu sob o tema “Censura e Exclusão na Literatura e em Outras Linguagens”, recebendo Alcione Araújo, Manoel de Barros, José Eduardo Agualusa, Roberto Drummond, Augusto Boal, Roberto da Matta, Pepetela, Helder Macedo e José Roberto Torero, entre outros, com mais de 3.500 inscritos que participaram dos debates e das exposições, www.lufernandes.com.br/2010/releases/26-anos-de-historia.”

Também integrou a coletiva “Porto Alegre Gravura”, junto com 40 artistas gravadores gaúchos, no IAB/RJ, durante a Mostra Rio Gravura de 1999.

Merece destaque a sua perseverança em lutar pelo retorno da oficina de calcografia ao Atelier Livre, o que foi alcançado ainda neste mesmo ano, com a reabertura da oficina de Gravura em Metal, oportunizando a exposição “Impressões Gravuras”, com participação de quatro gravadores: Inoi, Marcos Sanches, Marta Collares e Sandra Palandi, orientados pelo Cavalcanti.

Depois de um período inativo, a oficina de gravura em metal do Atelier Livre da Prefeitura volta à atividade, trazendo a inquietação comum ao fazer artístico. Sem a pretensão de carregar bandeiras ou slogans estereotipados, este grupo de artistas-gravadores-alunos optou por uma maneira singular de mostrar o que vem produzindo. Tendo conhecimento do sedutor canto de serei que é a „cozinha’ da gravura, fez uso, por vezes de pequena tiragem, por vezes de cópia única; beirando o objeto ou a escultura, tirando proveito da luz, buscando novos suportes... Tudo isto, sem perder o que caracteriza uma gravura: o sinal gráfico. Este, algumas vezes, se faz presente no traço visceral da água-forte, na delicadeza da água-tinta ou, no aveludado da ponta seca. É uma atitude corajosa de este grupo aceitar o desafio de correr o risco e, no ato de correr o risco, a possibilidade de errar. Mas o erro é um exercício de profunda liberdade para quem trabalha com processos criativos e uma das experiências mais ricas no processo de crescimento. Por este motivo, numa visita a esta exposição, deve-se ter os sentidos em alerta para as impressões suscitadas ao olhar.

Wilson Cavalcanti.¹⁰¹

Nomeado em 2000 pelo executivo municipal para o cargo de Secretário de Cultura, Esporte e Turismo da Prefeitura de Viamão, licenciou-se no Atelier, mas após refletir sobre seus anseios profissionais, artísticos e pessoais, gerando um conflito íntimo, teve de fazer a escolha entre assumir definitivamente o mandato, ou de permanecer no Atelier Livre, optou por este último, permitindo-lhe uma maior dedicação à sua arte e aos seus projetos nas oficinas.

¹⁰¹Folder da Exposição, em novembro de 1999.

A escolha ficou bem evidenciada ao efetuar-se a leitura do seu texto “Gravura em Notícias”, do jornal do Núcleo de Gravura do RGS¹⁰²:

Quem sabe, talvez, seja por questões atávicas ou lembranças de um passado distante que não vivi, que a pedra, a madeira e o metal exercem em mim um enorme fascínio ante a possibilidade de interferir em sua superfície.

A goiva cortando os veios da madeira e abrindo luzes; o cheiro de mel, da cera de abelha nos vernizes da calcografia; a pedra milenar bebendo água e guardando em sua memória antiga, traços de gordura recente, que ela devolve como litografia; o som da tinta sendo espalhada com um rolo sobre a pedra lisa; a surpresa da imagem surgindo lentamente quando na prensa se levanta o papel; o prazer tátil tanto para mão como para o olho, no relevo de uma gravura. Além de tudo a possibilidade de compartilhar com muitas pessoas o mesmo trabalho através de uma tiragem.

A xilografia, a litografia e a gravura em metal são como cachaça: depois que se toma o gosto, vicia. Às vezes, brinco, dizendo que alguns são seduzidos pelo canto da sereia, eu fui seduzido pela atmosfera mágica de um atelier de gravura. Quem sabe, talvez, estas sejam as verdadeiras questões que me levam a transitar por este caminho gráfico.

¹⁰²Informativo do Núcleo de Gravura do RGS, Ano I, nº 1, abril de 2001, p. 03.

5. Última Década

5.1 Correndo o Risco

No ano seguinte organiza um projeto, que a princípio seria denominado “Caminhos de Jó”, o qual consistia numa exposição de desenhos acompanhada de apresentação de performance na qual sete colaboradores trajando vestes específicas, e utilizando instrumentos musicais construídos com sucata (canos de PVC, chapas de metal, entre outros), inaugurariam o espetáculo.

Houve ensaios em Porto Alegre, para posterior apresentação em Passo Fundo. Mas o grupo, por motivos particulares, desistiu, e Cavalcanti, já com a exposição agendada para o Museu de Artes Visuais Ruth Schneider naquela cidade, se vê obrigado a excluir a performance, e conseqüente e propositadamente alterou o título do evento para “Correndo Risco”, aludindo ao risco que correu.

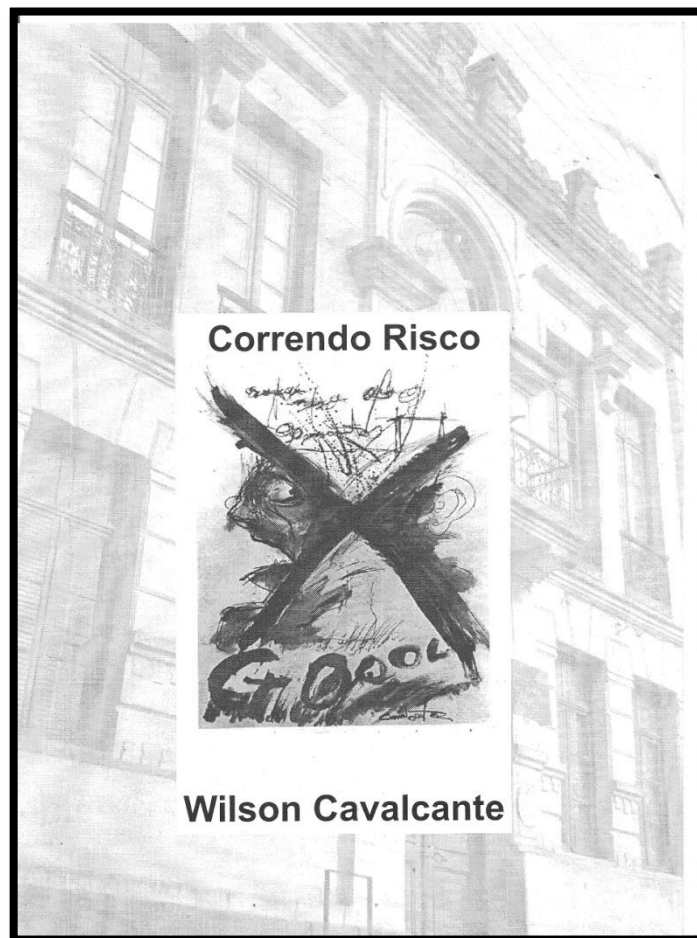


Figura 66: convite da exposição “Correndo Risco”, 2001

Assim, foi apresentada uma série de desenhos, cuja temática foi idealizada a partir do estudo da história de Jó, este abandonado por Deus, é desafiado pelo Diabo, permaneceu sempre fiel ao Senhor, mesmo passando por todo tipo de infortúnios.

... foi idealizada a partir do estudo da história de Jó, presente na Bíblia Sagrada e foi objeto de interesse de diversos escritores e dramaturgos. Após verificar-se diferentes visões dessa história, toma-se por ponto de partida o aparente abandono de Jó por Deus. Desafiado pelo Diabo, este testa a fé de Jó, permitindo que o mesmo sofra infortúnios. No entanto Jó segue fiel a Deus. Cavalcanti representa em sua obra que milhares de homens de hoje são como Jó, ou seja, vivem em situações de total abandono, mas guardam uma fé inabalável em suas verdades.

O contraste entre o sofrimento e a fé não aparece de forma explícita nos desenhos, mas sim através de uma brincadeira formal e técnica. É utilizada a aquarela nos desenhos, que comportam pontos de tensão entre o que apresenta e o que sugere. As colagens também aparecem. Do ponto de vista iconográfico, elementos como grades sugerem prisões para os sentidos e através do olhar os personagens buscam fora do quadro a compreensão e a saída daquela situação que vivenciam a contragosto.¹⁰³



Figura 67: foto de obra de Cavalcanti no Jornal Diário da Manhã de Passo Fundo, 2001

¹⁰³ Sem autor. Diário da Manhã de Passo Fundo, Coluna de Variedades, p.8, em 16/10/2001.



Figura 68: s/t, desenho, 80cmx60cm, 1998



Figura 69: s/t, técnica mista, 90cmx60cm, 2001

Virando o ano, Cava apresentou duas exposições individuais, a primeira “90% Gravura”, no Centro Municipal de Cultura em Porto Alegre:

A Prefeitura de Porto Alegre, através da Secretaria Municipal da Cultura, conta com sua presença na abertura da exposição

Cavalcanti

90% gravura



Respirar II, gravura em metal, 12,5 x 13,5cm / 2001



Rabo, gravura em metal, 15 x 20cm / 2001

ABERTURA: 13 DE MARÇO DE 2002, ÀS 19H
PERÍODO: DE 13 DE MARÇO A 07 DE ABRIL DE 2002
LOCAL: SAGUÃO DO CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA

Figura 70: Convite da exposição

Cavalcanti é um artista que comunica de forma clara, suas convicções, seus conceitos, sua filosofia da vida. Diz coisas fortes e profundas (embora aparentemente muito simples); fala da arte e do artista, de seu próprio fazer artístico, de seu processo criativo, técnicas e procedimentos, das escolhas e das limitações técnicas reconhecidas e suas estratégias de como driblá-las.

Cava fala do respeito pelo material e diz que estabelece um diálogo com a autonomia que este apresenta e que interfere em sua ação de artista. Trata do material e das técnicas como aliados e parceiros. É em seus dizeres e em seu criar que deixa evidente sua postura de coerência na vida e na arte.

Seu trabalho, que muitas vezes é contundente, entretanto não agride nem fere: leva a pensar. Esta contundência contida, se transmite em procedimentos formais como formas angulosas, pontas, achurados, agitos de linhas, borrados de cor, às vezes insuspeitadas unhas vermelhas numa figura feminina, um batom borrado e vulga, manchas negras interferindo nas imagens. Cavalcanti transforma em



Leitura, gravura em metal, 9 x 11cm / 2001

signos implícitos e explícitos as coisas simples do universo familiar: bichos, vassouras, mulheres na janela, quintais. Mexe com as coisas vitais da existência: morte, sofrimento, "ecce homo", na gravura, na colagem, na pintura, no desenho, em tanto material quanto é possível e, pela falta de espaço físico, trabalha com "o que pode carregar debaixo do braço".

Deve saber que o artista, em seu trabalho, pode carregar boa parte do universo "debaixo do braço". E, se o atelier do Cava é pequeno, como seu apelido, tem um ilimitado espaço de liberdade e de franqueza e uma considerável quantidade e qualidade de obras ali contidas. E não é por acaso que, volta e meia, este bicho/signo que é o pássaro, significativo da liberdade e da amistosidade, aparece em seus trabalhos, encimando coisas às vezes bem complicadas, como cabeças de gente. Atribuindo à chegada dos cinquenta anos, Cava considera com sabedoria, que já pode "voar", como bem entender, e se permite introduzir o lúdico aos procedimentos formais. Subverte conceitos, troca as funções de matriz e cópia, renova plasticamente seus trabalhos com colagens, xerox, e, ao invés de ficar mais velho, também rejuvenesce no

Jane Cravo

Figura 71: Convite da exposição com texto de Jane Cravo

Nessa exposição foram expostas várias gravuras de períodos diferentes do fazer artístico de Cavalcanti:



Figura 72: “Res-pirar I”, gravura em metal, 1994



Figura 73: "Quase", gravura em metal, 2002

Na ocasião também foi exposto um trabalho denominado “Fax-Zura”, segundo Cavalcanti, uma mistura de fax com gravura, constituído por 20 quadriláteros no formato A4, dispostos em linhas (de 1 a 4) e colunas (de A até E). Esse painel foi completado diariamente por intermédio do envio de 20 folhas de fax, uma a cada dia, sempre enviada às 9h da manhã, durante os 20 dias da exposição. Assim, dia a dia, a obra foi sendo desvelada de forma que no 20º dia todas as imagens-fax transmitidas constituíram o painel na sua totalidade, como um mosaico. No mesmo período esse trabalho foi enviado e montado no Museu Ruth Schneider de Passo Fundo. A proposta de Cavalcanti foi de fazer um jogo, e ao mesmo tempo, questionar o espectador sobre a forma e o significado da obra.

A segunda mostra foi “De Olhos Fechados Vejo Melhor!...”, e ocorreu no Museu do Trabalho:

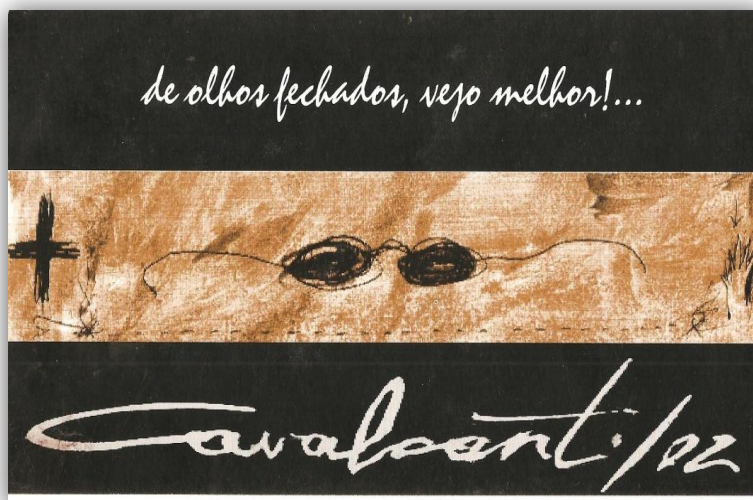


Figura 74: Convite da Exposição “de olhos fechados, vejo melhor!”

Nessa exposição Cavalcanti apresentou uma série de obras que foram construídas com o emprego de diversos materiais, com ênfase na colagem, utilizando pastel seco e oleoso, pigmentos, papéis e arames, objetos do cotidiano, entre outros, sobre tela e compensado, os quais foram manipulados de forma a impregnar a superfície heterogeneamente, recriando uma imagem que se apresenta simultaneamente visual e tátil. Segundo Cavalcanti quase todos os trabalhos foram adquiridos por um colecionador de São Paulo.

Pinturas de Wilson Cavalcanti, em óleo sobre cartão, nos quais o artista usa pigmentos naturais, como terra, ferrugem, pó de mármore e cera de abelha. E a assemblagem, pela qual ele se apropria de objetos do cotidiano (óculos, garfos, fitas métricas, entre outros), que, desviados de suas funções, adquirem um significado simbólico. Também materiais como madeira, papel, lâminas de ferro e polietileno são colados nas telas e compensados navais que usa como suporte, onde aparecem indícios de sua trajetória na gravura¹⁰⁴.

¹⁰⁴ s/autor, Correio do Povo, Folha da Tarde, p.3, em 21/09/2002.

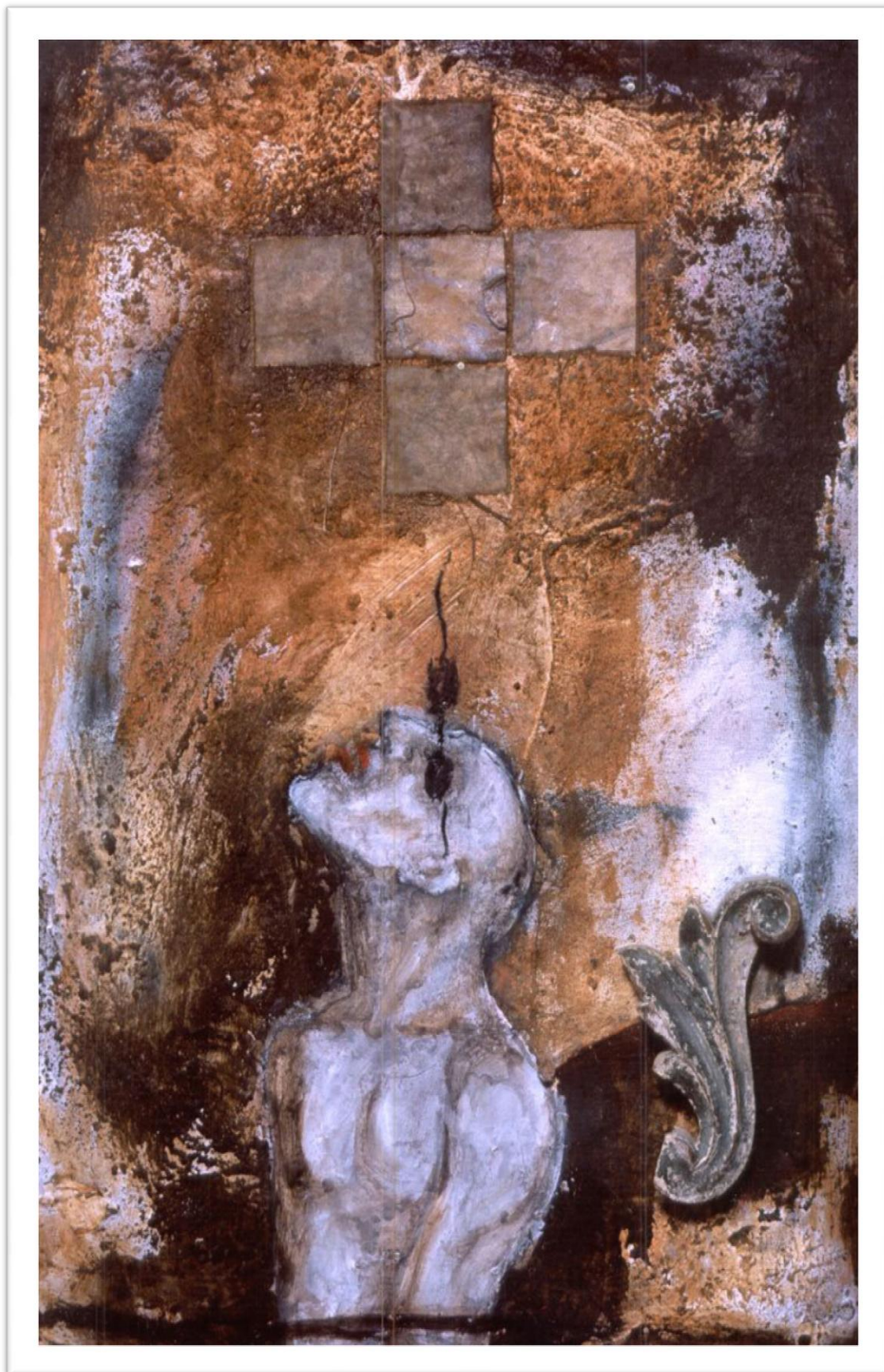


Figura 75: s/t, técnica mista, 90cmx110cm, 2001

No meio ao seu trabalho nas oficinas do Atelier Livre e sua experimentação com matérias para compor suas pinturas, ele foi convidado em 2003 a participar de um projeto de criação e ilustração de um livro da editora japonesa Shinseken. Tudo ocorreu pela intermediação de uma revista argentina, que já havia divulgado alguns trabalhos de Cava, e conhecia o fazer artístico do artista também na área dos cartuns e da ilustração. O empreendimento consistiu no envio dos textos, de Barbosa Lessa, por parte da editora, e estes foram recebidos por Cavalcanti que após analisar o conteúdo ilustrava os mesmos, formando ao final um livro com vários textos e 30 gravuras. Houve o projeto de ilustrar textos do gaúcho Simões Lopes Neto, mas este último terminou não acontecendo. O livro de Barbosa Lessa foi lançado na “O infantil-arte, Oriente e Ocidente”, numa exposição na Casa de Cultura Mario em Porto Alegre¹⁰⁵.

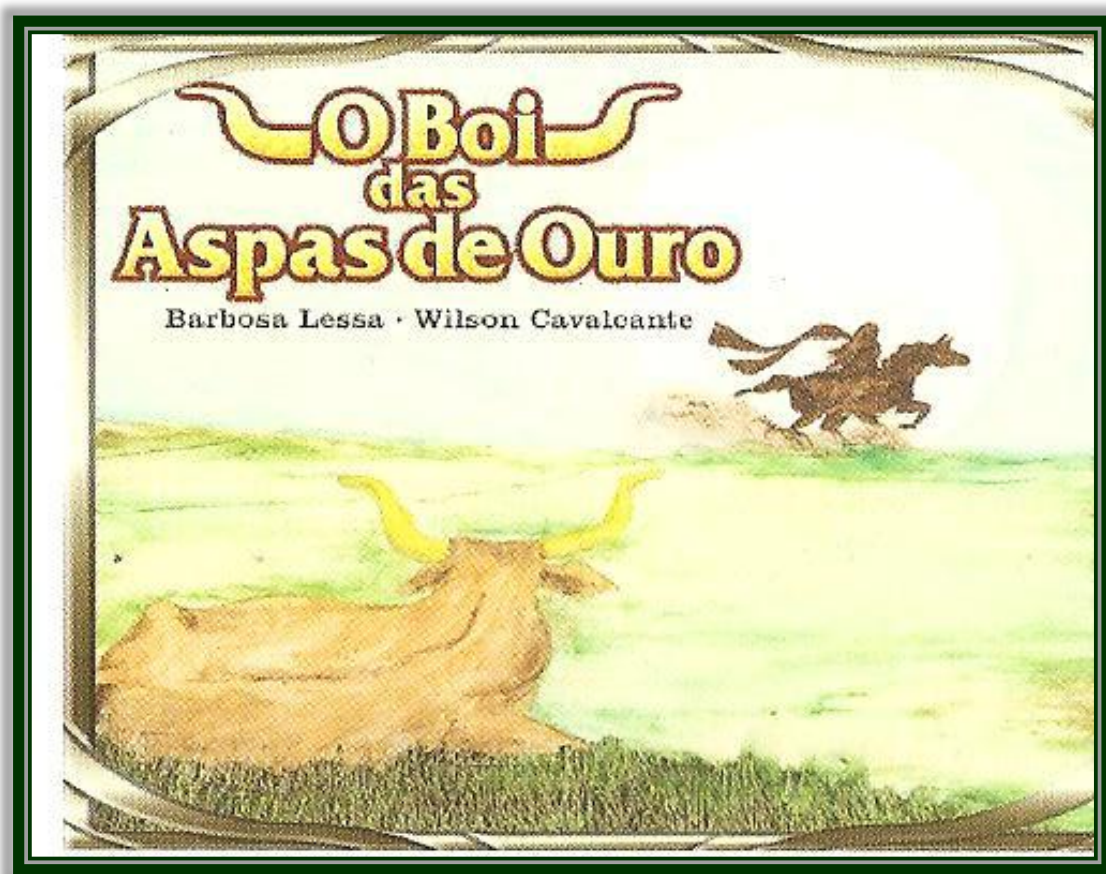


Figura 76: capa do livro “O Boi das aspas de Ouro”, ilustrado por Cava

¹⁰⁵ Correio do Povo, Variedades, p.27, em 30/10/2003.

Assim, embora Cavalcanti estivesse envolvido com uma experimentação constante de materiais e técnicas, ele não deixou de lado sua prática do desenho, que foi empregada como um constante exercício na sua juventude, e se incorporou à obra na fase adulta:

... O desenho então assumiu uma dimensão intrincada em minha vida presente e em todos os momentos importantes, não só nos transitórios, mas também nos permanentes. O desenho passou para mim a ter um aspecto como normalmente não é visto dentro da arte. Dentro da arte o desenho sempre foi um objeto de estudo, que leva o artista a construção da sua obra é algo transitório. Só de passagem. É o estudo para o que está para vir a ser. Para mim não. Tudo é desenho. Às vezes acabado, concluído sendo ele mesmo o objeto de expressão, outras vezes é rascunho do que poderá vir a ser, mas na verdade já é.¹⁰⁶

Propondo uma reflexão voltada para o meio ambiente, a marginalização social e a arte, Cava com outros 28 artistas, apresentaram a exposição "L'Acqua - Ode ao Guaíba", no Paço dos Açorianos, destacando o Lago Guaíba. Foi constituída por gravuras, desenhos, fotografias e infogravuras, e segundo a curadora do evento Ana Maria Torrano a mostra apresentou imagens criadas pelos artistas que possibilitaram a promoção e ampliação da consciência das comunidades ao redor entorno a serem ecologicamente atuantes,

...numa extensão do projeto do artista plástico italiano Toni Ferro, desenvolvido no Fórum Alternativo Mundial da Água, que ocorreu na cidade italiana de Florença, em março de 2003. Na Itália, a mostra "L'Acqua, il Planeta, la Sete nel Mondo" já passou por cidades como Consenza, Modena, Bolonha e Milão.¹⁰⁷

Cavalcanti ao falar acerca de sua proposta explicou que o trabalho que desenvolveu, “Um milhão de mãos pela fome”, era voltado para um fazer coletivo o qual, além dos artistas, envolveu a população residente às margens do dilúvio, onde foram coletados uma diversidade de materiais, como garrafas plásticas, arames e outros dejetos que foram largados, numa proposta de trabalho social conjuntamente com a questão estética.¹⁰⁸

¹⁰⁶ CAVALCANTI, Wilson. *Agora sou um desenhante*. Crônica do artista.

¹⁰⁷ http://www.portoalegre.rs.gov.br/noticias/ver_imprimir.asp?m1=19575

¹⁰⁸ L'acqua Ode ao Guaíba, curadoria Ana Torrano, exposição no Paço Municipal de 2 a 18/03/2004.

Durante 2004, participou de três exposições com gravuras, primeiramente em “Impressões: panorama da xilogravura brasileira”, dentro do módulo Herança Popular, na qual também ministrou oficinas de gravura¹⁰⁹; depois, na Galeria Iberê Camargo, na Usina do Gasômetro, ocorreu a mostra “Trilhando a Gravura”¹¹⁰, e ao final do ano, durante a 18ª Feira do Livro de Passo Fundo, expôs na 12ª Mostra da Gravura.

Numa linguagem pouco convencional e empregando materiais não tradicionais, participou da mostra de Lançamento do MAC-RS em 2006, “Consolidação MAC A6”, no Armazém A6 do Cais do Porto, com pintura em técnica mista:



Figura 77: “O que vejo é minha criação”, Técnica mista, 1m x 1m, 2002

Esta pintura foi elaborada conjuntamente a uma série desenvolvida em 2002, na qual o artista experimentava *assemblagem* e o emprego de materiais diversos, como grafite, tinta acrílica, pigmentos obtidos da terra, tijolos, carvão; com cores predominantes de marrom, vermelho, branco e cinza, entre outros.

Outras exposições coletivas neste mesmo ano: “O Papel de Otavio”, organizada por Celina Cabrales, “Ao Teu Lado” pela Casa da Gravura, “A Arte da Gravura”, do Núcleo de

¹⁰⁹ Santander Cultural em Porto Alegre, em 20/01/2004.

¹¹⁰ Núcleo de Gravura do RGS, SMC da Prefeitura de Porto Alegre, em outubro de 2004.

Gravura do RGS e de ex-líbris “Radamés Gnatalli: o músico”, no Paço Municipal de Porto Alegre.

No ano seguinte, participou de uma série de exposições, iniciando com “As Cidades Imaginadas de Erico Veríssimo”, Galeria João Fahrion do MARGs¹¹¹, trabalho constituído por trechos de obras de Érico Veríssimo e que foram ilustrados por 15 artistas plásticos, mostra que ficou registrada em catálogo de 56 páginas. Neste último trabalho novamente Cavalcanti ingressou nesse espaço da atividade artística que intercepta os saberes: literatura e artes visuais, denotando a constante vontade do artista de expressar-se além da forma.

Outro destaque foi sua participação no projeto “Essa POA é Boa”, que ocorreu na antiga fábrica da Renner, Rua de Eventos do DC Navegantes, com trabalho coletivo dos *Arcanautas*¹¹² denominado “A Arca do Arroio Dilúvio”, e que consistiu numa instalação escultórica, de grande porte, em forma de um grande barco de papel, dentro do qual foram colocadas obras, idealizadas pelos artistas, que representavam aquilo que eles consideravam fundamental salvar. A proposta dos Arcanautas foi de fazer uma travessia, partindo do arroio dilúvio, o qual atravessa Porto Alegre, carregando parte da poluição da cidade, “apontam para o perigo real que é o aquecimento global e para o conseqüente dilúvio e destruição de vários eco-sistemas.”¹¹³

*O conceito deste trabalho foi concebido depois de longas conversas sobre o aquecimento global e a conseqüente destruição de vários eco-sistemas, e sobre as chances de sobrevivência dos seres vivos nestas condições. Qual será o futuro do planeta visto que também verificamos a falência da ética nas relações, a imposição da força bruta como única forma de acabar com os conflitos religiosos e econômicos neste mundo pós-moderno capitalístico.*¹¹⁴

¹¹¹ Em março de 2007.

¹¹² Ana Aita, Angela Pettini, Beth Mello, Bira Fernandes, Gustavo Nakle, Isabela Lacerda, Irene Santos, Jorge Koenen, Maia Mena Barreto, Manolo Doyle, Wilson Cavalcanti, Xaplin, e os poetas Carlos Urbim, Mário Pirata e Zé Augusto Marques.

¹¹³ Jornal do “Essa POA é Boa”, p.2, 30/08/2007.

¹¹⁴ http://arcadoarroiodiluvio.blogspot.com/2007/10/porto-poesia-faz-sarau-nessa-poa-boa_8341.html

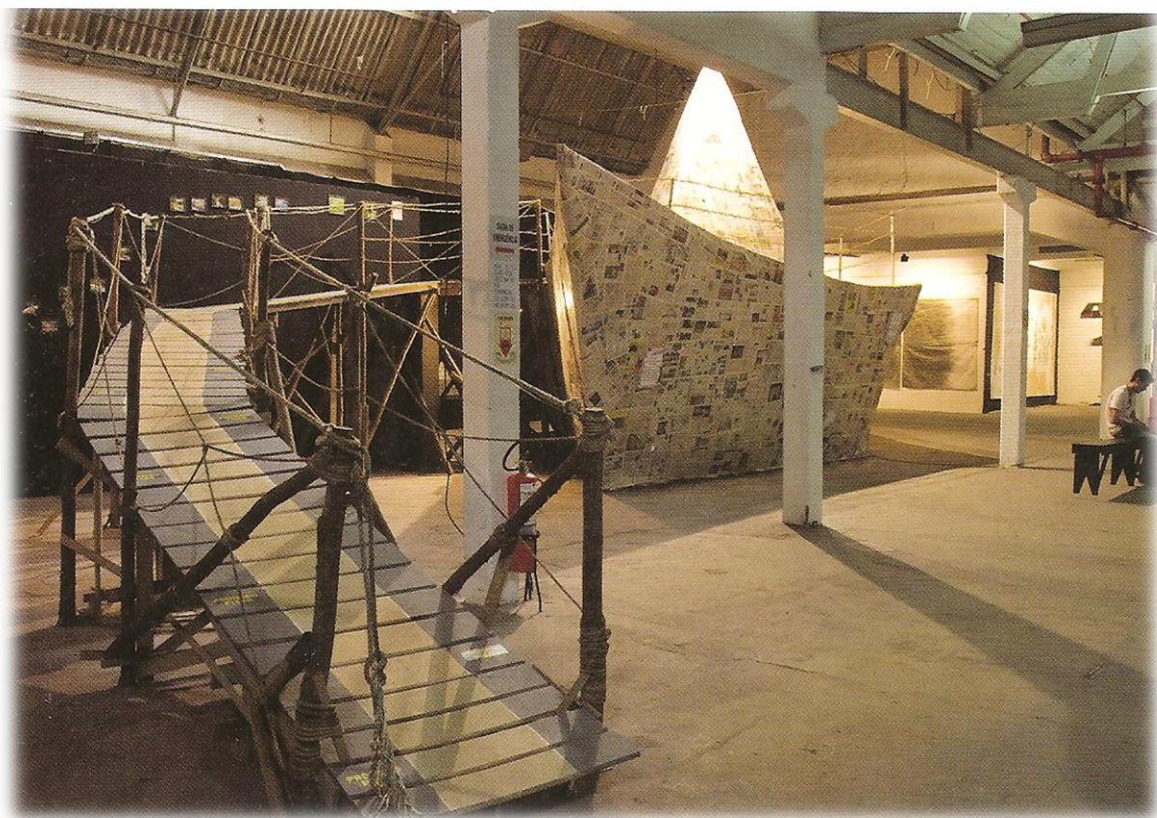


Figura 78: convite da exposição “A Arca do Arroio Dilúvio”, no projeto “Essa POA é Boa”, a ponte à esquerda conduz o espectador para a abordagem da “Nave Arcanautas”.

O trabalho coletivo e individual desta proposta esteve junto, visto que a construção da Arca foi feita pelo grupo, os Arcanautas, artistas e amigos de longa data (como não lembrar a foto de Cava, Nakle e Bira, à beira do Guaíba em 1990 da página 68?); e individualmente cada um destes “navegadores” criou uma obra, de o seu próprio fazer artístico, para levar consigo durante a travessia.

5.2 “Iluminurações”

A exposição individual, “Iluminurações”, de 2007, na Arte & Fato Galeria em Porto Alegre, mostrou uma seriação de 95 xilos de pequenas dimensões, todas pintadas em tempera a ovo, quatro pinturas e uma calcogravura.

A individual de Wilson Cavalcanti, inaugurada dia 5 na Arte&Fato, reúne 95 mini xilos (7x5cm) transformadas em peças únicas através da pintura com tempera a ovo. Essas "iluminuras", como ele denominou, surpreenderam e receberam elogios dos amigos, alunos e colecionadores que lotaram a galeria¹¹⁵.



Figura 79: Convite da exposição “Iluminurações”, 2007

¹¹⁵ <http://artefatogaleria.blogspot.com/>



Figura 80: foto de Cavalcanti com Beth Mello, Lou Borghetti, Ana Aita e Angela Pettini, na Galeria Arte&Fato

A exposição dispôs as pequenas obras numa linha contínua, indicativo de uma narrativa histórica.

Numa reflexão intimista sobre nossa época e nossa realidade em que as tecnologias se impõem tão radicalmente, Cavalcanti propõe um universo de pequenas imagens em xilogravura e linóleo, coloridas manualmente com prata, ouro e tempera à ovo, como as antigas iluminuras da Idade Média. Não se tratam de iluminuras no sentido exato da palavra: gravuras pintadas à mão com aplicação de cores vivas, especialmente criadas para ilustração de livros medievais. São imagens com variados temas que vão de cenas absurdas, animais, figuras humanas, onde as cores ganham energia e vitalidade pelo olhar interior de quem as vê¹¹⁶.

Assim, embora Cavalcanti estivesse muito envolvido com suas pinturas e desenhos, experimentando constantemente materiais e técnicas, continuou a trabalhar em xilo, e os

¹¹⁶ Jornal Usina do Porto, nº 78, p.6, de Teniza Spinelli, em dezembro de 2007.

pequenos formatos que foram empregados na década de 80¹¹⁷ retornam nesta exposição, agora com o colorido da tempera à ovo:



Figura 81: Série de mini xilos pintadas à tempera ovo, 2007

¹¹⁷ Na época Cavalcanti produziu muitas xilos em pequeno formato, que cobriam uma face da caixa de fósforos, as quais eram facilmente comercializadas em locais públicos como o Bric da Redenção..

Alguns trabalhos desta individual também fizeram parte no ano seguinte da exposição “Rever2007”, na Galeria Arte&Fato, uma retrospectiva que referenciava os artistas que expuseram na galeria no ano anterior:



Figura 82: convite da exposição “Rever”, 2007

No segundo semestre de 2008, participou da coletiva “Brasileiríssimas 2”, no Centro Cultural CEE Erico Veríssimo, onde se apresentaram cantores, músicos e artistas plásticos. Também esteve na coletiva, “Os Gravo-Gráficos”, no Espaço Cultural da ESPM:

...ocorreu uma mesa-redonda com os artistas da exposição Os Gravo - Gráficos, sob curadoria da professora Isabel de Castro. A mostra reuniu obras de 10 artistas –Elise Hill, Helena Kanaan, Luiz Barth, Lurdi Blauth, Marcelo Monteiro, Márcia Rosa, Neca Sparta, Rodrigo Pecci, Wilson Cavalcanti e Zupo. Na ocasião eles debateram com o público sobre seus trabalhos¹¹⁸.

Assim, foi constante seu trabalho como gravador, pelo qual foi amplamente reconhecido, mas nessa intensa inquietação sempre buscando novos caminhos, novos estímulos, manipulando e criando materiais que melhor explorem seu imaginário criador.

¹¹⁸<http://www.espm.br/ConhecaAESPM/Publicacoes/Periodicos/ESPMMais/Pages/Exibir.aspx?cod=380>

Nesse compasso retoma constantemente a pintura:



Figura 83: “Gaiola no Pensamento em Três Espíritos Livres”, pintura sobre tela, 80cmx110cm, 2009

5.3 “30 Anos de Mim Mesmo”

Mas o ápice do reconhecimento formal veio em 2009, com a exposição “30 anos de mim mesmo”, dentro do projeto do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano “Gravura Atemporal”, na Gallery of Arts Dante Sfoggia, que ocorreu de 28 de abril a 29 de maio, e que lhe valeu o prêmio Açorianos da Prefeitura de Porto Alegre em 2010.

Nessa exposição, foram escolhidos mais de 50 trabalhos que mostram a trajetória do Cavalcanti nos mais de 30 anos de carreira¹¹⁹.

... obras, de diferentes formas e dimensões, muitas delas inéditas. De acordo com o artista, os trabalhos em litografia e gravura em metal abordam questões sociais e políticas, enquanto as litografias se relacionam com o erudito e o imaginário popular.¹²⁰

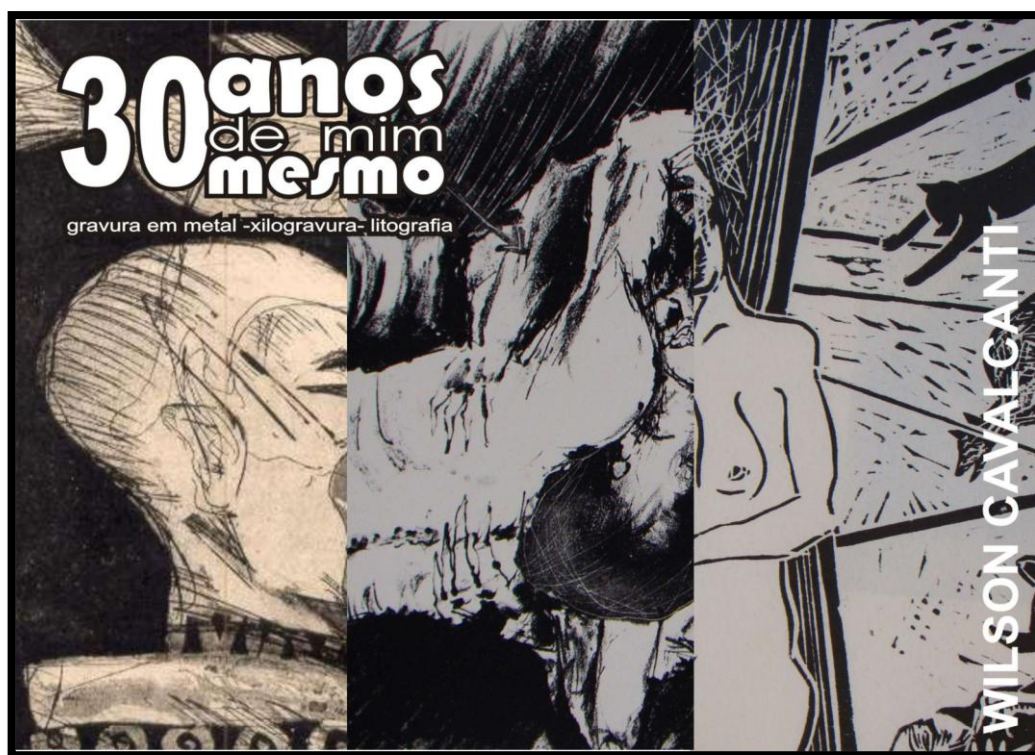


Figura 84: convite da exposição “30 anos de mim mesmo”

Inicialmente essa exposição foi concebida a partir de um projeto apresentado por Cavalcanti e aprovado pela Lei Ruanet em 2005, que deveria ocorrer no Santander Cultural,

¹¹⁹ A repercussão desta exposição chegou a levar parte da mostra para o Vale do Anari-RO.

¹²⁰ AGUIAR, Ricardo. Exposição com retrospectiva do gravador Wilson Cavalcanti abre na próxima terça-feira. Espaço Cultura. Revista Digital, 27/05/2009.

mais tarde ficando como espaço alternativo o MARGS, lamentavelmente, após inúmeras negociações, terminou não ocorrendo. A idéia foi repensada e se consolidou como uma exposição no Cultural constituída por obras que abrangiam trinta anos de produção artística de Cava, apresentando xilos, litos e calcogravuras.



Figura 85: “Amém!”, gravura em metal, 1992



Figura 86: "Res-pirar II", gravura em metal, 2002

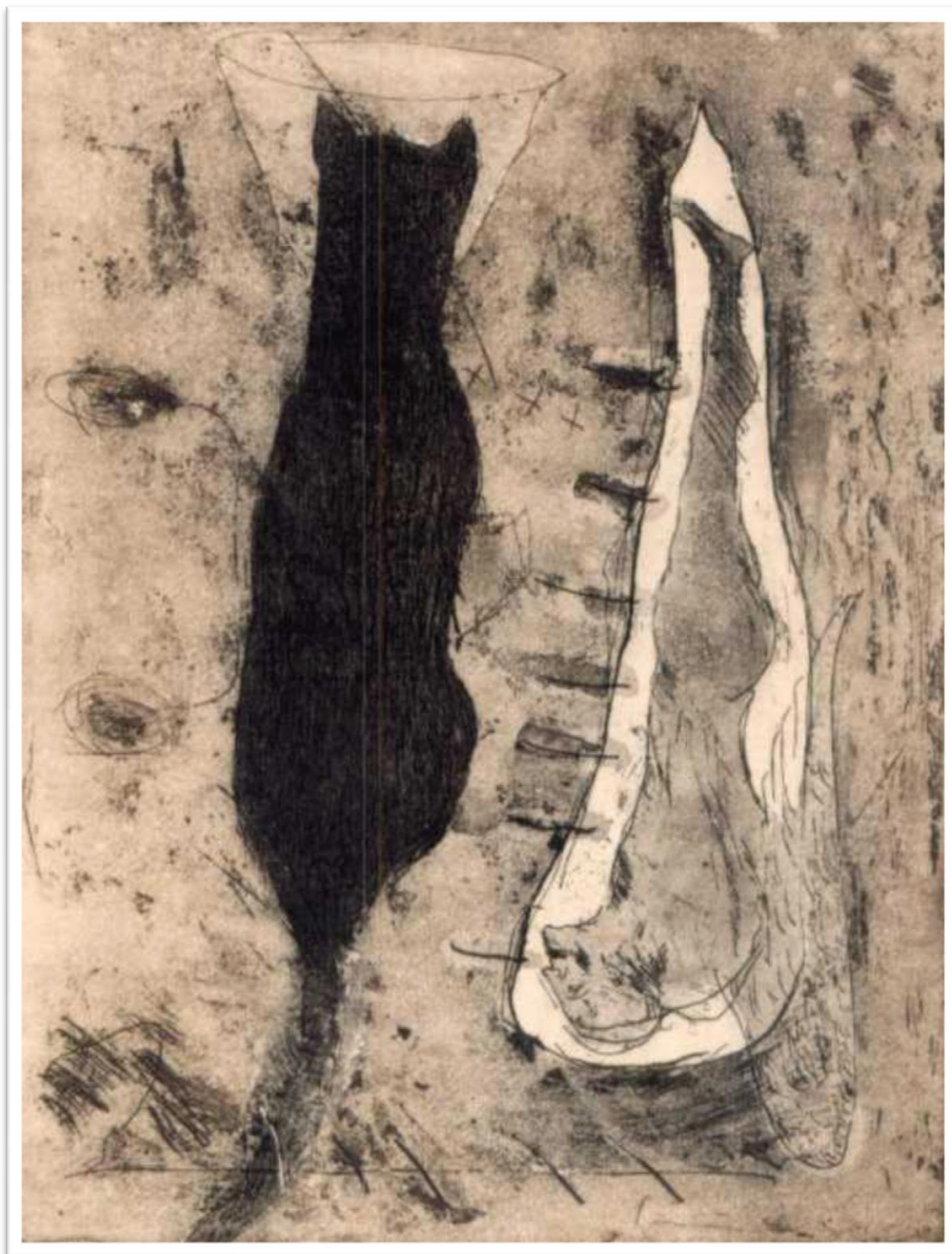


Figura 87: Rabo, gravura em metal, 2002

O IV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas foi realizado pela Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria de Cultura, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, e teve como Júri de Premiação: Leandro Selister, Leopoldo Plentz, Paula Ramos, Renato Garcia e Teresa Poester. Com cerimônia de entrega dos troféus que ocorreu em 08/05/2010.



Figura 88: foto dos artistas premiados no IV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas¹²¹

¹²¹ <http://bancoimagemens.procempa.com.br/>

Durante 2010 Cavalcanti, em meio às aulas que ministrou no Atelier Livre, envolveu-se em projetos concernentes à gravura, perfazendo um album que está em andamento e a ser concluído no início de 2011, bem como participou como artista convidado do Consórcio de Gravuras do Museu do Trabalho, com xilo da série “A Terapeuta e o Xamã”:



Figura 89: s/t, Xilogravura, 30cmx20cm, 2010.

Atualmente vem desenvolvendo um trabalho no qual criou uma série de objetos os quais denominou de “Série Caixas”, o quais consistem numa proposta de criar objetos em três dimensões utilizando materiais de diversas origens. Muitos destes materiais foram recolhidos dos restos oriundos da demolição da casa que ele e sua família moraram na Vila Santa Isabel, em Viamão.

Desta forma, madeiras, vidros, dobradiças, azulejos quebrados, fechaduras e chaves, arames, e uma infinidade de elementos são utilizados remetendo o artista ao resgate de sua memória no local de convívio social e de criação artística.



Figura 90: "Série Caixas", objeto em técnica mista, 2010



Figura 91: detalhe do objeto



Figura 92: objeto em construção, 2010

Em mãos de estes materiais, que são portadores de uma carga afetiva, ele decidiu criar um objeto instigador, que “mostra e esconde algo ao mesmo tempo, como se fosse um retábulo”¹²², montando pequenas caixas de madeira, na sua maioria com duas faces a serem reveladas, desenhando e pintando, seja na própria superfície vegetal, ou nos pequenos azulejos que depois incrustará na superfície, modelando o arame que conecta e vai além do primeiro plano. A figura 92 mostra uma “Caixa” que não mais existe, pois após inúmeras recriações, foi desfeita, e em vias de transformar-se em outra. Segundo Gustavo Nakle estes trabalhos são muitos bons, estão repletos de detalhes, com elementos de encaixe que se acoplam uns aos outros, usando uma variedade de materiais. Muitos destes objetos, em constante alteração, já foram vendidos, e ele continua a fazê-los

¹²² Entrevista com Cavalcanti.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho percebo que fundamentada nas diversas informações coletadas foi possível levantar várias questões que me esclareceram a construção da atividade criadora desse artista, bem como desvendar algumas concepções que estão por traz do discurso do mesmo.

De forma sucinta pode-se afirmar que alguns fatos pontuais interferiram na sua atividade criadora, como: na década de 70 a pintura e a escultura “eram a tônica do mercado”¹²³ ficando em segundo plano o desenho e a gravura, esta última depreciada pelo seu caráter múltiplo e popular, contrário ao interesse da elite gaúcha; no consumo de artes predominava a tendência do objeto dito “decorativo”, não havia espaços para novas tendências. Quanto à orientação artística caracterizou-se por uma produção de orientação modernista, centrada na figuração. Na próxima década houveram mudanças trazidas, por um lado, pela abertura política, por outro, pelo crescimento massivo dos meios de comunicação e o crescimento mercadológico das artes, no qual parte das galerias “exigiam muito, pouco dando em troca”¹²⁴. No que tange ao domínio da linguagem artística, houve ênfase à “pluralidade, diversidade e auto-referenciação”¹²⁵.

Cavalcanti desenvolveu sua trajetória artística principalmente no desenho e na gravura, empregando uma temática referenciada no popular, ou em questões de cunho político que denunciavam a miséria social, o que não era “objeto de consumo” do público conservador. Aliado a isso, a instabilidade econômica de Cava interferiu na maior parte de sua carreira, limitando-o em vários aspectos, como na aquisição de materiais artísticos e literatura específica, ou no investimento em qualificação formal. Relegando, muitas vezes, seu fazer artístico a um segundo plano, impelindo-o a buscar formas de sobrevivência alternativas, sempre a mercê de constantes mudanças de residência, conferindo-lhe uma forma de vida pessoal e profissional que o e identificam de forma peculiar, somente obtendo certa estabilidade a partir da sua atividade como docente no Atelier Livre. Sua natureza “rebelde” também contribuiu para defini-lo dentro do mercado das artes, considerado por muitos um artista “maldito”, mas também construindo uma imagem notadamente singular que o diferencia como um particular entre o grupo de artistas.

Também suas incursões pela pintura, de tendências “expressionistas”, levaram-no à experimentação com materiais inusitados, sendo constantemente reconstruídas. Cavalcanti

¹²³ BULHÔES, Maria Amélia.p. 131.

¹²⁴ CATTANI, Icléia.p.74.

¹²⁵ BRITES, Blanca.p.141.

não se aplica ao seu fazer artístico com o intuito de construir um objeto último, mas envolve-se no processo de criação que vai se alterando conforme a matéria responde à sua ação. Busca que os próprios materiais representem sua fala, seja através da textura, da cor ou do próprio fim dos mesmos, redefinindo-os. A prática constante de deixar muitos trabalhos inacabados reflete esse aspecto, a gravura impressa que foi guardada fica à espera para sua resignificação, a “Caixa” quase pronta, poderá ser demolida, e seus elementos poderão vir a ser outras “Caixas”. A memória, muito presente nas suas xilogravuras da série “Dona Gaudina”, retrata seu convívio com a comunidade da Vila Santa Isabel, mas que poderia ser outra qualquer no vasto universo de excluídos, os quais também “adquirem voz” e tem o direito à palavra nos seus desenhos e pinturas. Afinal sua criação é definida pela sua paixão pela arte, pelos materiais e linguagens adotados, pelo imenso prazer que o artista tem de dialogar com seu trabalho e continuar a produzir incessantemente.

Enfim, foi levantado um significativo número de informações e iconografias que por si só refletem um pouco da trajetória do Cavalcanti, mas cabe ressaltar que o discurso biográfico que celebra o artista determina a construção do personagem memorável¹²⁶, da sua reputação, legitimando-o. Nesse sentido, ao empregar uma abordagem biográfica não posso ser ingênua em pensar que não interfiro na construção da trajetória do artista. Minha visão de mundo interfere na observação histórica e iconográfica na medida em que fiz a escolha de determinadas imagens em detrimento de outras e, portanto, apresento uma forma particular de ver seu percurso criador. Acredito que os dados levantados contribuam para a escassa bibliografia do artista, possibilitando pesquisas posteriores, minhas ou de outrem, e que minhas considerações ao realizar o relato, seja da vida do autor, seja de parte de sua obra, colaborem para um questionamento acerca do meu ponto de vista da trajetória dele, oportunizando uma reflexão, que creio deve ser constante.

¹²⁶ BOURDIEU, Pierre. p.290.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ana Lúcia. A Geração 80: um panorama e o caso Porto Alegre. IN: **Porto Arte: revista de artes visuais**. Porto Alegre: Universidade Federal, 1999, v.10, nº 19, 1999, p.33-59.
- BRITES, Blanca. Breve Olhar Sobre os Anos Oitenta. IN: Gomes, Paulo. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica**. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007, p.136-155.
- BOHNS, Neiva Maria Fonseca. Década de 50: sopram os novos ares. IN: Gomes, Paulo. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica**. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007, p.96-115.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BULHÕES, Maria Amélia. A Roda da Fortuna: o modernismo se consolida e emergem seus primeiros questionamentos. IN: Gomes, Paulo. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica**. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007, p.116-135.
- CATTANI, Icléia. Arte Contemporânea e Identidade Cultural no Rio Grande do Sul (1980-1990). IN: **Porto Alegre: revista de artes visuais**, vol.3, nº 06, 1992, p. 51-77.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- FABRIS, Annateresa. **Arte&Política: algumas possibilidades de leitura**. Belo Horizonte, C/Arte, 1998.
- PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 246p.
- PASSERON, Rene. Da Estética à Poiética. IN: **Porto Alegre: revista de artes visuais**, vol. 8, nº 15, 1997, p. 103-116.

PASSERON, Rene. A Poética em Questão. IN: **Porto Alegre: revista de artes visuais**, vol.13, nº 21, 2004, p. 09-14.

PIETA, Marilene Burtet. **A Modernidade da Pintura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995, 273p.

ROSA, Renato. **Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 2000. 527 p. : il.

SCARINCI, Carlos. **A Gravura no Rio Grande do Sul: 1900-1980**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, 224p.

Sites Acessados

AGUIAR, Ricardo. Revista Digital Porto Cultura. *Exposição com retrospectiva do gravador Wilson Cavalcanti abre na próxima terça-feira*. Disponível em: <<http://www.portocultura.com.br/arte/index.php?id=6&idNot=4332>>. Acesso em: 28/04/2009 e 15/07/2010.

ALMEIDA, Armando. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/wiwimod/index.php?page=ALMEIDA,++Armando>>. Acesso em 24/11/2010

ARTE&FATO GALERIA. Disponível em< <http://www.artefatogaleria.blogspot.com>> Acesso em 10/04/2010.

BIENAL MERCOSUL. Disponível em: <<http://www.bienalmercosul.art.br>>. Acesso em: 25/04/2010.

CASA DA GRAVURA. Disponível em: <<http://www.casadagravura.com.br>>. Acesso em : 20/11/2010.

CAVALCANTI, Wilson. Disponível em: <<http://www.willcava.blog.terra.br>>. Acesso em: 07/11/2009, 08/05/2010 e 19/08/2010.

ESPM. Disponível em: <<http://www.espm.br/ConhecaAESPM/Publicacoes/Periodicos/ESPMMais/Pages/Exibir.aspx?cod380>>. Acesso em: 09/10/2010.

ESTAÇÃO DE POVO NOVO. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_bage_riogrande/povo.htm>. Acesso em: 19/08/2010.

JORNADA LITERÁRIA DE LITERATURA EM PASSO FUNDO. Disponível em: <<http://www.lufernandes.com.br/2010/releases/26-anos-de-historia>>. Acesso em: 09/10/2010

L'ACQUA. Disponível em: <http://www.portoalegre.rs.gov.br/noticias_ver_imprimir.asp?m1=19575>. Acesso em: 10/07/2010

MARGS. Disponível em: <http://www.margs.rs.gov.br/acervo_selecaoobras.php#c>. Acesso em: 08/05/2010.

MERCADÃO DE ARTES. Disponível em: <http://www.casaartecanoas.com.br/web/biografia_det.php?artista=39>. Acesso em: 24/11/2010.

NAKLE, Gustavo. Disponível em: <<http://www.nakleescultor.com.br>>. Acesso em: 25/04/2010, 12/10/2010.

NUCLEO DE GRAVURA. Disponível em: <<http://www.http://to.plugin.com.br/nucleogravurars>>. Acesso em 24/11/2010.

O BOIA DAS ASPAS DE OURO.
<<http://www.estantevirtual.com.br/livrosecompanhia/Barbosa-Lessa-e-Wilson-Cavalcante-O-Boi-das-Aspas-de-Ouro-21302384>>. Acesso em 10/07/2010.

PRAIA DA ONÇA. Disponível em: <<http://www.skypercocity.com>>. Acesso em: 12/09/2010.

SANTOS, Irene. Disponível em: <<http://www.irenesantos.fot.br/arcanexpo.html>>. Acesso em: 12/10/2010.

VALE DO ANARI. Disponível em: <<http://www.valedoanari.ro.gov.br/portal11/municipio>>. Acesso em: 24/04/2010.

Vídeos

TOMASELLI, Maria. *MAM Litografia*[gravação de vídeo]. Porto Alegre: Fundação Iochpe, 1993, vídeo : 14'18".

ANEXOS

Entrevistas com Artistas

Entrevista com Paulo Chimendes¹²⁷

Local: Museu do Trabalho

Data: 02/10/2010 Horário: 15h às 17h30min

- 1) Como foi sua trajetória no início da carreira? A trajetória do Cava e a sua se cruzaram em que momento?

Paulo relata que nasceu em Rosário do Sul-RS, sendo o filho mais velho. Seu Pai era bancário, tinha uma vida confortável, mas fez maus negócios e tiveram que mudar-se para Viamão. Tempos depois, vieram para Porto Alegre, morando inicialmente nos fundos do Teatro São Pedro. Foram os colegas de trabalho do seu pai, na Caixa Econômica, que sugeriram que Paulo frequentasse o Atelier Livre da Prefeitura, nos Altos do Mercado, “foram 17 anos no Atelier”, isso em 1966. Na época ele tinha apenas doze anos, era o “pia” da turma, teve aulas com Paulo Peres, Fernando Baril, Danúbio Gonçalves, entre outros. Iniciou-se no desenho, quando conheceu o Cavalcanti, ambos frequentaram muitas atividades juntos durante o ano no local. No final de cada ano, quando a maioria dos alunos do Atelier “sumiam”, iam viajar com suas famílias em férias, Paulo e Cavalcanti continuavam utilizando o espaço, envolvidos no desenho, jogando ping-pong, e havia até o carreteiro aos sábados. O que lhes faltava uma biblioteca, visto que a maioria das informações vinha através dos professores de forma oral, que também lhes emprestavam livros de arte.

Paulo Peres, que foi professor de desenho de ambos, foi o responsável por orientar o percurso artístico de Paulo Chimendes, nesses primeiros tempos. Aprendeu a trabalhar com vários materiais, lápis, carvão, nanquim e bico de pena. Aos 18 anos fez sua 1ª exposição no Atelier Livre, quando da Inauguração da Nova Sede, na Lobo da Costa. Na época, o professor Paulo Peres formou um grupo de alunos do desenho, entre os quais se encontrava Cava, Chimendes, Alfredo Nicolaiewsky, entre outros. Nesses tempos, Paulo Chimendes não tinha muita noção das questões políticas, mas no Atelier corriam as conversas sobre esses assuntos,

¹²⁷ Desenhista e gravador. Natural de Rosário do Sul-RS, trabalha com arte desde 1967, frequentou o Atelier Livre. Reside e trabalha em Porto Alegre.

os grupos de alunos e professores discorriam sobre os fatos políticos e suas opiniões, os mais jovens e menos informados ouviam atentamente. Houve uma exposição em 1977 de novos talentos, quando também teve a oportunidade de apresentar seus trabalhos.

Trabalhou no comércio, proprietário de uma banca de revista localizada na Rua Doutor Flores, esquina com a Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, que lhe permitiu efetuar a leitura diária de jornais e revistas da época: Manchete, Cruzeiro, Fatos & Fotos.

A participação no Festival de Arte em Ouro Preto (76/77), em Belo Horizonte, organizado pela UFMG, freqüentando o Curso de Inverno, foi marco decisivo na sua formação. Mineiros conheciam sua própria história e cultura; Paulo sentiu-se acuado, por não ter esse conhecimento. Durante os dias que passou lá ele “toma um banho de história”, e ganhou um prêmio. Retornando a Porto Alegre, decidiu aprofundar-se na história do Rio Grande do Sul, buscar informações, ser mais realista e menos sonhador, visto que os mineiros estavam conscientes de sua realidade, tinham conceitos bem estabelecidos. A partir daí “começou a ficar crítico”, retorna à cidade com outras idéias.

2) Como estava a questão do mercado de arte? Vocês vendiam arte? Gravura?

Chimendes teve aulas de gravura em metal com Paulo Peres, “mas, como desenhista, preferi ficar na Litografia, isso lá por 1982”. Determinado em ser artista, investe em materiais, frequenta cursos e oficinas voltadas para a criação de uma arte mais local. Nas décadas de 70/80 vendeu bem, a arte era mais comercializada, havia muitos artistas fazendo gravura, Cava também era um deles. Consumia-se muito papel, “rodava muito papel pelo estado (na época o Brasil era o 4º na produção mundial)”.

Tanto Paulo quanto Cavalcanti trabalharam no Atelier MAM de litografia, estabelecendo um convívio contínuo com muitos artistas, sendo que a amizade com Maria Tomaselli prevalece até os dias atuais. Como os artistas se conheciam, a cidade era menor, nas exposições eles participavam conjuntamente. Chimendes ganhou vários prêmios, como o “Igel” em Lito, e formou grupos com diversos artistas, tais como Maria Lúcia Cattani, Hélio Ferverza, San Martin, Cava, entre outros, com o objetivo de fazer álbuns. O Atelier era um espaço que permitia o convívio com vários artistas, sendo que os professores traziam novidades, e era comum a troca de trabalhos e venda entre eles, dado o caráter de ser um espaço de trabalho aberto à comunidade.

3) O que achas sobre o trabalho de Cavalcanti? Como era a crítica nos anos 80/90?

Chimendes considera que ele e Cava, são uns “dinossauros”, uns românticos voltados para o *fazer artístico*, “o sonhar, o sofrer, discutir, mas mais descompromissado”. Considera-se um artista visual, ele registra o que vê. Quanto ao Cava, ele o considera um excelente gravador, pintor, lembra-se de um trabalho dele, um desenho de 72, que apresentava temática “surrealista”, lembrava o trabalho de Salvador Dali, figuras humanas “com braços saindo do solo”.

Paulo estabelece uma comparação, considerando-se disciplinado, bom observador, de pouca fala; para ele, Cava é um bom articulador, “fala muito, e já foi até chamado por alguns de *maldito*”. Considera que ambos gostam de trabalhar em grupo, com outros artistas, considerando que cada um tem suas características próprias.

Nos anos 80/90 havia uma crítica mais séria de arte, os escritores iam às exposições e falavam o que pensavam, gostasse o artista ou não. Hoje em dia a crítica é muito branda, não se verifica uma participação constante de críticos e jornalistas nas exposições, “grande parte das entrevistas é dada por telefone”.

4) Vocês participaram de trabalhos juntos, além do MAM?

Sim, Paulo recorda que foi aquele reduzido grupo de artistas que serviu de célula para a Bienal do Mercosul: ele, Cava, Gustavo Nakle, Maria Tomaselli, ... A idéia partiu do projeto da promotora cultural Maria Benites, que pensava numa Bienal de toda a América Latina, sem limitações de fronteiras, enquanto que os gaúchos pretendiam outra, envolvendo países bem mais próximos. Maria Tomaselli conhecia do meio social o empresário Gerdau, que propôs um encontro, algo como um evento para promover o encontro de dois grupos, os empresários e os artistas. O andamento do processo se deu de tal forma, que os artistas foram deixados de lado da organização e do planejamento, o que resultou em certa mágoa por parte dos artistas.

Entrevista com Alfredo Nicolaiewsky

Local: Instituto de Artes

Data: 05/11/2010 Horário: 10h30min às 11h10min

1) Quanto à trajetória profissional, a sua e a de Cavalcanti se cruzam em que momento?

Foram colegas no Atelier, nas aulas de desenho ministradas pelo artista Paulo Peres, sendo que Alfredo frequentou de 1967 até 1972. Acredita que Cava iniciou-se no desenho para depois trabalhar com a gravura, considerando que um momento marcante na trajetória de Cava é sua exposição, “Ex-posição” de 82, na qual ele apresenta uma série de desenhos e emprega materiais não convencionais para a época. Lembra-se da linguagem vigorosa que os trabalhos denotavam.

Mas, considera que Cava é mais reconhecido pelo seu trabalho como gravador, mostrando um traço firme e uma temática bem pessoal.

2) A origem do artista, sob o ponto de vista social e econômico, influencia na sua trajetória? É fator preponderante na aceitação de seu trabalho por parte do público e da crítica? A formação Acadêmica define a aceitação do artista?

Não, Alfredo pensa que não há uma única regra do mercado, mas sim um conjunto delas que fazem o trabalho do artista ser mais aceito ou não. Existem exemplos de artistas da mesma época, de origem muito humilde, como Marlene, que era negra, que expos e teve muito sucesso, vendendo muito bem seu trabalho. Bem como a inversa situação não é sinônimo de alta aceitação, artistas que vem de classes abastadas mas não obtiveram sucesso. No seu próprio caso, Alfredo Nicolaiewsky, oriundo de uma família de classe média, frequentou escola particular, oriundo da Academia, vendeu, mas não teve um sucesso de vendas. É claro que com poucos recursos financeiros o trabalho pode ser prejudicado por não possibilitar a aquisição de muitos materiais artísticos, boas tintas e papel, que são caros. Assim, o trabalho de Cavalcanti sofre influencia desses fatores, mas não são os decisivos. O mercado de arte prefere os trabalhos mais “bonitinhos”, “uma arte agradável”, voltados para a questão estética. O trabalho de Cava não é muito vendável por não ter essas características. Seu trabalho é de uma carga forte, muito rico, mas não é considerado estético, bonito, e por conseguinte, não é vendável. A passagem pela Academia possibilita o acesso a muitas

informações, o contato com muitos professores e artistas que permitem acesso ao conhecimento, às linguagens específicas da arte, e desenvolver melhor sua prática artística.

3) Havia crítica nos anos 80/90? E o mercado de arte, como era?

Alfredo afirma que naquela época havia mais difusão das obras na cidade, muitas galerias e espaços de exposição; a importante presença dos Salões de arte. Hoje o número de galerias é reduzidíssimo, e não há crítica de arte, em São Paulo um pouco mais. Nos anos 80 houve o “Boom” do consumo de arte, jovens empresários adquiriam obras, e os jovens artistas expunham muito, e vendiam também. Verificou-se que eram adquiridos trabalhos considerados “bonitos”, bem como um intenso consumo de obras de artistas consagrados, que não tinham uma estética considerada “bonita”, mas eram amplamente reconhecidos no circuito das artes, e, portanto, adquiridos. Hoje o número de galerias é pequeno, ficou mais difícil para o jovem artista expor seus trabalhos, no entanto surgiram outras formas de fomentar o trabalho artístico como, por exemplo, através de projetos, bolsas de estudo, artistas que se organizam em grupo e estabelecem galeria, etc.

4) O que acha do trabalho artístico de Cavalcanti?

Ele, particularmente, gosta muito das gravuras de Cava, que tem uma linguagem muito pessoal, sendo um artista muito respeitado pelo meio artístico. Acredita que a sua exposição de 82, “Ex-posição”, foi um referencial na sua obra, um trabalho radical para a época, trazendo uma linguagem vigorosa

Entrevista com Anico Herscovits¹²⁸

Local: Instituto de Artes

Data: 19/11/2010 Horário: 19h às 20h

1) A sua trajetória profissional e a de Cavalcanti se cruzam em que momento?

Ela frequentou o Atelier Livre cursando xilogravura a partir de 1968, período em que Cavalcanti também freqüentava, porém cursando desenho. Em várias oportunidades trabalharam juntos, e ela conhece toda a trajetória do artista. Durante o período de dez anos do MAM (Maria Tomaselli - Anico Herscovits - Marta Loguércio), Atelier de Litografia, o artista esteve presente, trabalhando e criando.

2) A origem do Cavalcanti, sob o ponto de vista social e econômico, é fator definidor na aceitação de seu trabalho por parte do público e da crítica?

Não, ela mesma também vem de uma origem de imigrantes, sem muitos recursos, num pós-guerra. A problemática está mais por conta de que é difícil vender gravura. É uma questão cultural, pois a gravura não tem uma aceitação como outras formas de arte, sem esquecer fatores como o da multiplicidade da obra e a fragilidade do papel. Havia muito preconceito com a gravura.

3) Como foi nos anos 80/90 esse convívio com Cava?

Cavalcanti sempre foi bem participativo, estava sempre no Atelier Livre, participava e se envolvia em todo tipo de projetos, depois junto ao Núcleo de Gravura do MARGS, sempre foi um questionador. Também trabalhou no MAM, fazendo suas gravuras e participando das exposições. Ministrou cursos e oficinas no MARGS, que lhe auxiliavam na sobrevivência. Também trabalhou muito como impressor para muitos artistas. Um momento importante foi a sua participação no Festival de Inverno de Ouro Preto, em Minas Gerais, escolhido pelo Atelier Livre para representar a cidade.

¹²⁸ Gravadora e desenhista. Natural de Montevideo-UY. Frequentou a Escola de Artes da UFRGS e o Atelier Livre, uma das fundadoras do MAM Atelier de Litografia, atualmente é docente no Instituto de Artes da UFRGS.

4) Como é o trabalho artístico de Cavalcanti?

Anico recorda dos trabalhos da série “Dona Gaudina”, com xilogravuras que apresentavam formas diferentes, dotadas de equilíbrio, eram muito “engraçadas”. Também havia aquele trabalho em xilo que empregava caixinhas de fósforos, que eram vendidas na rua, em praças, que o público comprava muito. Lembra da influência que muitos artistas tiveram no trabalho de Cavalcanti, como Paulo Peres e Armando Almeida. Do trabalho em si, ele tem consistência, é bem pessoal, e retrata o convívio do seu cotidiano, por exemplo, da época em que o artista viveu na Santa Isabel, com a temática da comunidade e de sua pobreza. Lembra que quando Cava fez concurso para docência no Atelier Livre, em 1996, ela foi uma das juradas. Considera muito importante o papel dele no Atelier.

Entrevista com Gustavo Nakle e Maia Mena Barreto¹²⁹

Local: Casa dos Artistas na Zona Sul de Porto Alegre

Data: 20/11/2010 Horário: 9h45min às 11h

Fui recebida pelo casal durante a manhã. Maia Mena Barreto me informou que trabalhou várias vezes com Cavalcanti nas oficinas de arte, atuando com uma população carente de jovens e crianças com risco social, em vilas como a Restinga, em Porto Alegre. Quanto ao trabalho de Cava, sua temática remete ao seu convívio com as comunidades da Vila Santa Isabel, e a população da própria comunidade. Ela contou que seus últimos trabalhos, “As Caixas”, são confeccionados a partir de materiais que sobraram da demolição da residência de sua família nessa mesma comunidade, remetendo a um passado familiar. Ela também recorda, que Cava foi Secretario de Cultura do Município de Viamão, sempre atuante junto com a comunidade local. Quanto à sua participação no Atelier Livre, ele envolve-se com projetos de educação social e arte com a população ao redor do Atelier e vizinhanças, buscando trazê-los para participação mais efetiva, tentando construir sua cidadania. A temática de seu trabalho é relativa à comunidade que circunda a cidade e transita num realismo fantástico.

Num segundo momento, Gustavo Nakle aponta alguns de meus questionamentos:

- 1) A sua trajetória profissional e a de Cavalcanti se cruzaram em que momento?

Gustavo explica que ele e Cava tem uma amizade de muitos anos, e é difícil dissociar a relação de amizade e trabalho. Houve muitas trocas e convívios. De certa forma, mesmo de origens distintas, ambos têm muita coisa em comum como, por exemplo, a expectativa de seus pais que esperavam outra profissão para os filhos, que não a da arte. Também os questionamentos sociais e políticos fizeram com que a aproximação fosse intensa.

- 2) As questões como a origem e formação não Acadêmica, afetam o trabalho e a aceitação do artista pelo mercado?

O artista cria seu trabalho e precisa vendê-lo. Para ingressar no mercado não adianta somente trabalhar, é necessário gerenciar, entrar em contato com as galerias, e os locais de

¹²⁹ Maia: Pintora e escultora. Natural de Porto Alegre. Formada em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da UFRGS, frequentou o Atelier Livre. Professora de artes, mora e trabalha em Porto Alegre.

Gustavo: Escultor. Natural de Montevideo-UY. Estudou na Escola de Belas Artes de Montevideo, foi um dos fundadores do Mercado da Arte. Reside e trabalha em Porto Alegre.

exposição, administrando um conjunto de variáveis para conseguir vender sua produção. Se o artista necessita viver da venda de sua obra, e não possui outra fonte de renda, ele precisa entrar nesse mercado, ou tentar outra forma de sobrevivência. No Caso de Cavalcanti, ele trabalha muito, mas não se esforça para entrar no mercado, não se envolve nessa exigência de negociação, não lida bem com as galerias. Quanto à questão da formação, Cava é um autodidata, sempre ávido por novas informações, sempre atento, inúmeras vezes ambos conversaram e discorreram sobre assuntos da arte, sobre o trabalho de outros artistas. Para Gustavo, foi Cava que lhe trouxe um maior conhecimento sobre HQ, sobre a cultura popular dos cartuns, que no início foi um “choque”, mas logo em seguida estava completamente envolvido pelos mesmos, sempre houve essa “troca de figurinhas” entre eles.

3) Qual é tua opinião sobre o trabalho de Cava?

O trabalho de Cavalcanti mostra sua paixão pelo fazer artístico, ele produz muito. Considera as xilogravuras muito boas, portadoras de um expressionismo dramático, mas acredita que as últimas criações, “As Caixas”, são fantásticas, empregam uma variedade de materiais, é possível interagir com ambos os lados da caixa, e são uma continuidade um trabalho que Cava já desenvolvia nos anos 83/84. Cavalcanti contribui com críticas para o trabalho de Gustavo, que muitas vezes questiona o olhar do amigo sobre seu fazer artístico.

Crônica de Cavalcanti

Agora sou um desenhante

W. Cavalcanti

O que atrapalha ao escrever é ter que usar palavras. Se eu pudesse escrever por intermédio de desenhar na madeira, ou alisar a cabeça de um menino ou passear pelo campo, já mais eu teria entrado no caminho das palavras.

Clarice Lispector – Escrevendo.

No início da adolescência, ainda não alfabetizado por questões de saúde, decidi que quando ficasse grande seria um contador de história. Fingia que lia inventando histórias para minhas duas irmãs menores. O que me atrapalhava, era que para descrever as imagens oníricas que me visitavam era preciso escrever. Para escrever tinha que usar palavras escrita que não sabia. Até o dia em que aprendi a rascunhar as primeiras palavras, foi um longo tempo. Tive que passar um bom tempo treinando a escrita nos cadernos de caligrafia onde desenhava letras e palavras. Desde o início minha caligrafia situava-se em um território nebuloso que oscilava entre códigos visuais e os códigos verbais, na maior parte das vezes ilegíveis, deixando um rastro gráfico. Nesta época comecei a colecionar e a tentar copiar desenhos que ache em revistas e jornais. Na escola morria de inveja da Jussara que tinha um desenho diferente e era a melhor desenhista da classe. Dos muitos garranchos desta época sempre surgia uma surpresa, uma luz e muitas histórias. Aquelas linhas: retas, curvas, pontilhados, redes e tramas, mesmo as rasuras ilegíveis, quanto muito semi decifráveis ou mesmo ilegíveis em meu caderno escolar, independente do que estava escrito, me encantaram e trouxeram-me um novo significado e direcionamento. Não seria mais um contador de histórias de agora em diante eu queria ser um desenhante, um desenhador ou quem sabe um desenhista.

O desenho então assumiu uma dimensão intrincada em minha vida presente e em todos os momentos importantes, não só nos transitórios, mas também nos permanentes. O desenho passou para mim a ter um aspecto como normalmente não é visto dentro da arte. Dentro da arte o desenho sempre foi um objeto de estudo, que leva o artista a construção da sua obra é algo transitório. Só de passagem. É o estudo para o que está para vir a ser. Para mim não.

Tudo é desenho. Às vezes acabado, concluído sendo ele mesmo o objeto de expressão, outras vezes é rascunho do que poderá vir a ser, mas na verdade já é.

Como na vida nada está pronto, tudo é processo e se encontra em constante mudança. O rascunho que sou hoje é o rascunho do que fui ontem e o esboço do que serei amanhã, sempre em constante processo. Nunca a obra pronta. Na maior parte das vezes o que pretendo fazer no futuro não sai exatamente como planejei. A cada passo muitas são as probabilidades, a cada intenção abre-se uma rede de possíveis as opções. O que resulta no final é algo diferente do idealizado, apesar de ainda ter vestígios do esboço. Hoje quando planejo ou faço o esboço de um estudo em desenho para uma obra futura, não é algo de passagem, transitório. Já é a obra que esta ali. Na intenção de perseguir o prévio estudo em desenho, o resultado fica sendo outra coisa, na maior parte das vezes pior. “O desenho revela o segredo das linhas tranqüilas, linhas silenciosas, serenas, linhas quentes frias, linhas irrequietas, instigantes guardando as particularidades do pensar do autor. Um desenho precisa saber flutuar. As formas têm direito de se expandir.” (Havia uma linha esperando por mim - Antonio Lizarraga). Desenhar, simplesmente desenhar. É inventar mundos desconhecidos, narrar universos visitados na imaginação, é criar realidades. Tudo é desenho. O desenho gera conflitos e soluções, estimula o autoconhecimento, registra o que o olho vê e as viagens da imaginação. Por tanto, desenhar para mim passou a ser uma forma de vida e de vivê-la. Mas se eu pudesse compartilhar este universo somente caminhando nas margens do lago no alto do morro Santana, ou no silencio do inverno saborear uma laranja, ou ainda num fim de tarde jogar Cinco Maria com uma criança, talvez nunca houvesse entrado neste caminho tão raro.

Currículo de Wilson Cavalcanti

Exposições Individuais

1982

“Ex-Posição”, Galeria Salamandra, Porto Alegre, RS;

1989

“Dona Gaudina e Seus Bichos”, CDE, Porto Alegre, RS;

1990

“Cavalcanti Pinturas”, Galeria Badesul, Porto Alegre, RS;

“Dona Gaudina e outras Xilos”, Galeria Nelson Penteadó, Santos, SP;

“Arte sobre Papel”, CDE, Galeria Carlos Barone, Passo Fundo, RS;

1994

“Cavalcanti e sua Gravura”, Galeria Oficina de Arte, Rio Grande, RS;

1995

“Retrospectiva: 90-95”, Museu Leopoldo Gotuzzo, Pelotas, RS;

“Místicos, Sagrados e Profanos”, Museu Leopoldo Gotuzzo, Pelotas, RS;

“A arte de Cavalcanti”, Galeria Espaço Oficina de Arte, Rio Grande, RS;

1996

“A Impertinência do Belo”, Museu do Trabalho, Porto Alegre, RS;

“A Impertinência do Belo”, Caixa Econômica Federal, Viamão, RS;

1999

“Censura e Exclusão”, MAVRS, Passo Fundo, RS;

2001

“Correndo Risco: o Caminho de Jó”, MAVRS, Passo Fundo, RS;

2002

“90% Gravura”, Centro Municipal de Cultura, Execução do Mural

2002

“De Olhos Fechados Vejo Melhor”, Museu do Trabalho, Porto Alegre, RS;

2007

“Iluminurações”, Arte & Fato Galeria, Porto Alegre, RS;

2009

“30 Anos de Mim Mesmo”, Cultural Gallery of Arts Dante Sfoggia, Porto Alegre,RS.

Principais Exposições Coletivas

1974

“II Exposição dos Novos Pintores”, Inauguração da Nova Rodoviária de Porto Alegre, Porto Alegre, RS;

“Arte na Rua”, Semana de Arte Sacra, Rio Pardo, RS;

“Manifesto Sobre Arte na Rua”, Execução do Mural , EPATUR, Execução do Mural;

1975

Semana de Arte Sacra, Igreja de São Francisco, Rio Pardo, RS;

“Coletiva”, Ponto de Arte Galeria, Porto Alegre, RS;

IV Salão Universitário de Artes, Galeria Sete Povos, Porto Alegre, RS;

7º Salão de Arte Religiosa Brasileira, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Londrina, PR;

1976

IV Feira Anual de Artes Plásticas de Rio Pardo, RS;

“Panorama das Artes”, Alfred Galeria, Porto Alegre, RS;

“13 dos Nossos”, Quinta Galeria, Berlitz, Porto Alegre, RS;

Vº Salão Universitário de Artes, Galeria Sete Povos, Porto Alegre, RS;

“14 Bis”, XXII Feira do Livro, Porto Alegre, RS;

“1º Panorama de Arte”, Galeria Alfred e UCS, Caxias do Sul, RS;

V Salão do Jovem Artista, SMC/Prefeitura de Porto Alegre, Porto Alegre, RS;

1977

1º Salão de Artes Plásticas de São Leopoldo, São Leopoldo, RS;

Casa do Artista Plástico Rio Grandense, Pinacoteca da Aplub, Porto Alegre, RS;

1978

“Arte Inverno”, Sete Povos Galeria, Porto Alegre, RS;

“17 Gravadores Gaúchos”, Club del Grabado de Montevideo, Uruguai;

1979

Iª Semana do MARGS, MARGS, Porto Alegre, RS;

VIII Salão do Jovem Artista, SMC/Prefeitura de Porto Alegre e RBS, Porto Alegre, RS;

Iª Feira da Gravura no Atelier Livre, Porto Alegre, RS;

1980

“3 Artistas, 3 linguagens”, Galeria Clube do Comércio, Porto Alegre, RS;

“Exposição Coletiva”, Restaurante Doce Vida, Porto Alegre, RS;

IX Salão do Jovem Artista, RBS e SMC, Porto Alegre, RS;

IV Salão de Arte de Pelotas, Pelotas, RS;

1981

“Artistas Gaúchos no Paraná”, Teatro Guaíra, Curitiba, PR;

“20 Anos Atelier Livre da Prefeitura”, Atelier Livre, Porto Alegre, RS;

II Concurso IGEL, Centro Municipal de Cultura, Porto Alegre, RS;

“Coletiva”, Centro Cultural de Novo Hamburgo, Novo Hamburgo, RS;

V Salão de Artes de Pelotas, Pelotas, RS;

1982

“Seleção Verde-Amarelo”, Galeria Tina Presser, Porto Alegre, RS;

1985

“Gravura no Rio Grande do Sul: Atualidade”, MAC, São Paulo, SP;

“Novos Meios-Multimeios”, FAAP, São Paulo, SP;

Feira de Gravura, Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul, CMC, Porto Alegre, RS;

“Liberta Quae Sera Tamen”, Espaço Livre Galeria, Porto Alegre, RS;

1986

“Pensando Papel”, Projeto Avant-Première, MARGS, Porto Alegre, RS;

Calendário de Litografias, Atelier MAM Litografia, Porto Alegre, RS;

“O Automóvel Faz 100 Anos”, Bolsa de Arte Galeria, Porto Alegre, RS;

1987

“Livre-se, Livro Objeto”, Centro Cultural de São Paulo, São Paulo, SP;

“Livre Livro do Artista”, Arcano 17 Espaço Cultural, Porto Alegre, RS;

“Das Diretas à Constituinte”, Centro Municipal de Cultura/Chico Lisboa, Porto Alegre, RS;

“La June Gravure Contemporaine”, Grand Palais Champs-Elisées, Paris, França;

“11 Artistas”, Zelig, Porto Alegre, RS;

“Série Técnicas 4 –Xilogravura”, Galeria de Arte da CEE, Porto Alegre, RS;

“Dona Gaudina e Seus Bichos”, Quatro na Prensa, 33ª Feira do Livro, Porto Alegre, RS;

1988

“Gravadores Gaúchos”, MARGS, Porto Alegre, RS;

“10 Artistas Riograndenses”, MARGS, Porto Alegre, RS;

“A Jovem Gravura Contemporânea”, MARGS, Porto Alegre, RS;

“A Evolução da Gravura no Rio Grande do Sul”, MARGS, Itinerante, RS;

“A Arte Representativa do Sul”, Hotel Serrano, Gramado, RS;

1989

“A Jovem Gravura Contemporânea”, MAC, São Paulo, SP;

Arte Sul 89, MARGS, Porto Alegre, RS;

“Você Tem Um Encontro”, Enart Galeria, Florianópolis, SC;

“Arte Já”, Instituto Cultural José Artigas, Porto Alegre, RS;

1990

“Protocolos”, CDE, Porto Alegre, RS;

“Pinturas”, Galeria de Arte Badesul, Porto Alegre, RS;

9ª Salão de Artes Plásticas Câmara Municipal de Porto Alegre, RS;

“Arte em La Calle”, Grupo Quase, Plaza Fabini, Montevideú, Uruguai;

“Gravuras do CAVA”, CDE, Carlos Barone, Passo Fundo, RS;

“... E outra Noite com o MAM”, Parque Laje, Rio de Janeiro, RJ;

“... E Outra Noite com o MAM”, Galeria Marisa Soibermann, Porto Alegre, RS;

III Encontro Latino Americano de Arte, MARGS, Porto Alegre, RS;

“Atelier de Litografia”, Galeria Marisa Soibermann, Porto Alegre, RS;

1991

“Atelier 30 anos”, Último Decênio: Cores e Dores, MARGS, Porto Alegre, RS;

Catálogo Geral, IEAV, MARGS, Porto Alegre, RS;

“A Rua Invisível”, Usina do Gasômetro, Porto Alegre, RS;

“Pintura no Muro”, Encontro Latino americano de Artes, Gasômetro, Porto Alegre, RS;

“O Artista e Sua Obra: As Cores do Meu Sonho”, Usina do Gasômetro, Porto Alegre, RS;

Oficina 11, Caixa Econômica Federal, Passo Fundo, RS;

1992

“Arte Contemporânea Gaúcha: Destaque do Sul”, Edel Trade Center, Porto Alegre, RS;

“Dona Gaudina e Outras Xilos”, Galeria Nelson Penteado, Santos/SP e Galeria de Arte Associação Badesul, Porto Alegre, RS;

Clube de Gravura da Oficina 11, Itinerante pelo Rio Grande do Sul, RS;

“Se esta Rua Fosse Minha...”, Workshop da Oficina 11, Porto Alegre, RS;

1993

“Acervo : Tapeçarias e Desenhos”, MARGS, Porto Alegre, RS;

Calendário da AMARGS, MARGS, Porto Alegre, RS;

“Acervo : Desenhos de 70 e 80”, MARGS, Porto Alegre, RS;

“CDE Mostra Oficina 11”, CDE, Porto Alegre, RS;

“Sem Clarins nem Baionetas”, Sala Zelig, Porto Alegre, RS;

“Presença de Paulo Peres”, Salas Negras, MARGS, Porto Alegre, RS;
 “Ponto de Encontro”, Fundação Cultural de Canela, Canela, RS;
 “Mostra de Desenho Gaúcho de 70 a 90”, Centro Cultural Brasil Espanha, Porto Alegre, RS;
 “Mostra de Desenho Gaúcho de 70 a 90”, Galeria de Arte Bildhaus, Porto Alegre, RS;
 “Um Estado de Idéias”, 39ª Feira do Livro de Porto Alegre, Porto Alegre, RS;
 XIIIª Feira de Gravura, MARGS, Porto Alegre, RS;
 “A Gravura e suas Técnicas”, Museu Leopoldo Gotuzzo, Pelotas, RS;
 “Arte Contemporânea Sobre o Papel”, MARGS, Porto Alegre, RS;

1994

“Onze... Onze... Onze... Litografias”, MASC, Florianópolis, SC;
 “Litografia Hoje”, MARGS, Porto Alegre, RS;
 “Projeto Aquisição”, MARGS, Porto Alegre, RS;
 “Então, Pois É...”, Galeria do Instituto Goethe, Porto Alegre, RS;
 “Pratos na Parede”, Atelier de Massas, Porto Alegre, RS;
 “Seleção da Copa do Mundo, Planeta Gool”, Porto Alegre, RS;
 VIª Jornada Transandina, Centro Cultural Santo Ângelo Custódio, Santo Ângelo, RS;
 “Oficina 11”, Museu do Trabalho, Porto Alegre, RS;
 “RS Litografias”, Museu Leopoldo Gotuzzo, Pelotas, RS;
 “Hoje Gravura Gaucha: 1984-1994”, MARGS, Porto Alegre, RS;

1995

“O Verso e o Perverso”, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre, RS;
 “Amigos Gravadores Homenageiam Danúbio”, Centro Municipal de Cultura, Porto Alegre, RS;
 “A Arte da Gravura”, MARGS, Itinerante pelo Estado, Porto Alegre, RS;
 “A arte na Poesia de Miranda”, Sala Augusto Meyer, casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre, RS;
 “Coletiva de Artistas”, Casa de Cultura/Prefeitura Municipal de Viamão, RS;

1996

Xª Feira da Gravura do Núcleo dos Gravadores do RS, Museu do Trabalho, Porto Alegre, RS;
 “Interferência”, Museu de Arte Dr. José Pinto Bicca de Medeiros, Alegrete, RS;
 “Grabado Contemporâneo”, Brasil SUR, Museo Del Grabado de Argentina y IEAV/SEC-RS, Buenos Aires, Argentina;
 Coletiva no MAVRS, Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, Passo Fundo, RS;
 Inauguração da Sala de Curtis, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, Viamão, RS;

“Retrospectiva 90-95”, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Pelotas, RS;
 “Feira de Gravura”, 42ª Feira do Livro, MARGS, Porto Alegre, RS;
 “1º Divertimento Arte Livre”, Centro Cultural Klieger, DMAE, Porto Alegre, RS;
 “Natal das Artes”, Centro Cultural Klieger, DMAE, Porto Alegre, RS;

1998

“Orientadores e Alunos: produção de 1997”, Porto Alegre em Buenos Aires, Centro Cultural Recoleta, Buenos Aires, Argentina;
 “Desenhos”, Restaurante Birra e Pasta, Centro Comercial Praia de Belas, Porto Alegre, RS;
 “Gatos Artistas”, Casa 26 Equipe de Artes, Porto Alegre, RS;
 Iª Muestra Regional de Artes Plástica Mercosul 98;
 “Brazilian Artists From Rio Grande do Sul”, Embaixada do Brasil, Amesterdan Holanda;
 Encontros das Artes Plásticas, Centro de Cultura, Viamão, RS;
 “Olhar Intimista mini gravuras”, Museu do Trabalho, Porto Alegre, RS;
 “Pra ver com lupa : mine gravuras”, Museu do Trabalho, Porto Alegre, RS;
 VII ° Foro de Gobernadores de la Provincias y Estados del Mercosur, Ciudad de Santa Fé, Argentina;

1999

Coletiva de Desenho, MAVRS, Passo Fundo,RS;
 Amigos de Adelaide, “Adelheid Tomaselli”, Museu do Trabalho, Porto Alegre, RS;
 “Censura e Exclusão”, VIIIª Jornada Nacional de Literatura, MAVRS, Passo Fundo, RS;
 “Um Momento Para o Ser Humano”, Bolsa de Arte Galeria, Porto Alegre, RS;
 “Palavra Visual”, Grupo Totem, Khôra Atelier de Artes Visuais, Porto Alegre, RS;
 “Ex-Alunos de Paulo Peres”, XIII Festival de Arte Cidade de Porto Alegre, Espaço Alternativo do Atelier Livre, Porto Alegre, RS;
 “Porto Alegre Gravura”, IAB/RJ, Mostra Rio Gravura, Rio de Janeiro, RJ,.
 “Impressões Gravuras”, Atelier Livre, Porto Alegre/RS;

2000

Coleção Gravuras do Atelier Livre, Pinacoteca Municipal Berta, MARGS, Porto Alegre, RS;
 “3ª Exposição de Fine Arts no Egito”, National Centre de Fine Arts, Giza, Egito;

2001

“Trilhando a Gravura”, Museu Chácara do Céu, Santa Teresa, Rio de Janeiro;
 “A Gravura Gaúcha”, Rio Mostra Gravura, Centro Cultural dos Correios, RJ;
 Feira da Gravura, Ulbra, Canoas, RS;
 “Arte no Peito”, Exposição de Camisetas, MAVRS, Passo Fundo, RS;

2002

“Aquisições: 1999 – 2002”, MARGS, Porto Alegre, RS;
 “Interacidades”, Galeria Arlindo Daibert, Juiz de Fora, MG;
 Acervo de Gravura, MAVRS, Passo Fundo, RS;

2003

“Interacidades”, Sala Iberê Camargo, Usina do Gasômetro, Porto Alegre, RS;
 “L’ acqua la sete nel mondo”, Fórum Mundial da Água, Florença, Itália;
 “A infantil-arte – Oriente e Ocidente”, Shinseken, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre, RS;
 Festival Multipli-X, 2ª edição, Auditório Goethe, Porto Alegre, RS;
 “Coleção Paulo Dalacorte”, Biblioteca Dr.Léo Stumpf, Getulio Vargas, RS;
 “Caixas”, Espaço Xico Stockinger, Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre, RS;

2004

“Olhar intimista: Mini Gravuras”, Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre, RS;
 “Vinte e Um - Encontro Plural”, Sala Iberê Camargo, Porto Alegre, RS; - “Impressões:
 Panorama da Xilogravura Brasileira”, Santander Cultural, Porto Alegre, RS;
 “Trilhando a Gravura”, Galeria Iberê Camargo, Usina do Gasômetro, Porto Alegre, RS;
 “L’ aqua ode ao Guaíba”, Paço Municipal, Porto Alegre, RS;
 12ª Mostra da Gravura, 18ª Feira do Livro de Passo Fundo, RS;

2006

“MAC no Cais do Porto”, MAC Armazém A6 do Cais, Porto Alegre, RS;
 “45 Anos do Atelier Livre”, Galeria Iberê Camargo, Porto Alegre, RS;
 Ex-libres “Radamés Gnatalli: o músico”, Paço Municipal, Porto Alegre, RS;
 “Ao Teu Lado”, Casa da Gravura, Porto Alegre, RS;
 “O Papel de Otávio”, MARGS, Porto Alegre, RS;
 “A arte da Gravura”, Casa da Gravura, Porto Alegre, RS;

2007

“As Cidades Imaginadas de Érico Veríssimo”, Galeria João Fahrion, MARGS, Porto Alegre, RS;
 “45 Anos do Atelier da Prefeitura”, Atelier Livre, Porto Alegre, RS;
 “Pequenos Desenhos”, Galeria Subterrânea, Porto Alegre, RS;
 “Um Livro para Porto Alegre”, Centro Cultural Usina do Gasômetro, Porto Alegre, RS;

“20/20 todas as formas de arte em um único formato”, Bolsa de Arte Galeria, Porto Alegre, RS;

“As Cidades Imaginadas de Érico Veríssimo”, Centro de Cultura Casa da Moeda, Rio de Janeiro, RJ;

“A Arca do Arroio Dilúvio”, Essa POA é Boa, Antiga Fabrica da Renner, Shopping DC, Porto Alegre, RS;

2008

“20/20 Todas as Formas de Arte”, Bolsa de Arte Galeria, Porto Alegre, RS;

“Brasileiríssimas 2”, Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, Porto Alegre, RS;

“Os Gravo – gráficos”, Espaço Cultural ESPM, Porto Alegre, RS;

“Gráfica Gaúcha II”, Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, Porto Alegre, RS;

2009

“20X20 Infinitos Olhares”, Bolsa de Arte Galeria, Porto Alegre,RS;

2010

“Premiados no IV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas”, Galeria do Paço Municipal, Porto Alegre, RS.

“Museu do Trabalho no Instituto de Artes: Doação do Consórcio de Gravuras”, Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Instituto de Artes, UFRGS.

Prêmios

1975

IV° Salão Universitário, Porto Alegre-RS;

VII° Salão de Arte Religiosa Brasileira, Museu de Arte Sacra de Londrina, Londrina-PR;

1976

V° Salão Universitário, Porto Alegre-RS;

1980

IX° Salão Jovem Artista, Porto Alegre-RS;

1981

II° Concurso Igel de Litografia, Atelier Livre, Porto Alegre-RS;

IX° Mostra de Gravura de Curitiba, Curitiba-PR;

1990

IX° Salão de Câmara de Porto Alegre, MARGS, Porto Alegre-RS;

2010

IV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, Destaque em Gravura, Porto Alegre-RS;

Obras em Acervo

MARGS, Porto Alegre-RS;

Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, Curitiba-PR;

Pinacoteca da APLUB, Porto Alegre-RS;

Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, Porto Alegre-RS;

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Pelotas-RS;

Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, MARV, Passo Fundo-RS;

Pinacoteca Berta-Locateli, Porto Alegre-RS;

Museu do Trabalho, Porto Alegre-RS;

Casa da Xilogravura, Campos do Jordão, São Paulo-SP;

Museu de Arte Contemporânea de Santa Catarina, Florianópolis-SC.